

EDUCAÇÃO

Teorias e Práticas na Era Digital

Organização

LIGIANE OLIVEIRA DOS SANTOS SOUZA

LEYSDIANE CRISTINA DA SILVA RODRIGUES

MARIA DIAS DE CARVALHO

MARIA ALVES DANIEL

EDITORA
UNION



EDUCAÇÃO

Teorias e Práticas

na Era Digital

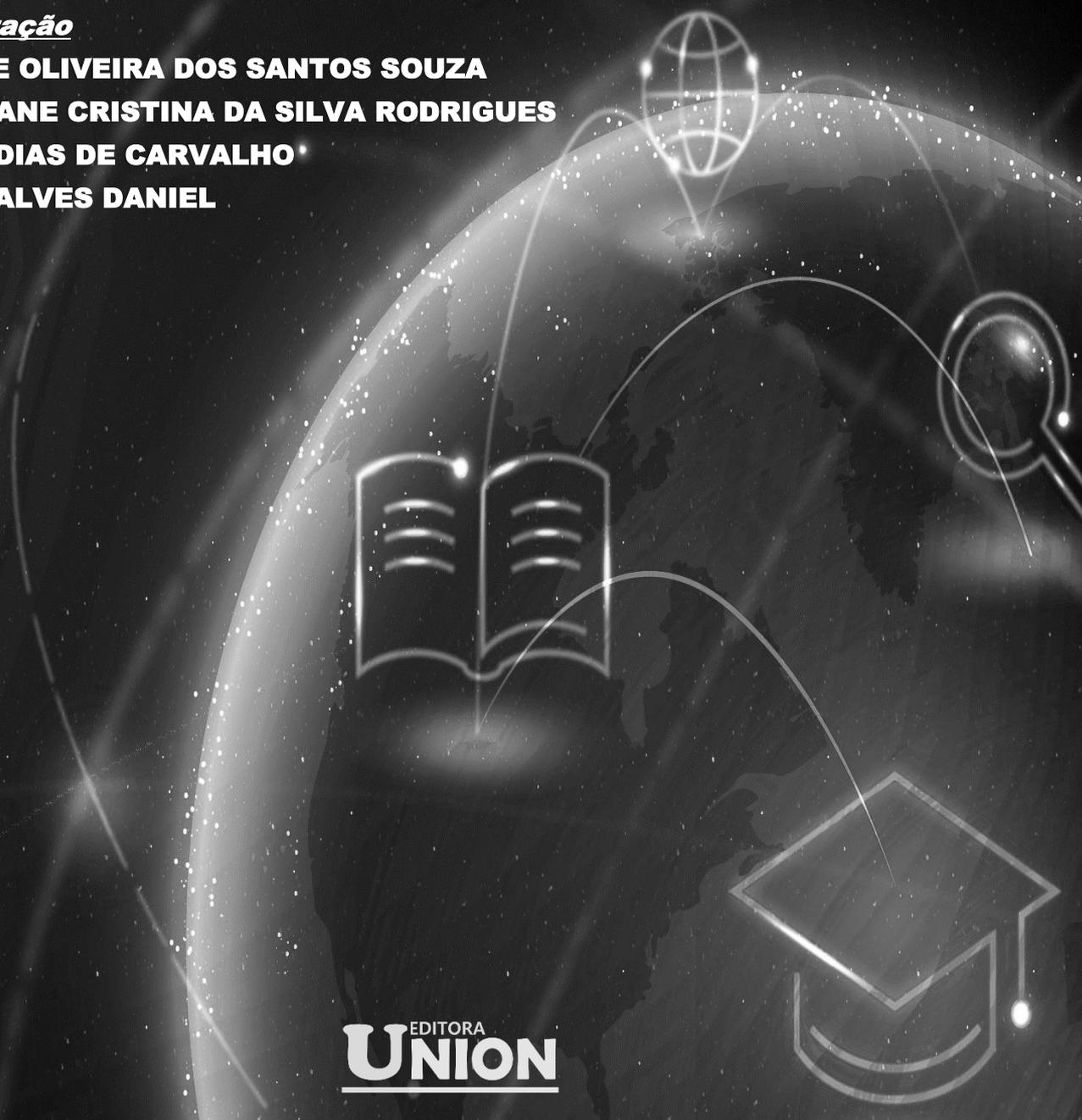
Organização

LIGIANE OLIVEIRA DOS SANTOS SOUZA

LEYSDIANE CRISTINA DA SILVA RODRIGUES

MARIA DIAS DE CARVALHO

MARIA ALVES DANIEL



EDITORA
UNION

© 2022 – Editora Union

www.editoraunion.com.br

editoraunion@gmail.com

Organização

Ligiane Oliveira dos Santos Souza
Leysdiane Cristina da Silva Rodrigues
Maria Dias de Carvalho
Maria Alves Daniel

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Union

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricalael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Educação: Teorias e Práticas na Era Digital
E24e / Ligiane Oliveira dos Santos Souza, Leysdiane Cristina da Silva Rodrigues,
Maria Dias de Carvalho (organizadoras). – Formiga (MG): Editora Union,
2022. 183 p. : il.

Outra organizadora
Maria Alves Daniel

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84885-10-3
DOI: 10.5281/zenodo.7245607

1. Educação. 2. Teorias e Práticas. 3. Era Digital. 4. Ensino e Aprendizagem.
I. Souza, Ligiane Oliveira dos Santos. II. Rodrigues, Leysdiane Cristina da Silva. III.
Maria Dias de Carvalho. IV. Daniel, Maria Alves. II. Título.

CDD: 371.334
CDU: 37

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os
fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Union
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoraunion.com.br
editoraunion@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoraunion.com.br/2022/10/educacao-teorias-e-praticas-na-era.html>



AUTORES

ALEXANDRINA MARIA PEREIRA DE FARIAS
ANGELA ROMÃO SOBRINHO NUNES
ANTÔNIO VERAS NUNES
ARIANA PATRICIA DA SILVA
CLEIDES FERREIRA DOS SANTOS LIMA
CRISTIMAR CARVALHO DUARTE
EDILENE MARIA DA SILVA NASCIMENTO
ELAINE VANESSA DOS SANTOS LIMA
ELIZABETH SOARES DOS SANTOS MIRANDA
EVANIA DE OLIVEIRA SOUZA
FABIANA SATURNINO DA SILVA
FATIMA VIEIRA DOMICIANO FORTURNATO
IDONETE RODRIGUES DE FRANÇA
IONE ALVES DE SOUZA SALAPATA
IVANICE ELLVANGER CHALITO
LIGIANE OLIVEIRA DOS SANTOS SOUZA
LUZIA DA SILVA PAULINO NASCIMENTO
MARIA CRISTINA DE ANDRADE SILVA
MARIA DAS DORES ROMÃO SOBRINHO DOS SANTOS
MARILENE DE SOUZA
MARINES DA SILVA VARGAS
MARISANE EHLE
ROSA APARECIDA CELSO SILVA GATTO
ROSÂNGELA APARECIDA VERONEZI
SUELI CARVALHO RICCI DA CRUZ
VERA LUCIA PINHEIRO

APRESENTAÇÃO

As novas tecnologias são uma grande aliada da educação, elas têm o poder de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. Se for colocada em prática de forma responsável e criativa, a tecnologia promove diversos benefícios para os alunos e até mesmo para os professores. Com a popularização da tecnologia, é comum que as novas gerações tenham esses equipamentos inseridos em seu dia a dia, e a escola não deve estar de fora dessas influências. Vale deixar claro que a tecnologia não substitui o papel dos professores na educação, sendo fundamental que os educadores saibam conduzir a utilização dessas novas mídias e softwares.

Com a tecnologia tão presente e ativa na educação, não basta apenas inseri-la e pronto, é preciso um novo olhar na forma de educar, modificar as metodologias de ensino, buscar meios em que seja realmente útil inserir recursos tecnológicos, onde as crianças podem de fato explorá-las de maneira inteligente e produtiva. Os professores também precisam ser preparados para que possam desenvolver planejamentos estratégicos que incorporem a tecnologia na sala de aula, nos diferentes contextos disciplinares, além disso, eles precisam ter o domínio completo destas ferramentas.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Esta obra conta com trabalhos científicos da área de Educação e Tecnologia, aliados às temáticas das práticas ligadas a a inovação e aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA <i>Fabiana Saturnino da Silva; Idonete Rodrigues de França; Marilene de Souza; Ione Alves de Souza Salapata</i>	9
Capítulo 2 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DAS ATIVIDADES LÚDICAS <i>Idonete Rodrigues de França; Marilene de Souza; Ione Alves de Souza Salapata; Fabiana Saturnino da Silva</i>	16
Capítulo 3 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR <i>Ione Alves de Souza Salapata; Idonete Rodrigues de França; Marilene de Souza; Fabiana Saturnino da Silva</i>	33
Capítulo 4 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Marilene de Souza; Fabiana Saturnino da Silva; Ione Alves de Souza Salapata; Idonete Rodrigues de França</i>	49
Capítulo 5 ESTRUTURAS PSICOMOTORAS <i>Cleides Ferreira dos Santos Lima; Elaine Vanessa dos Santos Lima; Marines da Silva Vargas; Cristimar Carvalho Duarte</i>	63
Capítulo 6 AUTISMO SOBRE O FILME UMA FAMÍLIA ESPECIAL <i>Marines da Silva Vargas; Cristimar Carvalho Duarte; Cleides Ferreira dos Santos Lima; Elaine Vanessa dos Santos Lima</i>	70
Capítulo 7 PSICOLOGIA SOBRE O FILME MÃOS TALENTOSAS <i>Cristimar Carvalho Duarte; Cleides Ferreira dos Santos Lima; Elaine Vanessa dos Santos Lima; Marines da Silva Vargas</i>	77
Capítulo 8 JOGO ONLINE NA PANDEMIA <i>Elaine Vanessa dos Santos Lima; Cristimar Carvalho Duarte; Cleides Ferreira dos Santos Lima; Marines da Silva Vargas</i>	85
Capítulo 9 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR-PEDAGOGO NA ORIENTAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO <i>Vera Lucia Pinheiro; Ivanice Ellvanger Chalito; Alexandrina Maria Pereira de Farias; Rosângela Aparecida Veronezi</i>	95
Capítulo 10 O PAPEL DO PEDAGOGO NA EFETIVAÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA <i>Ivanice Ellvanger Chalito; Alexandrina Maria Pereira de Farias; Rosângela Aparecida Veronezi; Vera Lucia Pinheiro</i>	101

Capítulo 11 “ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL I” <i>Iracema Luzia de Sales Souza; Fatima Vieira Domiciano Forturnato</i>	111
Capítulo 12 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS <i>Iracema Luzia de Sales Souza; Fatima Vieira Domiciano Forturnato</i>	119
Capítulo 13 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL <i>Ariana Patricia da Silva; Sueli Carvalho Ricci da Cruz; Marcia Batista de Souza da Silva; Evania de Oliveira Souza</i>	127
Capítulo 14 A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR QUE VIABILIZE A REALIZAÇÃO DE UMA SEMANA CULTURAL <i>Ariana Patricia da Silva; Sueli Carvalho Ricci da Cruz; Marcia Batista de Souza da Silva; Evania de Oliveira Souza</i>	136
Capítulo 15 GAMIFICAÇÃO INFANTIL <i>Rosa Aparecida Celso Silva Gatto; Marisane Ehle; Luzia da Silva Paulino Nascimento; Maria Cristina de Andrade Silva</i>	142
Capítulo 16 A UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIGITAIS PARA USO EDUCACIONAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL <i>Rosa Aparecida Celso Silva Gatto; Marisane Ehle; Luzia da Silva Paulino Nascimento; Maria Cristina de Andrade Silva</i>	150
Capítulo 17 RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO COTIDIANO DA SALA <i>Angela Romão Sobrinho Nunes; Antônio Veras Nunes; Edilene Maria da Silva Nascimento; Maria das Dores Romão Sobrinho dos Santos</i>	157
Capítulo 18 LUDICIDADE <i>Angela Romão Sobrinho Nunes; Antônio Veras Nunes; Edilene Maria da Silva Nascimento; Maria das Dores Romão Sobrinho dos Santos</i>	163
Capítulo 19 AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Elizabeth Soares dos Santos Miranda; Ligiane Oliveira dos Santos Souza</i>	173

Capítulo 1
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA
Fabiana Saturnino da Silva
Idonete Rodrigues de França
Marilene de Souza
Ione Alves de Souza Salapata

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

Fabiana Saturnino da Silva

Idonete Rodrigues de França

Marilene de Souza

Ione Alves de Souza Salapata

RESUMO

Narrar uma história será sempre um exercício de renovação da vida, um encontro com a possibilidade, com o imaginário e o desafio de, em todo tempo e em todas as circunstâncias, construir um final de maneira de cada leitor/ouvinte, atuando no desenvolvimento comunicativo devido à sua provocação de oralidade que leva a criança a dialogar com seus colegas ouvintes e a (re)contar a história para seus amigos que não estavam presentes naquele momento, conduzindo à auto crítica reflexiva, improvisação e melhora na forma de recontar e até criar seus textos. Com isso, também é desenvolvida a interação sócio-cultural da criança ao proporcionar essa relação entre crianças e a criação de laços sociais e formação de gosto pela literatura e artes. Além disso, contar bem uma história pode entrar na comunicação oral, ser convincente, saber argumentar contar não só pela magia pelo domínio do contador. A arte de contar histórias é uma prática milenar que teve seu início desde os primórdios da humanidade por meio da tradição oral.

Palavras-chaves: Lúdico. Aprendizagem . Arte.

JUSTIFICATIVA

O ato de contar e ouvir histórias surge como uma possibilidade libertária de aprendizagem e como uma atividade de suma importância na construção do conhecimento e do desenvolvimento ético e significativo da criança enquanto ser humano, considerando que no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola pretende-se formar cidadãos com autonomia de atitude e pensamentos, respeitando suas características individuais e fornecendo-lhe oportunidades de desenvolver suas próprias capacidades, respeitando seu tempo e seus interesses, fornecendo para isso estímulos variados e adequados para seu estágio de desenvolvimento.

Neste sentido a escolha deste projeto cria um contexto de estudo, organização a sistematização e socialização dos conhecimentos dos alunos sobre a importância de contar história e o processo de leitura.

Sendo assim o objetivo geral é : proporcionar oportunidade para que os alunos desenvolvam o gosto pela leitura, colocando-os em contato com diversos gêneros textuais, e elencados como seguintes objetivos que são:

- Ler e produzir textos;
- Desenvolver a linguagem oral;
- Agregar à produção textual a função social da escrita utilizando-se de cartas, bilhetes e convites sempre que necessário, favorecendo aos alunos maior contato com cartas enviadas e recebidas;
- Recontar as histórias em salas das escolas e outros lugares solicitados;
- Mostrar/ socializar com os pais o desenvolvimento do projeto.

CONTEÚDOS

Leitura, Interpretação de textos, atividades interativas, socialização.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O ambiente social e as condições de vida da criança desempenham papel importante nesse processo, uma vez que recebe do meio os mais variados estímulos que vão promover seu desenvolvimento. O domínio da linguagem oral e escrita é fundamental para a participação social, pois são meios de comunicação, de acesso à informação, e forma de se expressar e defender pontos de vista, partilhar ou construir visões de mundo, produzir conhecimento, etc. A criança deve ter oportunidades de vivenciar a leitura e a escrita, tal qual vivenciou a fala, pois a partir do contato com diferentes materiais escritos passa a compreender suas funções, tipo de grafia, etc., levando-se em consideração que a leitura e a escrita são importantes na escola porque é importante fora da escola, e não o contrário. (FERREIRO, 1993)

O projeto vai iniciar no mês de agosto do ano de 2021 com uma turma de alunos de 3º ano na faixa etária de 7 a 8 anos, durante uma roda de conversa para levantamento do que gostariam de aprender durante o ano letivo (tempestade de idéias). Um dos itens levantado foi ouvir e contar histórias.

A próxima etapa foi discutir como iríamos realizar esse projeto, como seria chamado, o que iríamos precisar e a função e responsabilidade de cada um dentro do grupo.

Para a criação do nome do projeto os alunos foram falando as idéias e a assim como escreva colocando no grupo de whatsapp, questionando como escrever, que letras utilizar, segmentação, palavras repetidas, idéias parecidas e outros. No final foi realizada uma votação para a escolha do título do projeto e com 12 votos ficou decidido: “A arte de contar história”.

Depois do nome escolhido a classe decidiu que vários tipos de textos seriam estudados como: fábulas, contos, histórias de terror, lendas, histórias em quadrinhos e outros; concluiu-se, assim, que para trabalharmos com esse projeto teríamos que ler muito, pesquisar recursos e materiais para utilizar na contação de histórias, além de reescrever as histórias e registrar em um caderno.

Dessa forma, a professora trazer uma nova maleta e um caderno decorado; então, coletivamente foram criadas as regras para a maleta, que recebeu na seqüência o registro dessas regras por um aluno e os demais assinaram. Ficou também decidido que a escolha do(a) aluno(a) a levar diariamente seria através de sorteio e o(a) aluno(a) teria que ir até a biblioteca da escola escolher um livro, encaminhar-se até a sala onde está a máquina de xerox e copiar a capa que deveria, então, ser anexada no caderno e ao lado desta, em uma outra folha, o(a) aluno(a) completaria com o título, autor, ilustrador, comentário da história e nome do(a) aluno(a); finalmente, o(a) aluno(a) teria que socializar a história com a família e com os colegas da classe no dia seguinte.

Trabalhando com fábulas

Serão lidas diversas fábulas pela professora e pelos alunos que também traziam materiais de casa como: livros e textos que continham fábulas, e pesquisavam diversas versões como dos autores Esopo, La Fontaine e nosso escritor brasileiro Monteiro Lobato.

Durante esse processo será feita a reescrita de fábulas, a produção de cartazes, ilustrações utilizando recursos diversos, tais como dobraduras, exposição no mural, além de reconto utilizando recursos como fantoche, caixas e objetos.

Assim, a professora irá trazer a biografia destes autores explorando cada uma, o que tinha de semelhante, e analisando os elementos necessários para a elaboração de uma biografia.

Dando continuidade, realizará a leitura de fábulas diariamente e a exploração das versões. Os alunos reescreveram diversas dessas fábulas individualmente e em duplas. A correção será realizada ora com intervenções individuais ora coletivamente; houve, inclusive, momentos em que a professora escolheu uma das fábulas produzidas, e copiou-a em cartaz exatamente da maneira que havia sido produzida pelo aluno com intuito de explorar as questões de ortografia, pontuação, coesão e outros.

Utilizando-se de textos produzidos por eles mais significativos (não entendi...). Depois das fábulas prontas os alunos iram ler para a turma e para outras classes da escola e anexavam no mural da classe. Muitas dessas fábulas produzidas foram postadas no blog da nossa turma.

Produção de cartas

Durante o projeto ocorrerá diversos momentos de produção de cartas por diversos motivos como: solicitação de autorização aos pais para divulgações de imagens no nosso blog.

Quanto à escrita de cartas, pretende-se que os alunos: construíssem a noção de destinatário e remetente, apropriando-se da estrutura da carta (silhueta), adquirissem capacidade de argumentar e colocar suas idéias para aquela determinada ação empregasse corretamente pontuação e parágrafo, trabalhassem e convivessem em grupo aceitando as idéias, identificasse no envelope e em uma carta o remetente, destinatário, lugar de origem, data, indicassem o conteúdo da carta (objetivo) quanto ao tipo: agradecimento, convite, solicitação ou outros. Além de tudo, esperava-se que os alunos percebessem o uso real da leitura e escrita, ou seja, que se escreve com objetivo de informar algo.

Neste caso, a escrita das cartas torna-se ferramenta importante para nosso projeto.

A professora deve trazer diversos modelos de cartas para serem lidas e alguns alunos trouxeram também de casa, que serviram de ferramentas para pesquisa e levantamento do que uma carta possui sua estrutura (silhueta) e

tudo que pudesse ser explorado. Ao longo da necessidade, essas cartas foram construídas coletivamente, ocasiões nas quais os alunos falavam as informações e a professora era a escriba. Depois de um tempo, os grupos começaram a produzir com autonomia, dialogando, discutindo, expondo suas idéias, sabendo o que queriam escrever.

É preciso que aprendam os aspectos notacionais da escrita (o princípio alfabético e as restrições ortográficas) no interior de um processo de aprendizagem dos usos da linguagem escrita. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a escrever, escrevendo” (BRASIL, PCN 1997).

A produção coletiva de cartas ao longo do projeto tentará favorecer a análise e a reflexão sobre o sistema alfabético de escrita a correspondência fonográfica, correspondência entre segmentos falados e escritos, a divulgação do escrito a outros leitores e por fim procurando explorar, de um lado, o contexto de produção (quem fala ou escreve, para quem, com que intenção, em que situação, etc) e, de outro, o reconhecimento e a apropriação de suas características formais (composição e estilo).

RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS

- Materiais: livros de historinhas, cartolina

AVALIAÇÃO

O processo avaliativo do presente projeto ocorrerá através observações dos desenvolvimentos das atividades, bem como sondagens por parte dos professores regentes sobre o rendimento dos alunos após o desenvolvimento das atividades, sendo realizadas adequações necessárias para as oficinas que o posteriormente ocorrerão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento a imaginação, auxiliou as crianças a organizarem o discurso, através da coerência e da normalidade, além da segurança, passaram a se interessar mais pela leitura, nos seus diversos estilos.

Enfim, conseguir desenvolver pessoalmente apresentando maior independência, iniciativa, grande respeito pelos colegas com espírito de

solidariedade e cooperação, autoconfiança, criticidade, além do grande enriquecimento do vocabulário, interesse por ler e compreender dentro e fora da escola e produzir não só para eles como para divulgar e registrar o que já sabem.

Conclui-se que o meu principal objetivo é a evolução dos alunos; isso acontece quando não nos preocupamos em alfabetizar pura e simplesmente, mas preocupamo-nos em “alfabetizar letrando”. Ainda acredito que as crianças levarão para sempre a oportunidade que lhes foi oferecida, uma forma diferente de aprender e que todos, sem exceção, tiveram evolução nesta aprendizagem.

BIBLIOGRAFIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, L.C. Alfabetização e Linguística. 9 ed. São Paulo: Scipione, 1996.

FERREIRO, E. Com Todas as Letras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1993. FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. Ofício do professor. Aprender mais para ensinar melhor. Ed. Abril 2002. Vol 3 / Leitura e Escrita.

GOMES, C. Necessidades educacionais especiais: concordância de professores quanto à inclusão escolar. Temas sobre Desenvolvimento, São Paulo, v. 14, n. 79, p. 23-31, 2005.

MARINHO, América dos Anjos Costa. Módulo Introdutório. Estudar Pra Valer. São Paulo, 2005.

PERROTA, C., MÄRTZ, L. & MASINI, L. Histórias de contar e de escrever: A linguagem do cotidiano. São Paulo: Summus, 1995.

Capítulo 2
O PROFESSOR COMO MEDIADOR DAS ATIVIDADES
LÚDICAS

Idonete Rodrigues de França

Marilene de Souza

Ione Alves de Souza Salapata

Fabiana Saturnino da Silva

O PROFESSOR COMO MEDIADOR DAS ATIVIDADES LÚDICAS

Idonete Rodrigues de França

Marilene de Souza

Ione Alves de Souza Salapata

Fabiana Saturnino da Silva

RESUMO

O lúdico na educação infantil tem sido um dos instrumentos que fomentam um aprendizado de qualidade para a criança, a partir das técnicas que promovem o desenvolvimento das habilidades fundamentais nesse processo. Nesse sentido, esse trabalho tem a finalidade de compreender a inserção da criança e das atividades lúdicas no contexto da educação infantil e os reflexos dessa prática em seu desenvolvimento global. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica e elencou-se assuntos pertinentes para esse entendimento. O lúdico permite novas maneiras de ensinar, associado a fatores como: capacitação dos profissionais envolvidos, infra-estrutura, pode-se obter uma educação de qualidade, capaz de ir ao encontro dos interesses essenciais à criança, pois as atividades lúdicas não são somatórias, mas sim fazem parte do processo de aprendizagem. No entanto, ressalta-se que é preciso entendimento sobre o direcionamento de tais atividades. É o professor quem deve conduzir o aluno e as atividades a serem realizadas. O lúdico permite novas maneiras de ensinar, associado a fatores como: capacitação dos profissionais envolvidos, infra-estrutura, pode-se obter uma educação de qualidade, capaz de ir ao encontro dos interesses essenciais à criança, pois as atividades lúdicas não são somatórias, mas sim fazem parte do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Lúdico. Aprendizagem . Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem a temática como o lúdico como ferramenta importante para o processo de aprendizagem na Educação Infantil, ressaltando a realidade pedagógica de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Barra do Bugres. Assim, na prática pedagógica atualmente sugere-se que seja utilizada atividades lúdicas como forma de facilitar a motivação do aluno, além de sua adaptação e socialização do mesmo no seio escolar, visto que, através do lúdico, a criança estando motivada se adapta no ambiente no qual está inserido, aprendendo a conviver no dia-a-dia com as pessoas que compõe o meio social no qual está inserido. Tendo como objetivo geral

analisar o uso de técnicas de atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil na prática pedagógica do professor. Mostrar as contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento infantil. Identificar a utilização e aplicação da prática lúdica em sala de aula e se os profissionais possuem interação de que estas influenciam significativamente no processo de aprendizado da criança. Descrever quais atividades lúdicas que os professores utilizam e quais tem a melhor eficácia no processo da construção de conhecimento da criança.

Entretanto, o problema que gerou esse estudo foi justamente a não utilização do lúdico na sala de aula, pela maioria dos professores, desenvolvendo situações e práticas pedagógicas tradicionais e sem dinamismo.

Fundamentado em entrevistas com os docentes, o projeto tem a proposta de relatar através de uma pesquisa em campo, mais especificamente com professores de turmas da faixa etária pré-escolar, com base nessas informações, comparativas no que diz respeito a metodologia de ensino em que os mesmos estão submetidos, as atividades lúdicas é utilizada como recurso no processo de ensino aprendizagem.

O lúdico é uma ferramenta importante para processo de aprendizagem da criança, a partir de uso de técnicas com atividades lúdicas que ajudam em seu desenvolvimento e habilidades, que são fundamentais para o seu processo. Sendo assim esse projeto tem a finalidade de compreender que as atividades lúdicas faz com que a criança seja incluída em seu meio social tendo o professor como mediador de ação que ajudam a interação do mundo da aprendizagem escolar e familiar.

A ludicidade promove às crianças um outro olhar diferente, referente ao que se é ensinado, tudo que é maçante se torna mais atrativo e de fácil compreensão. Há um envolvimento e interesse maior nas questões proposta, pois tudo se torna mais agradável. De acordo com Kishimoto (2002):

“o lúdico na educação se justifica porque: é um recurso pedagógico: possui componentes do cotidiano e o envolvimento desperta o interesse do educando, que se torna sujeito ativo do processo; os jogos e brincadeiras proporcionam a observação das habilidades e dos interesses dos educandos”.

É possível dizer que o lúdico é uma ferramenta pedagógica que os professores podem utilizar em sala de aula como técnicas metodológicas na aprendizagem, visto que através da ludicidade os alunos poderão aprender de forma mais prazerosa, concreta e, conseqüentemente, mais significativa, culminando em

uma educação de qualidade.

Ao planejar o professor deve estar atento para não transformar as atividades lúdicas em um caráter apenas instrumental, ou seja utilizar esse momento de explorar e conhecer o mundo como reforço as normativas e regras sociais, dentre outras.

Segundo Santim (1996) apud Junior (2005), a ludicidade está relacionada a liberdade, criatividade, participação, imaginação, interação, autonomia. Sendo assim, por meio de atividades lúdicas, é possível fazer com que a criança atribua significados e sentido ao seu mundo real. Consideramos que o lúdico é essencial na aprendizagem dos alunos, por meio deste as crianças constroem seus conhecimentos de forma prazerosa e atribuindo significados.

É possível dizer que o lúdico é uma ferramenta pedagógica que os professores podem utilizar em sala de aula como técnicas metodológicas na aprendizagem, visto que através da ludicidade os alunos poderão aprender de forma mais prazerosa, concreta e, conseqüentemente, mais significativa, culminando em uma educação de qualidade. Entretanto, o problema que gerou esse estudo foi justamente a forma que os professores utiliza as atividades lúdicas na sala de aula para interagir a criança socialmente. Quais são os recursos que o professor utiliza para incentivar a criança a interagir socialmente em sala de aula? É entendido que é através das atividades lúdicas que as crianças expressam suas vontades e desejos. Através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona ideias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, por meio dele vai se socializando com as demais crianças. Como as atividades lúdicas são capazes de contribuir para o crescimento intelectual da criança?

DESENVOLVIMENTO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Infantil no Brasil é uma modalidade da Educação Básica que atende pedagogicamente crianças com idades entre zero e cinco anos e onze meses. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394, seção II, Art. 29), a Educação Infantil é oferecida para, em complementação à ação da família, proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu processo de transformação da natureza pela convivência social.

A educação vista sobre o prisma da aprendizagem representa a vez da voz, o resgate da vez e a oportunidade de ser levado em consideração. O conhecimento como cooperação, criatividade e criticidade, fomenta a liberdade e a coragem para transformar, sendo que o aprendiz se torna no sujeito ator como protagonista da sua aprendizagem.

Aprendizagem é um destes fatores. Diferentemente dos outros animais, no homem a aprendizagem é vista como um sistema dinâmica de interação, pois é um processo, biológico, intelectual, emocional e social. Nos últimos anos, muitos são os estudos sobre aprendizagem, e o não aprender, e que direta ou indiretamente procuram desvelar como o homem aprende. Não existe uma fonte única, capaz de englobar os elementos fundamentais à compreensão da aprendizagem, mas acreditam-se nas propostas que ressaltam a importância dos processos mentais superiores, sendo resultado da interação do organismo com o meio.

Portanto, a aprendizagem tem um sentido amplo: abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida efetiva e assimilação de valores culturais. Enfim, aprendizagem refere-se a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida.

Aprendizagens são todas as modificações, relativamente permanentes, de nossas tendências a reagir, que resultam da experiência. O comportamento apreendido não é instável, pois o ser humano modifica-se durante toda a sua vida.

A teoria de Ausubel sustenta três tipos gerais de aprendizagem conforme Moreira aborda que:

Aprendizagem Psicomotora Envolve habilidades motoras simples até as mais complexas através de treino e prática. **Aprendizagem cognitiva** Aprendizagem realizada através da aquisição de conhecimentos e informações e suas interpretações tendo como base seus conceitos. É resultante do que o indivíduo armazena no seu aprendizado. **Aprendizagem afetiva – emocional** Resulta dos sinais internos do indivíduo. Dependem do ambiente escolar, respeito e a valorização do aluno. Para se obter o aprendizado é de suma importância que o aluno tenha vontade em aprender. Tenha motivação para o aprendizado e esta motivação pode ser estimulada pelo professor através de recursos atrativos, utilizando a linguagem do aluno com intuito de enriquecer seus conhecimentos. Uma forma de tornar o saber prazeroso é inserindo jogos e brincadeiras no planejamento de curso em cada disciplina. (Moreira 1982, p.89 e 90)

O processo de aprendizagem, bem como suas dificuldades, deixa de focalizar somente o aluno e o professor isoladamente e passa a ser visto como um processo de interações entre ambas as partes com inúmeras variáveis que precisam ser apreendidas com bastante cuidado pelo professor e psicopedagogo.

Segundo Moreira (1999), para Ausubel,

aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação se relaciona, de maneira substantiva (não-literal) e não-arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do indivíduo. Isto é, nesse processo a nova informação interage com uma estrutura de conhecimento específica, a qual Ausubel chama de “conceito subsunçor” ou, simplesmente, “subsunçor”, existente na estrutura cognitiva de quem aprende. (MOREIRA 1999, p.11)

Sob este entendimento, podemos dizer, então, que a nova informação ancora-se nos conhecimentos prévios que o aluno traz consigo, que são os subsunçores, ocorrendo a aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa é caracterizada por uma interação entre o cognitivo individual e as novas informações, atingindo assim, novos significados numa diferenciação e elaboração da estrutura cognitiva do aluno.

Os conceitos mais relevantes e inclusivos dos alunos interagem com o novo conhecimento, ancorando-os, numa relação de interação, e, ao mesmo tempo, modificando-os em função dessa ancoragem. Essa aprendizagem significativa contrapõe-se à aprendizagem mecânica, que é aquela baseada em um armazenamento de informações de forma arbitrária e sem interação com os conhecimentos prévios na estrutura cognitiva do aluno. Essa mecanização pouco ou nada contribui para uma elaboração e diferenciação de conceitos, ideias e proposições preexistente no cognitivo do aluno.

A aprendizagem será a aquisição que ocorre em função da experiência e que terá caráter imediato. Ela poderá ser: experiência física - comporta ações diferentes em função dos objetos e consiste no desenvolvimento de ações sobre esses objetos para descobrir as propriedades que são abstraídas deles próprios, é o produto das ações do sujeito sobre o objeto; e experiência lógico-matemática – o sujeito age sobre os objetos de modo a descobrir propriedades e relações que são abstraídas de suas próprias ações, ou seja, resulta da coordenação das ações que o sujeito exerce sobre os objetos e da tomada de consciência dessa coordenação. Essas duas experiências estão inter-relacionadas, uma é condição para o surgimento da outra.

A sala de aula também pode ser um lugar de brincar, se o professor conseguir conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos dos alunos. Para isso, é necessário encontrar equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções pedagógicas e cumprir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo. Creditar ao aluno, isto é, à sua ação, a parte de responsabilidade no desenvolvimento.

Mesmo procurando fazer sua parte, o professor e a escola dão/respeitam a possibilidade de que outra coisa aconteça. Pode-se afirmar que o brincar, enquanto promotor da capacidade e potencialidade da criança, deve ocupar um lugar especial na prática pedagógica, tendo como espaço privilegiado a sala de aula. Sendo a brincadeira resultado da aprendizagem, e dependendo de uma ação educacional voltada para o sujeito social “criança”, deve-se acreditar que adotar jogos e brincadeira como metodologia curricular, possibilita à criança base para a subjetividade e compreensão da realidade concreta.

Poder vivenciar o processo do aprender colocando-se no lugar da criança, permitindo que a criatividade e a imaginação afluam através da interdisciplinaridade enquanto atitude. A intersubjetividade se mostre por meio do afeto e da alegria de poder liberar o que cada sujeito trás consigo mesmo e quanto pode contribuir com o outro.

O despertar para o valor dos conteúdos das temáticas trabalhadas é que fazem com que o sujeito aprendiz tenha prazer em aprender. Conteúdos estes despertados pelo prazer de querer saber e conhecer. Devemos despertá-los, para com sabedoria, podermos exteriorizá-los na nossa vida diária. A alegria, a fé, a paz, a beleza e o prazer das coisas estão dentro de nós.

O professor deve ter claro que o processo de ensino e aprendizagem é uma

via de mão dupla, um vai-e-vem dele para o aluno e do aluno para ele. Ele ensina, porém seu aluno também possui saberes que o professor nem sempre possui. Fica assim caracterizado o movimento da troca. Buscar, portanto, uma maior aproximação afetiva com o aluno, também através do diálogo e até mesmo, citando seu nome algumas vezes e fazendo perguntas, entre outras manifestações de interesse, mostra uma atitude afetiva para com ele, o que, de certa forma, faz o aluno se sentir motivado para realizar as atividades escolares.

A escola tem como função proporcionar aos alunos oportunidades de evoluir como seres humanos; o trabalho pedagógico deve fazer com que os alunos cumpram regras, impondo-se limites.

Nesse sentido, a escola não deve ser só um lugar onde aconteça a aprendizagem intelectual, mas um ambiente no qual se fale de amizade, da importância do grupo e de questões afetivas.

A afetividade é, na verdade, importante porque contribui para o processo de ensino e aprendizagem, na criação de um clima de compreensão, confiança, respeito mútuo e motivação.

O professor afetivo é aquele que desenvolve estratégias pedagógicas, educativas, dinâmicas e criativas, demonstra prazer em ensinar, estimulando os alunos e envolvendo-os nas decisões e nos trabalhos do grupo.

A prática da ludicidade para ensinar os conteúdos do currículo escolar pode propiciar o sucesso da aprendizagem dos alunos. Lembrando que, os benefícios dessas atividades vão além das salas de aula, pois esses recursos promovem uma maior interação entre os alunos. Além disso, muitas vezes uma atividade desenvolvida na escola, na qual o professor tenha participação efetiva ou colaborativa proporciona um relacionamento mais próximo entre ele e o aluno.

Os recursos lúdicos são capazes de contextualizar os conteúdos e assim o aluno passa a ver sentido naquilo que está aprendendo. Os jogos desenvolvem o raciocínio lógico, estimulam o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas.

Freire acredita que:

“A criança que brinca em liberdade, podendo decidir sobre o uso de seus recursos cognitivos para resolver os problemas que surgem no brinquedo, sem dúvida alguma chegará ao pensamento lógico de que necessita para aprender a ler, escrever e contar”. (Freire 1991)

O lúdico é de extrema importância e constitui numa estratégia de ensino e aprendizagem devendo dessa forma ser planejado previamente e os objetivos elucidados, pois a ludicidade deve ser trabalhada na escola com muita seriedade.

Neste sentido, a escola é fundamental neste processo de resgate da ludicidade com sucatas, jogos e brincadeiras, e as aulas de educação física podem se transformar em momentos propícios para isso, pois há uma infinidade de conteúdos da cultura corporal que podem contribuir para que as vivências locais, como as brincadeiras e jogos tradicionais sejam resgatados e vivenciados na escola. Assim é igualmente necessário reconhecer que a participação em jogos propicia a formação de atitudes, no que refere ao respeito mútuo, cooperação, obediência às regras, senso de responsabilidade, iniciativa pessoal e grupal, bem como favorece o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

O lúdico é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura, por meio do qual podem permear suas vivências internas com a realidade externa. É um facilitador para a interação com o meio, embora seja muito pouco explorado. O brincar é uma atividade culturalmente definida e representa uma necessidade para o desenvolvimento infantil. Historicamente, o homem sempre brincou, por meio dos diversos povos e culturas e no decorrer da história, mas ao longo do tempo, as formas de brincar, os espaços e os tempos de brincar, os objetos foram se transformando.

As brincadeiras na rua, em casa e na escola, e as festas, são parte profundamente significativa para a inserção no universo social. Com o brincar, se faz o processo de humanização ética da criança, por isso, deve ser utilizado para o desenvolvimento das crianças, tanto em casa, como na escola, principalmente por isso deve haver parceria entre pais e escola. A criança não se desenvolverá, se um não tiver o auxílio do outro, se um jogar a responsabilidade para outro. Todos são responsáveis pela educação, pelo desenvolvimento da criança.

Uma escola lúdica tem como finalidade desenvolver habilidades físicas e intelectuais, formar alunos críticos, criativos, conscientes e promover a interação social e, acima de tudo, despertar em seus alunos o gosto pela escola, pelo estudo, pela busca por novos conhecimentos, criando assim um elo muito forte entre o aluno e a escola. Uma escola lúdica é onde o aluno sente prazer em estudar, em aprender coisas novas nas diferentes áreas do conhecimento: matemática, português e ciências entre muitas outras. Para que isto ocorra o ambiente deve ser bastante acolhedor não

só para os alunos, mas também para os professores, pais e familiares dos alunos.

Toda criança que brinca vive uma infância feliz, além de tornar-se um adulto muito mais equilibrado física e emocionalmente, conseguirá superar com mais facilidade, problemas que possam surgir no seu dia-a-dia. A criança é curiosa e imaginativa, está sempre experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades. Ela adquire experiência brincando. Participar de brincadeiras é uma excelente oportunidade para que a criança viva experiências que irão ajudá-las a amadurecer emocionalmente e aprender uma forma de convivência mais rica.

Wallon afirma que è

no brincar que a criança expressa seus sentimentos, a identificação com determinadas pessoas leva a criança a assumir papéis, buscando saciar sua curiosidade com relação ao mundo que a cerca. Não são todas as pessoas ou situações que são imitadas, apenas aquelas que a criança considera importante, podemos desta forma afirmar que há uma carga afetiva na brincadeira infantil. (WALLON, 1998, p.80)

É então, a partir da imitação da realidade que a criança simboliza suas observações. Assim, as brincadeiras de faz- de- conta possibilitam que a criança, crie e recrie seu mundo, conforme seus anseios e desejos.

Para Vygotsky, em seus estudos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, conceitua brincadeira como sendo uma atividade que traz prazer á criança. O mesmo ainda acrescenta que a “a brincadeira, é uma atividade específica da criança que recria a realidade usando sistemas simbólicos.” (Vygotsky, (1997 p.32) Essa é uma atividade social, com contexto cultural e social.

Kishimoto (1999), em estudos realizados sobre seus o Jogo e Brincadeira na Educação Infantil, diz que o brinquedo será entendido sempre como objeto, suporte de brincadeira e esta por sua vez é ação da criança ao realizar as regras do jogo. “O brinquedo é o suporte da uma brincadeira, seja ela qual for.

O brinquedo representa certas realidades, isto é, algo presente no lugar de algo. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais para que possa manipulá-los. O vocábulo “brinquedo” não pode ser reproduzido à pluralidade de sentido do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. (KISHIMOTO, 1999, p.16)

A “brincadeira” é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo ao mergulhar na ação lúdica. Dessa forma, brinquedo e brincadeira

relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo. A criança ao brincar livremente, está no mundo imaginário e distante da vida cotidiana.

Ainda dentro desta perspectiva, as regras do jogo e da brincadeira para Vygostsky significa que:

Na brincadeira a criança cria uma situação imaginária, porém baseia-se em regras. Não existe brincadeira sem regras. Estas são as de comportamento, as quais são adquiridas através de sua realidade. Não são previamente estabelecidas como as do jogo, mas tem sua origem na própria situação imaginária. Ou seja, se a criança está representando um papel de mãe e a boneca é sua filha, ela irá obedecer às regras de comportamento maternal. Esta relação que ela representará com o objeto originará sempre delas. (VYGOSTSKY, 1998, p.106).

A partir desta perspectiva, torna-se claro que a brincadeira será sempre entendida como a ação que a criança pratica ao realizar as regras do jogo. É por meio da brincadeira e do brincar, que a criança entrará no seu mundo da imaginação.

No processo educativo do lúdico, é possível todos agirem e estar presente plenamente, pois a construção lúdica se dá como convivência, que torna fundamental a presença efetiva e afetiva do outro. É fundamental entender, que a ludicidade para a criança, não é apenas prazerosa, mas vivência significativa de experimentações e construções e reconstruções do real e do imaginário.

Nessa perspectiva, a aprendizagem lúdica tem tomado espaço de discussão no contexto escolar pelos profissionais da educação, como sendo um facilitador da aprendizagem, pois proporciona entusiasmo e motivação aos educandos na construção do saber. Falar sobre aprendizagem lúdica é mergulhar em possibilidades de construção do conhecimento com mais alegria e perceber que utilizar estratégias diversificadas, bem como, desafios e situações problemas, é adotar uma postura favorável à aprendizagem que enfatiza a sensibilidade de criação e educação.

O lúdico como fator facilitador da aprendizagem e o professor como mediador. Fala-se muito em ludicidade nos dias de hoje, mas ainda não há aquela preocupação por parte de alguns educadores pela utilização do lúdico que é um recurso metodológico capaz de propiciar a aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade e a socialização da criança. Quanto mais se amplia à realidade externa da criança mais ela tem uma organização interna ágil e coerente. O educador precisa ser sensível às contingências em sala de aula e as criatividade que serão realizadas para que possam ser criadas condições de ensino e saber.

Conforme Santos diz que:

Considerar o ensino-aprendizagem escolar como algo que está necessariamente imbricado no processo interativo professor aluno supõe admiti-lo também como movimento contínuo e dinâmico. É importante ressaltar que não estamos partindo do pressuposto de que são dois processos se contrapondo, mas que o ensino-aprendizagem escolar é encarado, em última instância, como inerente a grande parte do processo interativo entre professor e aluno. Santos (1995, p. 2)

Assim, reiteramos que as relações entre o professor e o aluno, entre o agente formador e o aprendiz, precisam centrar-se no aprender e no ensinar baseados na interação e no respeito como condição fundamental às aprendizagens, pois toda aprendizagem está impregnada de afetividade. E, pensando na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros e escrita não acontece puramente no campo cognitivo.

As crianças por natureza são curiosas, cabe ao professor saber elaborar atividades lúdicas e interativas para aguçar ainda mais esta curiosidade. Conforme Ferreira ele diz que:

Dependendo do procedimento ou do método utilizado, podemos gerar um movimento contrário de desprazer e desinteresse por parte dos alunos, tornando a aprendizagem vazia de significados. É isso, um mesmo trabalho pode ser obrigação ou libertação. Não é uma questão de novidade, mas de iluminação e de fecundidade. (Ferreira, 2003, p. 45).

A mediação lúdica na educação prevê a utilização de metodologias agradáveis e adequadas às crianças, que façam com que o aprendizado aconteça dentro do seu mundo, e que seja algo agradável sendo assim reforça aqui o valor de trazer a realidade da criança para sala de aula usando-a como estratégia metodológica de aprendizagem. Ao usar a brincadeira como recurso pedagógico, a criança apropria-se da realidade, atribuindo-lhe significado.

Assim, alunos com dificuldades de aprendizagem podem valer-se da brincadeira como recurso para facilitar a compreensão dos conteúdos pedagógicos. Pois o brincar desenvolve na criança a autoconfiança e intimidade, por fazer parte da sua rotina diária, sendo então a brincadeira um forte elemento no desenvolvimento cognitivo da criança e não pode ser desconsiderado nem no meio familiar nem no escolar, mas procurar trabalhar de maneira que facilite no aluno a compreensão em determinadas situações.

Segundo Santos a sala de aula é um espaço de convergência de realidades

que precisam ser problematizadas e permeadas pela ação do professor, assim:

A sala de aula é um lugar de brincar se o professor conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isto, é necessário encontrar o equilíbrio sempre móvel entre cumprimento de suas funções pedagógicas – ensinar conteúdos e habilidades, ensinar a aprender – e psicológicas – contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo, na moldura do desempenho das funções sociais, preparar para o exercício da cidadania e da vida coletiva, incentivar a busca da justiça social e da igualdade com respeito às diferenças. (Santos 2001)

E como as aulas podem ser transformadas em momentos em que o lúdico, o brincar, o jogar se tornam importantes ferramentas de aprendizagem? Pode-se dizer, quando a ação pedagógica providencia que os alunos brinquem e joguem não pelo simples fato de brincar e jogar, pois assim eles os fazem em outros espaços que não a escola, mas que esteja voltado ao desenvolvimento intencional de competências e habilidades, bem como a superação de quaisquer limitações.

MATERIAL E MÉTODOS

De fato as atividades contribuem no desenvolvimento dos aspectos físicos, afetivos, e cognitivos das crianças trazendo assim aspectos positivos que permitem liberdade de expressão em sua representação de mundo. A aplicação do questionário referente às práticas lúdicas foi aplicado para angariar informações relevantes no que diz respeito sobre o favorecimento de uma aprendizagem que alia o lúdico ao processo de ensino-aprendizagem. Como instrumento de coleta de dados será utilizada uma entrevista com 05 (cinco) questões abertas, onde serão feitas observações e conversas informais com os entrevistados da escola-alvo da pesquisa frente a importância da utilização do lúdico no decorrer da prática pedagógica na Educação Infantil e sua contribuição no desenvolvimento infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descreveremos aqui os dados das entrevistas das professoras que dizem respeito ao entendimento do lúdico, a presença e espaço do lúdico na escola,

as vantagens e limitações de se trabalhar com essas estratégias de ensino.

Quando perguntamos as professoras o que você entende por atividade lúdica? As docente descreveram o seguinte:

P1: descreveu o lúdico como brincadeiras, jogos, música, dança e tudo aquilo que desperta a criatividade e o raciocínio propiciando o aprendizado de forma prazerosa.

P2: “Atividades lúdicas são aquelas que promovem a motivação e provocam prazer, ou seja, atividades que permitem o desenvolvimento global da criança”.

Apontaram também, o lúdico como uma ferramenta importante no processo de aprendizagem. As duas professoras apresentam um entendimento similar a respeito da atividade lúdica. Diante da fala das professoras percebe-se que as mesmas não restringem o lúdico a atividades de descontração e brincadeiras. Para elas o lúdico pode ser visto como parte integrante de uma proposta metodológica, por proporcionar desenvolvimento e diversas aprendizagens.

É muito importante que os educadores possuam de forma esclarecida o real significado da atividade lúdica. O fato é que estas não são apenas brincadeiras, mas tudo que proporcione diversão, prazer criando assim, um ambiente descontraído para o aprendizado.

Uma vez entendido o lúdico como uma ferramenta importante na prática pedagógica, as professoras foram questionadas sobre a frequência de uso e os momentos mais adequados para se aplicar atividades lúdicas e quais normalmente utiliza.

As mesmas disseram que utilizam diariamente como parte da sua rotina de trabalho. P1: “jogos de regras, brincadeiras cantadas, trava-linguas, trabalho com figuras, pintura atividades na brinquedoteca e também brincadeiras livres”. Resposta semelhante foi dada por

P2: “jogos de regras, brincadeiras tradicionais como roda, brincadeiras cantadas, trabalho com imagens e brincadeiras livres”.

Diante das respostas das professoras e pelo que foi observado, são diversos tipos de atividades lúdicas propostas por elas do dia-a-dia da turma. Como a presença do lúdico neste cotidiano já era algo comprovado perguntou-se as professoras diversos aspectos quanto a presença dessas atividades em suas ações pedagógicas.

E em relação à pergunta: Quais os resultados que você tem no que diz respeito ao desenvolvimento dos educandos quanto com atividade diferenciadas?

P1: “Interesse, participação e afinação nos conteúdos, além da socialização”.

P2: “Maior interesse, mais participação, embora necessite de manejo, paciência de nossa parte, o resultado é satisfatório”.

Focando o olhar para as crianças e sua relação com o lúdico, podemos notar que as atividades lúdicas, pois fogem do tradicional, de acordo com as entrevistas as crianças ficam mais motivadas, superam dificuldades, melhoram auto-estima, apresentam melhoras nos aspectos psico-sociais, assimilam melhor o conteúdo, participam e se interessam, deixam os medos de lado, os mais tímidos se soltam, melhoram argumentação e levantamento de hipóteses. Sobre este assunto ainda conseguiu-se através da realização das entrevistas averiguar em que sentido a presença da brincadeira e do lúdico no ensino fundamental contribui para a melhora na qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Na quarta pergunta do questionário as professoras foram indagada sobre como é feita a seleção das atividades lúdicas utilizadas com as turmas. Ambas tiveram respostas diferentes.

P1: Através do planejamento pedagógico que eu mesmo faço de acordo com o desenvolvimento do aluno.

P2: De acordo com as disciplina aplicada naquele momento e ai sim desenvolver uma atividade diferenciada voltada para aquele contexto aplicado.

Partindo das respostas dadas pelas professoras percebe-se que existe uma preocupação no momento e seleção das atividades lúdicas que serão realizadas. Durante a escolha elas levam em consideração o desenvolvimento em que se encontra a turma que cada uma trabalha a faixa etária lembrando de fazer sempre uma associação dessas atividades com os conteúdos trabalhados em sala seguindo os eixos temáticos.

Quando questionaram sobre qual é a importância da utilização de atividades lúdicas para o desenvolvimento da criança e da aprendizagem.

P1: “A aprendizagem envolve diversos aspectos de ordem afetiva, motora e cognitiva. Trabalhar com o lúdico proporciona a aprendizagem em todos esses aspectos”.

P2: A professora destacou as vantagens no desenvolvimento da criança, abaixo indicaremos os mais apontados:

- favorece o desenvolvimento humano;
- desenvolve conhecimentos, entendimentos e habilidades;
- melhora na resolução de situações-problema e levantamento de hipóteses;
- oportuniza a prática, a escolha, a imitação, a aquisição de competências e confiança;
- enriquece a socialização, as atividades em grupos, a comunicação, favorecendo a aquisição de normas e conceitos.

As atividades lúdicas são estratégias que podem tanto para o bem estar e o

prazer da criança no universo da escola e também alcançar avanços nas questões relacionadas ao desenvolvimento.

O trabalho pedagógico aliado a atividade lúdica aproxima a criança do universo estudado, proporciona divertimento, tornando o processo de aprendizado algo prazeroso que tende ao alcance de resultados positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as professoras e com os resultados observados a utilização de atividades lúdicas proporciona um melhor desempenho e envolvimento das crianças nas atividades realizadas. Quando existe a aplicação de atividades sem suporte lúdico é necessário um maior esforço para alcançar a atenção dos alunos e para obter um retorno sobre o conteúdo com que se desejou trabalhar.

Por fim, resta dizer que o lúdico permite novas maneiras de a criança se desenvolver, associado a fatores como: capacitação dos profissionais envolvidos, infra-estrutura, pode-se obter uma educação de qualidade, capaz de ir ao encontro dos interesses essenciais à criança, pois as atividades lúdicas não são somatórias, mas sim fazem parte do processo de aprendizagem.

Considerando a importância da utilização de atividades lúdicas como jogos educativos e brincadeiras, ou seja, atividades que proporcionam estímulos para a criança desenvolver sua inteligência, criatividade e vínculos que estabelece na sociedade já que as aprendizagens acontecem na interação com outras pessoas, sejam elas adultas ou crianças.

A intenção no oferecimento de estratégias lúdicas inovadoras na prática pedagógica, com jogos e brincadeiras integrados na prática, aquilo que o educando traz consigo é o objetivo principal tentar buscar subsídios que possam auxiliar o educador em sua metodologia de forma que a criança não tenha tanta angústia e desinteresse em aprender.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Gláucia. **Palavra de professor**(a). São Paulo: Mercado das Letras 2003.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, ed Paz e Terra, 1983.

FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1991.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. SP: Cortez, 1999.

Moreira, M.A.; Masini, E.A.F.S. (1982). **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo, Editora Moraes.

Moreira, M.A.; Masini, E.A.F.S. (1999). **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. 2ª ed. São Paulo: Centauro Editora.

SANTOS, Carmen Sevilha Gonçalves dos. **Interação professor-aluno e aprendizagem de leitura e escrita numa primeira série do primeiro grau**. Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, 1995.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **A ludicidade como ciência**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

V

VYGOTSKY, Lev, **Aprendizagem e desenvolvimento: um processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento de processo psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes 1998.

_____, **Imaginação e criação da criança**. São Paulo, Scipione, 2000.

WALLON, Henri. **Estádios e conceitos de estágio de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea**. Lisboa: Aprofundamento, 1939. 2 v.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**, Estampa, Lisboa, 1975

_____. **Psicologia e Educação da criança**. Lisboa, Editorial Vega, 1979.

_____. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70, 1998.

Capítulo 3
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM ESCOLAR

Ione Alves de Souza Salapata

Idonete Rodrigues de França

Marilene de Souza

Fabiana Saturnino da Silva

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

Ione Alves de Souza Salapata

Idonete Rodrigues de França

Marilene de Souza

Fabiana Saturnino da Silva

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importante relação entre família e escola, destacando as contribuições dessa parceria na vida escolar dos alunos. Para isso iremos destacar inicialmente, a trajetória histórica do conceito de família no decorrer dos tempos e as diversas formações familiares que ocorrem na atualidade, enfatizando que a criança e os seus pais ou responsáveis, trazem consigo uma ligação íntima de afeto e é com eles que se aprendem os primeiros valores, sentimentos e expectativas de vida. Também procuraremos abordar os aspectos referentes ao desenvolvimento e a aprendizagem da criança e qual o papel da escola em oportunizar e contribuir para que a presença familiar nas atividades referentes ao contexto escolar seja realmente eficaz e facilitadora da trajetória educativa das crianças. Sendo que, em virtude das atribuições diárias ou mesmo por não ter uma visão positiva do universo escolar, muitas pais deixam de ser participantes da vida escolar de seus filhos.

Palavras-chave: Escola. Família. Participação.

INTRODUÇÃO

A relação família-escola é, hoje, tema em destaque na discussão sobre o alcance do sucesso dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Frequentemente, ouve-se dos professores que o apoio da família é essencial para o bom desempenho do aluno. Porém, muitas vezes essa expectativa de ajuda torna-se fator de acusação, atribuindo-se à família a responsabilidade pelo mau desempenho escolar da criança. Os profissionais da escola acreditam, muitas vezes, que os alunos vão mal porque suas famílias estão desestruturadas ou porque não se interessam pela vida escolar da criança. A ausência dos pais às reuniões pedagógicas é um fato que vem acontecendo muito no contexto escolar atual, o que pode ser um indicativo

do pouco acompanhamento da vida escolar das crianças por parte dos pais.

A importância da família na vida dos educandos é fundamental para fornecer as bases para um bom desenvolvimento psicossocial da criança. É de grande importância relacionar educação e família, pois são peças fundamentais na vida da criança, é na família que ela busca apoio, compreensão, carinho, amor e atenção, e na escola, ela busca o conhecimento, mas ambas são instâncias que irão colaborar conjuntamente para formação humana da criança.

Hoje há por parte da família, em muitos momentos, uma confusão sobre o seu papel e o papel da escola. Muitas se esquecem de que a escola sozinha não é responsável pela formação de seus filhos, mas sim complementar ao papel da família. Educar é promover o crescimento e o amadurecimento da pessoa humana em todas as suas dimensões material, intelectual e moral, por isso, educação não se aprende apenas na escola, mas sim na sociedade em que o indivíduo está inserido e na família. Sem dúvida a educação é a base do ser humano e é a melhor herança que os pais devem deixar aos filhos, e esta ninguém poderá roubar ou destruir.

Na atualidade podemos observar que algumas leis abordam pontos importantes para que se cumpram os deveres da família, da escola e da sociedade, tais como a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988:

Capítulo VII. Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso
Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988).

Neste sentido, a escola e as famílias têm por finalidade educar, orientar, disciplinar as crianças, criando pensamentos e opiniões críticas para se viver bem na sociedade, ou seja, possibilitar a formação de sujeitos com autonomia de pensamento, visão crítica a respeito de si e da sociedade em que está inserido e capaz de colaborar para a construção de um mundo social mais justo. Esse tema vem para mostrar que tanto a escola como as famílias caminham juntas na construção do ser humano, as pessoas não vivem e nem nascem sós, elas vem de uma família ou de um conjunto de pessoas que as auxiliam em sua formação social.

Com o objetivo de desenvolver essa temática sobre a importância do envolvimento familiar na educação infantil pretendemos estudar a história da criança, escola e da família; compreender quais são as responsabilidades da família no

processo educacional; discutir a relação família/ escola: como os pais devem participar da vida escolar dos filhos; e a formação da personalidade da criança e as responsabilidades dos pais e da escola.

Considera-se que o tema seja relevante por ser atual, sendo alvo de constantes debates, além de ser um assunto importante para o currículo das faculdades de pedagogia para que se formem profissionais conhecedores da ética que devem seguir.

Por meio do exposto, formulou-se a seguinte questão da atividade investigativa: Qual a importância da participação da família na formação do aluno? Para responder a esta pergunta será realizada uma pesquisa de campo na rede municipal de educação infantil do Município de Tangará da Serra MT. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar a importância da relação família e escola para a formação do aluno. Como objetivos específicos pretende-se conceituar a família e seu papel na sociedade; verificar o papel dos pais na educação dos alunos; realizar uma pesquisa de campo em uma escola a fim de verificar a participação dos pais em suas atividades.

DESENVOLVIMENTO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O papel da família na Infância

Falar em família no contexto do século XXI, no Brasil, implica a mudanças nos padrões de relacionamentos. Vivemos uma época em que a família sofreu várias modificações no contexto social e com essas, ficou difícil sustentar a ideologia que associa a família. Devido à diversidade dos tipos de composição familiar, muda-se o foco da estrutura da família nuclear, como modelo de organização familiar, considera-se as novas questões referentes à convivência entre as pessoas da família, sua relação com a sociedade e comunidade.

As modificações e reestruturações são particularmente difíceis e possuem sentidos diversos para os diferentes segmentos sociais, seu impacto incide de forma distinta sobre eles, pois o acesso a recursos é desigual numa sociedade capitalista. Por meio da informalidade e de outros mecanismos de relação de trabalho

precarizados, é que durante anos, famílias desligadas do sistema produtivo foram convivendo precariamente com variáveis de pobreza e necessidades sociais não satisfeitas.

A Constituição Federal de 1988 contribuiu para alterações no que se refere à família, como por exemplo, a quebra da chefia conjugal masculina, tornando a sociedade conjugal compartilhada em direitos e deveres pelo homem e pela mulher, o fim da deliberação entre filhos legítimos e ilegítimos, reiterada pelo Estatuto da Criança.

O ambiente familiar é entendido a partir de condições socioeconômicas e culturais, sua moralidade e suas raízes, nas condições particulares em que vivem na história da qual são herdeiros.

Pode-se compreender a família como algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos, desde que nascem, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será por eles reproduzida e resignificada, à sua maneira tendo como base os elementos acessíveis aos indivíduos na cultura e na sociedade em que vivem.

Assim, a família uma vez considerada como mediadora entre o indivíduo e a sociedade, oferecendo recursos para uma relação dialética e ativa, não pode deixar de ser analisada fora do contexto das transformações sociais ocasionadas pelas mudanças no sistema produtivo. As modificações na relação do indivíduo com o trabalho acarretaram novos posicionamentos tanto da mulher quanto do homem, que indiscutivelmente refletiram na família contemporânea determinando novos mapeamentos em sua estruturação e diferentes referenciais que norteiam as relações entre marido e mulher e entre pais e filhos.

A família, especialmente os pais, ocupa um importante papel na mudança do comportamento de seus filhos. Eles intervêm no desenvolvimento humano do indivíduo, na relação com o meio natural e social. No ambiente familiar, o modo de ser do sujeito pode ser aprendido por meio de imitações, de significados atribuídos às determinadas situações que se dão na convivência via discurso das pessoas da família ou via comportamentos. É na família, que a criança aprende a se relacionar com o outro, que aprende mitos, crenças e valores que traçam seu perfil como pessoa.

Por constituir-se no núcleo básico da sociedade, a família é uma das instituições sociais que mais influência no desenvolvimento da criança, pois desde seu nascimento, a família se constitui o principal ambiente de desenvolvimento social. Assim como um direito assegurado pelo Estatuto da

Criança e do Adolescente-(ECA) no artigo 4º.

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

E Coll ressalta descrevendo que:

Que a família é o contexto mais importante nos primeiros anos de vida da criança ninguém questiona. O saber popular descreve bem tal ambiente, afirmando que as meninas e os meninos adquirem ali as primeiras habilidades: na família, aprendem a rir e a brincar, aprendem os hábitos básicos - por exemplo, aqueles relacionados com a alimentação - e outros muito mais complexos – por exemplo, a relacionarem-se com as pessoas. (COLL 2004, p.406)

A influência da família no processo de ensino aprendizagem da criança constitui-se como referencial fundamental para a formação do educando, nessa articulação que a educação acontece de forma construtiva.

Para compreender os processos de desenvolvimento e seus impactos na pessoa, é preciso focalizar tanto o contexto familiar quanto o escolar e suas inter-relações. A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social.

Como descreve o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - RCNEI :

Além da família nuclear que é constituída pelo pai,mãe e filhos proliferam hoje famílias monoparentais, nas quais apenas mãe ou pai esta presente. Existem ainda as famílias que se reconstituíram por meio de novos casamentos e possuem filhos advindos dessas relações. Há, também, as famílias extensas, comuns na história brasileira, nas quais convivem na mesma casa várias gerações e/ou pessoas ligadas por parentescos diversos. É possível ainda encontrar varias famílias coabitando em uma mesma casa. Enfim, parece não haver limites para arranjos familiares na atualidade.(RCNEI 1998, p. 76)

A instituição escolar sozinha não tem condições de preencher todas as demandas existentes na formação educacional e cultural dos seus educandos. É imprescindível que as escolas estejam preparadas para atender a realidade atual, com profissionais qualificados. Contudo deve-se compreender que o papel da família é importante no processo de ensino aprendizagem da criança. Conforme Vygotsky descreve que:

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, munida da participação não só do educador como tal de todo o campo escolar, tanto isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções.

Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volutiva. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volutiva. Para ele a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo a nossa volta. Com isso entende-se que o desenvolvimento do indivíduo é um processo que se dá de fora para dentro, sendo que o meio social e familiar influencia o processo de ensino-aprendizagem. (VYGOTSKY, 1991 p. 101).

Todavia, para que isso aconteça é necessário que a família realmente participe da vida escolar de seu filho. Que a família tenha comprometimento, envolvimento com sua vida gerando assim, um sentimento de amor, fazendo sentir-se amparado e valorizado como ser humano.

Família no contexto da aprendizagem escolar

Acredita-se que a família e a instituição escolar compartilham a mesma função educacional, embora uma não possa fazer o serviço da outra. Nos tempos atuais, o desempenho dos pais deixa muito a desejar, principalmente, nos modelos de ensino e aprendizagem, pois isto exige prática, acompanhamento e sustentação emocional, já que a criança ou adolescente não apresenta maturidade suficiente para enfrentar suas dificuldades sem a presença e os limites colocados pelo adulto.

Segundo Marques (1993):

“à escola cabe complementar a educação dada pela família – seja ela tradicional, monoparental ou mista – ensinando a criança conceitos básicos de ética e cidadania, não podendo assumir responsabilidade integral na formação do caráter e de convicções que devem ser familiares, tais como a religião.”

Independente da evolução social e das modificações no modelo de família, esta ainda é e sempre será o ente responsável pela formação da personalidade e do caráter da criança. Por isso, é a família que deverá fornecer as bases educacionais e todo o apoio necessário à escola para que a criança tenha um pleno desenvolvimento escolar, social e de caráter.

Para Tiba:

É dentro de casa na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para um futuro próximo, ter saúde social [...]. A educação familiar é um fator bastante importante na formação da personalidade da criança desenvolvendo sua criatividade ética e cidadania refletindo diretamente no processo escolar. (TIBA 1996, p.178)

A relação família-criança é um dos elementos que determinam um bom rendimento escolar, pois é na família que as crianças encontram os exemplos a serem seguidos e, principalmente, é na família que a criança recebe educação para a vida: com limites, atenção, bons ou maus exemplos, etc.

A família tem um papel imprescindível na vida de seus filhos; é onde acontece o desenvolvimento das primeiras habilidades, os primeiros ensinamentos através da educação doméstica na qual o filho aprende a respeitar os outros, a conviver com regras que foram criadas e reformuladas no decorrer da formação da sociedade. E a escola, ela vem para reforçar esses valores primeiros, acrescentando, mas não assumindo para si o papel inicial da família.

Tiba ressalta que:

O interesse e participação familiar são fundamentais. A escola necessita saber que é uma instituição que completa a família, e que ambos precisam ser um lugar agradável e afetivo para os alunos/filhos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno (TIBA, 1996 pág.140)

A parceria família – escola é cada vez mais percebida como fundamental para o sucesso educacional e social das crianças que adentram na sociedade e precisam destas duas instituições, que a princípio são suas primeiras bases de conhecimento de mundo.

Vivemos em um modelo de sociedade no qual os saberes são discutidos e, de certa forma, possibilitam a reconstrução de saberes anteriores. Essa troca de informações proporciona à pessoa conclusões sobre saberes em construção. A aprendizagem se dá em um contexto social, no qual as possibilidades de troca de informações são exercidas proporcionando o crescimento do grupo. Segundo o relata

No entendimento de Dias, a família é um agrupamento informal, de formação espontânea no meio social, cuja estruturação se dá por meio do direito. A autora ainda afirma que:

A família é uma construção cultural. Dispõe de estruturação psíquica na qual todos ocupam um lugar, possuem uma função – lugar do pai, lugar da mãe, lugar dos filhos -, sem, entretanto, estarem necessariamente ligados biologicamente. É essa estrutura familiar que interessa investigar para o direito. É a preservação do 'LAR' no seu aspecto mais significativo (DIAS, 2011, p.27)

São no sistema familiar que são expressas as inquietações, as conquistas, os medos e as metas pessoais. Para tanto, é necessário preservar a individualidade dos seus membros e ao mesmo tempo preservar o sentimento coletivo. Isso representa uma forma de apoio mútuo em família.

Fraga (2012) explica em suas palavras um ponto a ser destacado para esta discussão:

o desempenho das crianças na escola depende, em grande parte, mas não exclusivamente, da participação e colaboração dos pais. Portanto as escolas devem buscar formas de parcerias com as famílias de seus alunos, para que juntos possam desenvolver uma educação proveitosa e de qualidade". (FRAGA, 2012, p. 03)

Além disso, a escola deve contemplar a participação da família em conselhos administrativos possibilitando aos pais interferir diretamente no funcionamento da escola, apresentando sugestões e tomando decisões quanto ao planejamento de atividades e a realização de políticas escolares.

Os pais podem e devem ser chamados pela escola a interferirem nas questões de comportamento e ética e, até mesmo, na disposição das disciplinas. Além disso, a escola pode oferecer palestras, cursos e outros momentos que possibilitem a interação entre as famílias para a troca de experiências.

É papel da escola instruir os pais acerca do comportamento adequado na orientação das atividades escolares e mesmo nas atividades cotidianas que auxiliem no desenvolvimento da aprendizagem.

A escola e a família são partes complementares ao sistema educativo, essas partes não devem ser oposição como é freqüentemente, o professor não tem de substituir os pais, cada um tem sua função em educar. É certo que, bem antes da criança chegar à escola, o sucesso escolar é construído em casa, pois elas são o reflexo do que se aprende e vive na família.

A busca de uma boa relação entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco a criança. Além disso, a escola também exerce uma função educativa junto aos pais, discutindo, informando, aconselhando, encaminhando os mais diversos assuntos, para que família e escola, em colaboração mútua, possam promover uma educação integral da criança. Uma relação baseada na divisão do trabalho de educação de crianças e jovens, envolvendo expectativas recíprocas.

Percebe-se então, a importância do enfoque social na aprendizagem da criança. É através da problematização desse “social” que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado através da mediação do professor.

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p. 87)

É neste sentido que consiste a intervenção e o papel do professor na prática educativa. Sem dúvida, através de suas orientações, intervenções e mediações, o professor deve provocar e instigar os alunos a pensarem criticamente e a se colocarem como sujeitos de sua própria aprendizagem.

Como afirma Reis (1984, p.99) “A família é a formadora da nossa primeira identidade social. Ela é a primeira a quem aprendemos a nos referir.” Nesse sentido é relevante a participação efetiva dos pais ou responsáveis na vida das crianças no processo de ensino aprendizagem.

Numa sociedade que está sempre em transformação, o professor contribui com seu conhecimento e sua experiência, tornando o aluno crítico e criativo. Deve estar voltado ao ensino dialógico, uma vez que os seres humanos aprendem interagindo com os outros. É o processo aprender a aprender. O professor deve provocar o aluno passivo para que se torne num aluno sujeito da ação.

A lei nº 9.394/96 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, decretando a todo cidadão o direito a educação, abrangendo processos formativos que se desenvolvem desde a família às manifestações culturais. Esta lei disciplina que a educação escolar se desenvolva por meio do ensino em instituições próprias, mas devendo vincular-se ao mundo do trabalho e às práticas sociais.

Na sala de aula ou em qualquer ambiente onde haja aprendizagem, a autoridade não pode ser confundida com autoritarismo. Estabelecer limites para os alunos não significa mostrar “quem manda”, mas prepará-los para a vida. É possível ter autoridade sem castigar ninguém. Trata-se, então, de ensinar os alunos a serem responsáveis pelo respeito e pelas regras em comum. Para Tiba (1996, p. 113) “criar uma criança é fácil; basta satisfazer-lhe as vontades. Educar é mais trabalhoso. Trata-se de prepará-la para viver saudavelmente em sociedade”.

A educação deve possibilitar a todas as pessoas a participação efetiva na sociedade, deve promover a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as pessoas, independentemente do seu nível social, religião ou raça. Dar sentido à vida da criança faz parte da nossa obrigação enquanto pais e educadores, a vida tem que ser forçosamente melhor do que a que foi citada. Encontrar novos caminhos é colorir e, dar sentido à nossa existência.

MATERIAL E MÉTODOS

A caracterização da pesquisa quanto à abordagem é quantitativa, dessa forma considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números, opiniões e informações, para classificá-las e analisá-las.

Quanto aos objetivos é definida como pesquisa exploratória, onde se busca familiarizar-se com o fenômeno que está sendo estudado, envolvendo levantamento bibliográfico, explicando um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos, visando proporcionar uma visão geral de um determinado fato; e pesquisa descritiva por procurar descrever a partir de dados primários o entendimento do tema estudado, obtidos por meio da aplicação do questionário, com a maior precisão possível, descrevendo as características da população.

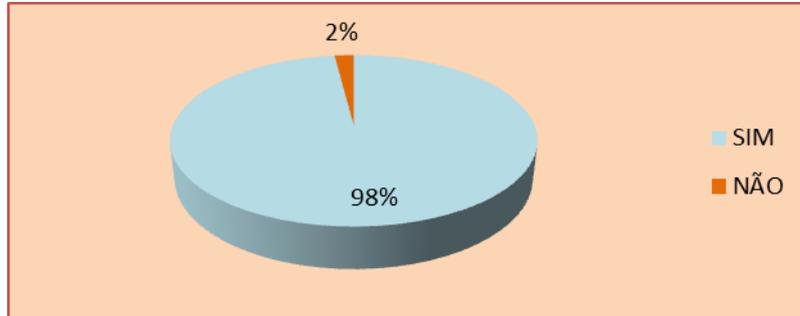
Os dados coletados são provenientes de fontes primárias ou diretas, ou seja, que nunca foram coletados e analisados, dessa forma representam dados brutos originados a partir das respostas obtidas através da aplicação do questionário aos professores e pais da Escola da rede Municipal do município de Tangará da Serra–MT.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de analisar os dados obtidos pela pesquisa se constata que a separação dos pais agrava o rendimento escolar da criança fazendo com que esses pais se afastem da escola justificando assim sua ausência pela falta de tempo por questão de trabalho. A observação que o professor utiliza como ferramenta principal é uma grande arma para ajudar essa criança a não ficar excluída no ambiente escolar. Por outro lado quando a participação da família é ativa esse aluno melhora no rendimento na escola, de ruim passa a ser bom tornando-o mais

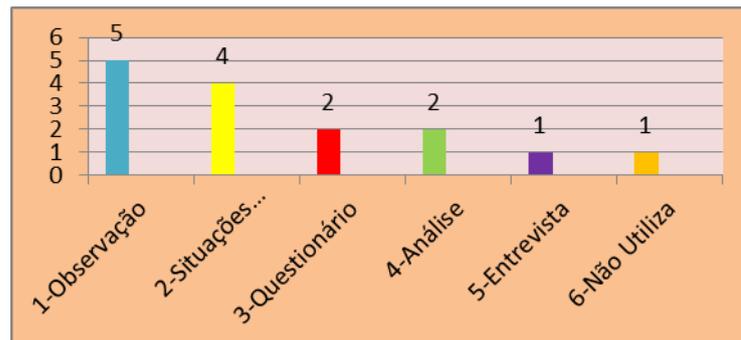
participativo e motivado.

Gráfico 1: A separação dos pais provoca baixo rendimento escolar ?



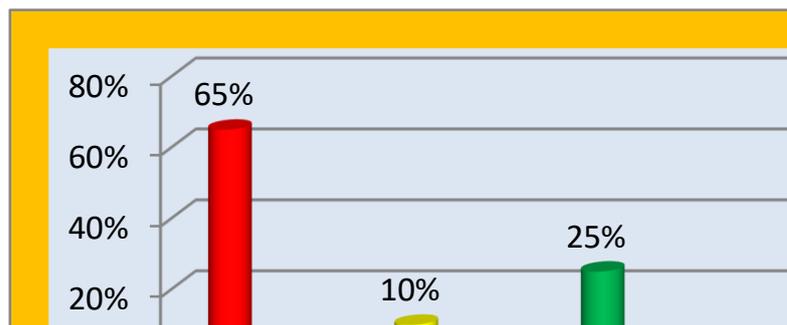
O divórcio e a separação dos pais é sempre um processo doloroso que envolve, em muitos casos, fortes sentimentos de tristeza, de perda e de frustração. Conforme o gráfico 1 podemos notar que 98% responderam que sim e 2% não. E com isso mostra que algumas crianças ficam confusas, e podem, em consequência manifestar indicadores de regressão no seu desenvolvimento, como por exemplo, molhar a cama, manifestar medos, apresentar alterações do sono e tornarem-se irritáveis, exigentes, e mais dependentes dos pais.

Gráfico 2: Instrumentos que os educadores utilizam para identificar o rendimento baixo devido aos desinteresses dos pais ?



Observou-se no gráfico 2 que suas compreensões a respeito do fracasso escolar assumem uma multiplicidade de olhares que se evidenciam nas suas práticas pedagógicas em sala de aula e no dia a dia da escola.

Gráfico 3: A que se deve a ausência dos pais ?

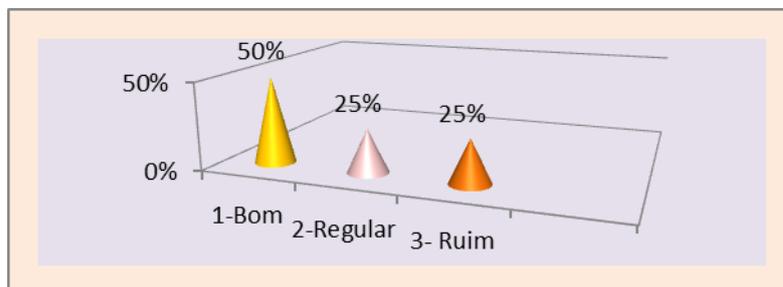


Em relação da ausência dos pais na escola 65% diz que falta de tempo por questões de trabalho, 10% diz que falta de comunicação da escola e 25% falta de comunicação da família com a escola, pois para Perrenoud (2000, p.117):

Convocar os pais autoritariamente e tratá-los como acusados no tribunal não pode instaurar um diálogo de igual para igual. Certos professores cultivam uma tal *assimetria* na relação que podem levar os pais a se sentirem tratados como alunos. [...] nas reuniões, a falta de habilidade, de ambas as partes, revela mais temores do que más intenções ou desprezo. A competência maior é, mais uma vez, saber situar-se claramente. (PERRENOUD 2000, p.117)

Neste sentido, que se propõe que as reuniões sejam mais receptivas, que ao invés de só demonstrar o mau rendimento do aluno ou a sua indisciplina, mostrar também seu progresso, o seu desenvolvimento com ser humano valorizado.

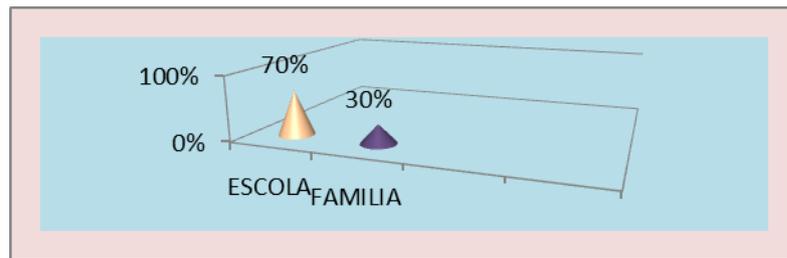
Gráfico 4: Como é o rendimento escolar dos alunos que contam a participação da família na escola ?



Na investigação notam-se os anseios dos professores e coordenadores na importância da presença dos pais na escola e exemplificam o lado positivo dos alunos que contam com o apoio dos pais na escola, pais que sempre compartilham aos professores sobre o rendimento de seu filho e ajuda nas atividades propostas da escola, o que constata no gráfico 4. Entre outras ocasiões, estes alunos têm um

melhor desenvolvimento na aprendizagem e uma boa relação com a escola, como um todo, além dos pais estarem mais interagidos com os desafios, problemas e projetos da escola, pois durante suas falas, expuseram suas opiniões em relação às ações da escola e deram até boas considerações da relação efetiva da escola com os pais em geral.

Gráfico 5- Quem são agentes da socialização?

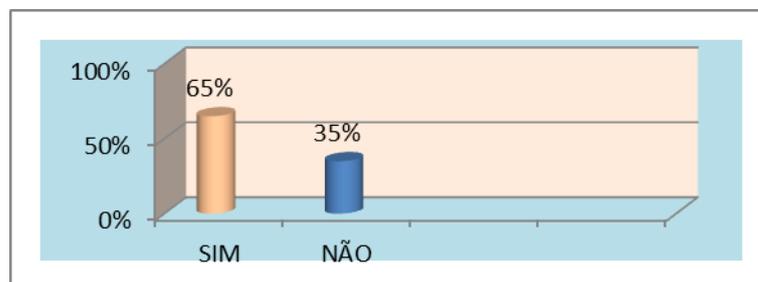


A família atual sofre mudanças de estrutura, valores e culturais e novos paradigmas que podem estar ligadas, ou não, a distúrbios de comportamentos e de aprendizagem dos filhos em sala de aula e, para os educadores, tais mudanças podem ser a causa dos conflitos que a escola enfrenta no momento de aprimorar o conhecimento dos alunos. Como diz Paro (1997, p.30) sobre a importância da escola em promover contatos com os pais, assim:

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano. (PARO 1997, p.30)

Portanto, a família ainda é a maior influência na conduta, personalidade e valores afetivos que a criança adquire. Nessa perspectiva a escola tem a necessidade de interação com a família e o ambiente familiar e suas necessidades sociais e pessoais para atender melhor o alunado e adquirir o apoio dos familiares nas atividades pedagógicas e em toda a vida escolar do aluno.

Gráfico 6- A sua escola possui algum tipo de programa para acompanhamento familiar que possa ajudar essas crianças?



Hoje há projetos como o Programa Escola da Família que busca colocar a comunidade dentro da escola, através de oficinas que trabalham com esporte, cultura e saúde, temos o Plano de Mobilização Social pela Educação elaborado pelo (MEC), que tem como fundamento a educação como um direito e dever das famílias, tendo em vista que:

- a) As famílias e responsáveis pelas crianças adolescentes e jovens têm o direito de reivindicar que a escola dê uma educação de qualidade para todos e cada um de seus alunos. Podem e devem cobrar providencias medidas e ações para que isso ocorra.
- b) As famílias e responsáveis pelas crianças e jovens têm o dever de ajudar a escola em casa, criando disciplina e rotinas de estudo.
- c) As famílias e responsáveis tem o dever de se aproximar da escola.

Observamos que muito tem se dito sobre a importância desta relação entre escola e família, que o Estado tem se mobilizado para que isto ocorra, mas que apesar de todos os esforços a atuação dos pais é muito rara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo percebeu-se a importância da relação Família/Escola no processo educativo da criança. Ambas são referenciais que dão sustentação ao bom desenvolvimento da criança, portanto, quanto melhor for a parceria entre elas, mais positiva e significativa será o desempenho escolar dos filhos/alunos. Porém, a participação da família na educação formal dos filhos precisa ser constante e consciente, pois vida familiar e vida escolar se complementam. Faz-

se também necessário, que a escola vá de encontro à família quando sentir que esta permanece distante.

Enfim, a relação familiar e escolar é fundamental para o processo educativo, pois os dois contextos possuem o papel de desenvolver a sociabilidade, a afetividade e o bem estar físico e intelectual os indivíduos, ou seja, o ideal é que família e escola se envolvam numa relação recíproca, pois as influências dos dois meios são importantes para a formação de sujeitos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio De Janeiro: Editora LCT,1981.

BRASIL, **Lei Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília/DF: Senado Federal 1988.

BRASIL.**Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF,1998. Vol.1.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. 8. ed. rev.atual. São Paulo: Livraria do Advogado, 2011.

FRAGA, Fernanda Rocha. **A participação dos pais no processo de escolarização dos filhos**. 2012. Disponível em: [http://psicologado.com/atuacao/psicologia escolar/a-participacao-dos-pais-no-processo-de-escolarizacao-dos-filhos](http://psicologado.com/atuacao/psicologia%20escolar/a-participacao-dos-pais-no-processo-de-escolarizacao-dos-filhos) Acesso 22/08/17

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar** / Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PARO, Vitor Henrique.**Qualidade do ensino a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 1997.

REIS, José Roberto Tozoni. **Família, emoção e ideologia**. Editora Brasiliense, São Paulo: 1984.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

Capítulo 4
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Marilene de Souza
Fabiana Saturnino da Silva
Ione Alves de Souza Salapata
Idonete Rodrigues de França

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marilene de Souza

Fabiana Saturnino da Silva

Ione Alves de Souza Salapata

Idonete Rodrigues de França

RESUMO

A importância do lúdico na educação infantil tem sido um dos instrumentos que fomentam um aprendizado de qualidade para a criança, a partir das técnicas que promovem o desenvolvimento das habilidades fundamentais nesse processo. Nesse sentido, esse trabalho tem a finalidade de compreender a inserção da criança e das atividades lúdicas no contexto da educação infantil e os reflexos dessa prática em seu desenvolvimento global. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica e elencou-se assuntos pertinentes para esse entendimento. A partir dessas idéias houve um entendimento de que as brincadeiras com objetivo pedagógico favorecem o processo de ensino-aprendizagem e tornam o sujeito mais consciente de seu papel na sociedade. Através de uma pesquisa alicerçadas nos fundamentos de autores como Piaget, Vygotsky e Kishimoto e seguindo a realidade escolar estudada busca-se identificar que a utilização do lúdico aliado a atividades pedagógicas pode transformar o aprender numa ação prazerosa que produz resultados positivos. No entanto, ressalta-se que é preciso entendimento sobre o direcionamento de tais atividades. É o professor quem deve conduzir o aluno e as atividades a serem realizadas. O lúdico permite novas maneiras de ensinar, associado a fatores como: capacitação dos profissionais envolvidos, infra-estrutura, pode-se obter uma educação de qualidade, capaz de ir ao encontro dos interesses essenciais à criança, pois as atividades lúdicas não são somatórias, mas sim fazem parte do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Infantil. Lúdico. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A importância do lúdico na educação infantil tem sido um dos instrumentos que fomentam um aprendizado de qualidade para a criança, a partir das técnicas que promovem o desenvolvimento das habilidades fundamentais nesse processo.

Compreendo o lúdico na educação infantil tem sido uma das estratégias mais bem sucedidas no que concerne à estimulação do desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem de uma criança. As atividades é significativas por que desenvolvem as

capacidades de atenção, memória, percepção, sensação e todos os aspectos básicos referentes à aprendizagem. Sendo assim entendemos que através do lúdico o educador pode desenvolver atividades que sejam diferenciadas e que buscam uma interação maior entre os alunos e o professor numa aula diferente e criativa, sem ser rotineira.

A importância de reconhecer o lúdico possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a importância do lúdico na formação da personalidade. Realizando através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona idéias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, o que é mais importante, vai se socializando.

A pesquisa deste trabalho surgiu com a necessidade de discutir a prática pedagógica em relação a importância do lúdico no universo da educação infantil. A ludicidade acaba sendo um meio facilitador da aprendizagem proporcionado ao aluno o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, psicomotor, uma educação adequada aliada a educação lúdica contribui de forma efetiva no desenvolvimento de crianças.

A problemática buscou compreender a importância do lúdico como subsídios eficazes na construção do conhecimento infantil através de estimulações necessárias na produção de sua aprendizagem. Com o objetivo de analisar as contribuições dos autores que abordam sobre o lúdico. Portanto, partindo de tal pressuposto fundamenta-se a necessidade de evidenciar: Como o lúdico influencia no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil?

DESENVOLVIMENTO

Sabemos que em muitas unidades escolares, encontram dificuldades em compartilhar conhecimentos, que poderiam ser enfatizados com a prática da atividade lúdica, inserida numa perspectiva na qual os educando poderiam desenvolver seus conhecimentos. A ludicidade é um tema que tem conquistado espaço no panorama nacional, seja pela relevância reconhecida para o desenvolvimento da criança na escola e onde a criança se torna criadora porque além da sua necessidade de exprimir seus sentimentos, precisa relacionar-se com o mundo.

Trabalhar atividades lúdicas em sala de aula requer do professor um olhar

minucioso do mundo e da cultura que se quer mostrar à criança. A brincadeira em si traz uma realidade cultural, regional, pessoal, íntima, entre outras, pois, segundo Vigotsky

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que a realidade. [...] sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. [...] o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. (VIGOTSKY 1992, p. 134-135):

A prática da ludicidade para ensinar os conteúdos do currículo escolar pode propiciar o sucesso da aprendizagem dos alunos. Lembrando que, os benefícios dessas atividades vão além das salas de aula, pois esses recursos promovem uma maior interação entre os alunos. Além disso, muitas vezes uma atividade desenvolvida na escola, na qual o professor tenha participação efetiva ou colaborativa proporciona um relacionamento mais próximo entre ele e o aluno.

O lúdico como fator facilitador da aprendizagem e o professor como mediador. Fala-se muito em ludicidade nos dias de hoje, mas ainda não há aquela preocupação por parte de alguns educadores pela utilização do lúdico que é um recurso metodológico capaz de propiciar a aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade e a socialização da criança.

Conforme Santos diz que:

Considerar o ensino-aprendizagem escolar como algo que está necessariamente imbricado no processo interativo professoraluno supõe admiti-lo também como movimento contínuo e dinâmico. É importante ressaltar que não estamos partindo do pressuposto de que são dois processos se contrapondo, mas que o ensino-aprendizagem escolar é encarado, em última instância, como inerente a grande parte do processo interativo entre professor e aluno. Santos (1995, p. 2)

Os recursos lúdicos são capazes de contextualizar os conteúdos e assim o aluno passa a ver sentido naquilo que está aprendendo. Os jogos desenvolvem o raciocínio lógico, estimulam o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas.

Freire acredita que:

“A criança que brinca em liberdade, podendo decidir sobre o uso de seus recursos cognitivos para resolver os problemas que surgem no brinquedo, sem dúvida alguma chegará ao pensamento lógico de que necessita para

aprender a ler, escrever e contar". (Freire 1991)

O lúdico é de extrema importância e constitui numa estratégia de ensino e aprendizagem devendo dessa forma ser planejado previamente e os objetivos elucidados, pois a ludicidade deve ser trabalhada na escola com muita seriedade.

A ludicidade é um tema que tem conquistado espaço no panorama nacional, seja pela relevância reconhecida para o desenvolvimento da criança na escola e onde a criança se torna criadora porque além da sua necessidade de exprimir seus sentimentos, precisa relacionar-se com o mundo.

A prática da ludicidade para ensinar os conteúdos do currículo escolar pode propiciar o sucesso da aprendizagem dos alunos. Lembrando que, os benefícios dessas atividades vão além das salas de aula, pois esses recursos promovem uma maior interação entre os alunos. Além disso, muitas vezes uma atividade desenvolvida na escola, na qual o professor tenha participação efetiva ou colaborativa proporciona um relacionamento mais próximo entre ele e o aluno.

Os recursos lúdicos são capazes de contextualizar os conteúdos e assim o aluno passa a ver sentido naquilo que está aprendendo. Os jogos desenvolvem o raciocínio lógico, estimulam o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas.

Freire acredita que:

"A criança que brinca em liberdade, podendo decidir sobre o uso de seus recursos cognitivos para resolver os problemas que surgem no brincar, sem dúvida alguma chegará ao pensamento lógico de que necessita para aprender a ler, escrever e contar". (Freire 1991)

O lúdico é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura, por meio do qual podem permear suas vivências internas com a realidade externa. Sendo um facilitador para a interação com o meio, embora seja muito pouco explorado. A importância do brincar é uma atividade culturalmente definida e representa uma necessidade para o desenvolvimento infantil. Historicamente, o homem sempre brincou, por meio dos diversos povos e culturas e no decorrer da história, mas ao longo do tempo, as formas de brincar, os espaços e os tempos de brincar, os objetos foram se transformando.

Neste sentido, a escola é fundamental neste processo de resgate da ludicidade com sucatas, jogos e brincadeiras, e as aulas de educação física podem se transformar em momentos propícios para isso, pois há uma infinidade de conteúdos

da cultura corporal que podem contribuir para que as vivências locais, como as brincadeiras e jogos tradicionais sejam resgatados e vivenciados na escola. Assim é igualmente necessário reconhecer que a participação em jogos propicia a formação de atitudes, no que refere ao respeito mútuo, cooperação, obediência às regras, senso de responsabilidade, iniciativa pessoal e grupal, bem como favorece o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

O lúdico é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura, por meio do qual podem permear suas vivências internas com a realidade externa. É um facilitador para a interação com o meio, embora seja muito pouco explorado. O brincar é uma atividade culturalmente definida e representa uma necessidade para o desenvolvimento infantil. Historicamente, o homem sempre brincou, por meio dos diversos povos e culturas e no decorrer da história, mas ao longo do tempo, as formas de brincar, os espaços e os tempos de brincar, os objetos foram se transformando.

As brincadeiras na rua, em casa e na escola, e as festas, são parte profundamente significativa para a inserção no universo social. Com o brincar, se faz o processo de humanização ética da criança, por isso, deve ser utilizado para o desenvolvimento das crianças, tanto em casa, como na escola, principalmente por isso deve haver parceria entre pais e escola. A criança não se desenvolverá, se um não tiver o auxílio do outro, se um jogar a responsabilidade para outro. Todos são responsáveis pela educação, pelo desenvolvimento da criança.

Uma escola lúdica tem como finalidade desenvolver habilidades físicas e intelectuais, formar alunos críticos, criativos, conscientes e promover a interação social e, acima de tudo, despertar em seus alunos o gosto pela escola, pelo estudo, pela busca por novos conhecimentos, criando assim um elo muito forte entre o aluno e a escola. Uma escola lúdica é onde o aluno sente prazer em estudar, em aprender coisas novas nas diferentes áreas do conhecimento: matemática, português e ciências entre muitas outras. Para que isto ocorra o ambiente deve ser bastante acolhedor não só para os alunos, mas também para os professores, pais e familiares dos alunos.

Na sala de aula o aluno deve ter acesso a livros, revistas, gibis e jornais. Os corredores e murais da escola devem ser utilizados para expor as atividades desenvolvidas pelos alunos como uma forma de valorizar os seus trabalhos. A escola deve planejar projetos que envolvam os alunos com a realidade de sua comunidade, promovendo assim a interação aluno e realidade, como também incentivar a prática de atividades esportivas, onde os alunos poderão adquirir hábitos de higiene pessoal

e outros valores.

Atividades lúdicas garantem uma aprendizagem significativa para a criança com dificuldades de aprendizagem, bem como o prazer, a socialização, o respeito, a individualidade. Pois, a criança estará aprendendo no seu ritmo, criando hipótese, chegando à conclusão e elaborando suas regras. Acertando e errando com seus próprios erros e retomando para acertar novamente. Assim, sua aprendizagem será significativa e levará consigo um aprendizado que nunca se esquecerá. Com isso, a criança será, também, um construtor do saber, privilegiando a criatividade, imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras preestabelecidas, nem velhos caminhos trilhados, abre novos caminhos, vislumbrando outros possíveis.

O lúdico como fator facilitador da aprendizagem e o professor como mediador. Fala-se muito em ludicidade nos dias de hoje, mas ainda não há aquela preocupação por parte de alguns educadores pela utilização do lúdico que é um recurso metodológico capaz de propiciar a aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade e a socialização da criança. Quanto mais se amplia à realidade externa da criança mais ela tem uma organização interna ágil e coerente. O educador precisa ser sensível às contingências em sala de aula e as criatividades que serão realizadas para que possam ser criadas condições de ensino e saber.

Conforme Santos diz que:

Considerar o ensino-aprendizagem escolar como algo que está necessariamente imbricado no processo interativo professoraluno supõe admiti-lo também como movimento contínuo e dinâmico. É importante ressaltar que não estamos partindo do pressuposto de que são dois processos se contrapondo, mas que o ensino-aprendizagem escolar é encarado, em última instância, como inerente a grande parte do processo interativo entre professor e aluno. Santos (1995, p. 2)

Assim, reiteramos que as relações entre o professor e o aluno, entre o agente formador e o aprendiz, precisam centrar-se no aprender e no ensinar baseados na interação e no respeito como condição fundamental às aprendizagens, pois toda aprendizagem está impregnada de afetividade. E, pensando na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros e escrita não acontece puramente no campo cognitivo.

As crianças por natureza são curiosas, cabe ao professor saber elaborar atividades lúdicas e interativas para aguçar ainda mais esta curiosidade. Conforme Ferreira ele diz que:

Dependendo do procedimento ou do método utilizado, podemos gerar um movimento contrário de desprazer e desinteresse por parte dos alunos, tornando a aprendizagem vazia de significados. É isso, um mesmo trabalho pode ser obrigação ou libertação. Não é uma questão de novidade, mas de iluminação e de fecundidade. (Ferreira, 2003, p. 45).

A mediação lúdica na educação prevê a utilização de metodologias agradáveis e adequadas às crianças, que façam com que o aprendizado aconteça dentro do seu mundo, e que seja algo agradável sendo assim reforça aqui o valor de trazer a realidade da criança para sala de aula usando-a como estratégia metodológica de aprendizagem. Ao usar a brincadeira como recurso pedagógico, a criança apropria-se da realidade, atribuindo-lhe significado.

Trabalhar atividades lúdicas em sala de aula requer do professor um olhar minucioso do mundo e da cultura que se quer mostrar à criança. A brincadeira em si traz uma realidade cultural, regional, pessoal, íntima, entre outras, pois, segundo Vigotsky

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que a realidade. [...] sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. [...] o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. (VIGOTSKY 1992, p. 134-135):

Desta forma, entendo que as atividades lúdicas cooperativas contribuem e oportunizam as crianças momentos de expressão, criação e de troca de informação, além de trabalhar a cooperação. Torna-se necessário também que o educador reavalie seus conceitos a respeito dessas atividades, principalmente com relação aos jogos, e que neste processo a criança tenha espaço para expressar sua fala, seu ponto de vista e suas sugestões. O professor ao propor algum tipo de atividade, deve deixá-lo à vontade, pois através da troca de experiências com outros colegas, da criatividade e busca de soluções, ele conseguirá construir seu próprio conhecimento.

O lúdico como fator facilitador da aprendizagem e o professor como mediador. Fala-se muito em ludicidade nos dias de hoje, mas ainda não há aquela preocupação por parte de alguns educadores pela utilização do lúdico que é um recurso metodológico capaz de propiciar a aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade e a socialização da criança. Quanto mais se amplia à realidade externa da criança mais ela tem uma organização interna ágil e coerente. O educador precisa ser sensível às contingências em sala de aula e as criatividades que serão

realizadas para que possam ser criadas condições de ensino e saber.

Conforme Santos diz que:

Considerar o ensino-aprendizagem escolar como algo que está necessariamente imbricado no processo interativo professor aluno supõe admiti-lo também como movimento contínuo e dinâmico. É importante ressaltar que não estamos partindo do pressuposto de que são dois processos se contrapondo, mas que o ensino-aprendizagem escolar é encarado, em última instância, como inerente a grande parte do processo interativo entre professor e aluno. Santos (1995, p. 2)

Assim, reiteramos que as relações entre o professor e o aluno, entre o agente formador e o aprendiz, precisam centrar-se no aprender e no ensinar baseados na interação e no respeito como condição fundamental às aprendizagens, pois toda aprendizagem está impregnada de afetividade. E, pensando na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros e escrita não acontece puramente no campo cognitivo.

As crianças por natureza são curiosas, cabe ao professor saber elaborar atividades lúdicas e interativas para aguçar ainda mais esta curiosidade. Conforme Ferreira ele diz que:

Dependendo do procedimento ou do método utilizado, podemos gerar um movimento contrário de desprazer e desinteresse por parte dos alunos, tornando a aprendizagem vazia de significados. É isso, um mesmo trabalho pode ser obrigação ou libertação. Não é uma questão de novidade, mas de iluminação e de fecundidade. (Ferreira, 2003, p. 45).

A mediação lúdica na educação prevê a utilização de metodologias agradáveis e adequadas às crianças, que façam com que o aprendizado aconteça dentro do seu mundo, e que seja algo agradável sendo assim reforça aqui o valor de trazer a realidade da criança para sala de aula usando-a como estratégia metodológica de aprendizagem. Ao usar a brincadeira como recurso pedagógico, a criança apropria-se da realidade, atribuindo-lhe significado.

Assim, alunos com dificuldades de aprendizagem podem valer-se da brincadeira como recurso para facilitar a compreensão dos conteúdos pedagógicos. Pois o brincar desenvolve na criança a autoconfiança e intimidade, por fazer parte da sua rotina diária, sendo então a brincadeira um forte elemento no desenvolvimento cognitivo da criança e não pode ser desconsiderado nem no meio familiar nem no escolar, mas procurar trabalhar de maneira que facilite no aluno a compreensão em

determinadas situações.

Segundo Santos a sala de aula é um espaço de convergência de realidades que precisam ser problematizadas e permeadas pela ação do professor, assim:

A sala de aula é um lugar de brincar se o professor conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isto, é necessário encontrar o equilíbrio sempre móvel entre cumprimento de suas funções pedagógicas – ensinar conteúdos e habilidades, ensinar a aprender – e psicológicas – contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo, na moldura do desempenho das funções sociais, preparar para o exercício da cidadania e da vida coletiva, incentivar a busca da justiça social e da igualdade com respeito às diferenças. (Santos 2001)

E como as aulas podem ser transformar em momentos em que o lúdico, o brincar, o jogar se tornam importantes ferramentas de aprendizagem? Pode-se dizer, quando a ação pedagógica providencia que os alunos brinquem e joguem não pelo simples fato de brincar e jogar, pois assim eles os fazem em outros espaços que não a escola, mas que esteja voltado ao desenvolvimento intencional de competências e habilidades, bem como a superação de quaisquer limitações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descreveremos aqui opinião e análise sobre como os autores abordam a importância da ludicidade.

A ludicidade é assunto que tem conquistado espaço no panorama nacional, principalmente na educação infantil, por ser o brinquedo a essência da infância e seu uso permitirem um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento. A ludicidade, tão importante para a saúde mental do ser humano é um espaço que merece atenção dos pais e educadores, pois é o espaço para expressão mais genuína do ser, é o espaço e o direito de toda a criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos.

Na visão sócio-histórica de Vygotsky, a brincadeira, o jogo, é uma atividade específica da infância, em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. Essa é uma atividade do contexto cultural e social. É uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim

como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

A formação lúdica permite ao educador saber suas possibilidades e limitações, abrindo caminhos para eliminar resistências e adquirir uma nova visão clara sobre a importância do jogo, do brincar e da brincadeira para a vida da criança durante sua formação. Observando o lúdico num espaço geral, o mundo dos adultos está repleto de atividades lúdicas. Pois os adultos comparados com as crianças, utilizam a ludicidade em todos os momentos de suas vidas. Isto nos mostra que as teorias de Piaget e Vigotsky, são verdadeiras, quando dizem que o ser está em constante processo de desenvolvimento, na busca de novas idéias e um aperfeiçoamento intelectual. É com base nessas teorias que as atividades lúdicas despertam atenção e curiosidade não só na criança como em qualquer ser humano, deixando-o livre para aprender.

Através da brincadeira, da ludicidade a criança desenvolve-se e sente a necessidade de partilhar com os outros e esta relação afeta as emoções testa limites, oportuniza o desenvolvimento das capacidades tais como a afetividade, o hábito de concentração, enfim torna-se operativa, participadora.

As manifestações lúdicas desempenham funções muito importantes no desenvolvimento das crianças e, além disso, podem ser utilizadas como um importante instrumento didático. Por isso, a atividade lúdica é de fundamental importância, uma vez que possibilita o desaparecimento da fronteira entre o trabalho, que é obrigatório e exige esforços, e o divertimento, prazeroso e alegre, levando os alunos a se envolverem, se arriscarem, se interessarem e aprenderem com satisfação, prazer e autoconfiança.

Piaget (1976) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Estas não são apenas uma forma de desafogo ou entreterimento para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Para Vygotsky (1987), a aprendizagem e o desenvolvimento estão estritamente relacionados, sendo que as crianças se interrelacionam com o meio objetivo e social, internalizando o conhecimento advindo de um processo de construção. O brincar permite, ainda, aprender a lidar com as emoções. Pelo brincar, a criança equilibra as tensões provenientes de seu mundo cultural, construindo sua individualidade, sua marca pessoal e sua personalidade

Os professores exercem grande influência na vida de seus alunos, são pessoas importantes para que a aprendizagem ocorra de forma eficiente e, juntamente com o lúdico desenvolve-se este papel de forma mais tranqüila e prazerosa, este é o papel da ludicidade. Aprender algo, ao mesmo tempo que se distrai além de prazeroso torna-se espontâneo, as atividades lúdicas proporcionam uma maior interação entre o estudante e o aprendizado, a importância da ludicidade propicia uma aula agradável permitindo aos alunos uma maior assimilação.

Diante de todos estes aspectos importantes a ludicidade propicia também o desenvolvimento de outros aspectos importantes como o desenvolvimento do raciocínio da criança, na brincadeira, a criança vai interpretar de uma forma mais positiva o conteúdo, ou aquilo que a professora quis passar para o aluno, irá sentir-se mais satisfeito e envolvido, parte do processo de aprendizagem.

Na visão de Kishimoto:

Enquanto manifestação livre e espontânea da cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver forma de consciência social e permitir o prazer de brincar. ...Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, a brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, na situação imaginária (Kishimoto 1999, p. 33).

Nesse contexto, a postura do professor possui grande relevância, pois ele pode conduzir suas atividades priorizando o lúdico ou negando-lhe o espaço, o que o faz negar, de certa forma, as “possibilidades” de pleno desenvolvimento do seu aluno. É ele a peça chave deste processo, devendo ser encarado como um elemento essencial e fundamental. Quanto maior e mais rica for sua história de vida profissional, maiores serão as possibilidades de ele desempenhar uma prática educacional consistente e significativa.

Portanto, o lúdico é uma ponte que auxilia na melhoria dos resultados por parte dos educadores interessados em promover mudanças. O lúdico é uma necessidade humana que proporciona a interação da criança com o ambiente em que vive, sendo considerado como meio de expressão e aprendizado. As atividades lúdicas possibilitam a incorporação de valores, o desenvolvimento cultural, assimilação de novos conhecimentos, o desenvolvimento da sociabilidade e da criatividade. Assim, a criança encontra o equilíbrio entre o real e o imaginário e tem a oportunidade de se desenvolver de maneira prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades lúdicas exercem um papel importante na aprendizagem das crianças. Os professores atestam que é possível reunir dentro da mesma situação, o lúdico e o educar. É necessário que as escolas sensibilizem no sentido de desmistificar o papel do lúdico, que não é apenas um passatempo, mas sim uma ferramenta de grande valia na aprendizagem em geral, inclusive de conteúdos, pois propõe problemas, cria situações, assume condições na interação, responsável pelo desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo da criança.

Assim, promover a educação lúdica na formação profissional, tomando como base uma graduação que alicerça a constituição da identidade lúdica do futuro pedagogo, implica não apenas atender às demandas pedagógicas dos professores da Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental, mas, igualmente, estabelecer uma formação que reformule as condições da profissão docente e que visualiza em todo o percurso de sua formação.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Gláucia. **Palavra de professor(a)**. São Paulo: Mercado das Letras 2003.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, ed Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1991.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. SP: Cortez, 1999.
- PIAGET, Jean. **A formação de símbolo na Criança: Imitação, jogo , imagem e representação**. Tradução de Álvaro Cabral e Cristiane Oiticica. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- _____. **A Linguagem e o Pensamento da Criança**. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- _____. **A representação do mundo da criança**. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- SANTOS, Carmen Sevilha Gonçalves dos. **Interação professor-aluno e aprendizagem de leitura e escrita numa primeira série do primeiro grau**. Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, 1995.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **A ludicidade como ciência**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

VYGOTSKY. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1992.

VYGOTSKY, Lev, **Aprendizagem e desenvolvimento: um processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento de processo psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes 1998.

_____, **Imaginação e criação da criança**. São Paulo, Scipione, 2000.

Capítulo 5
ESTRUTURAS PSICOMOTORAS
Cleides Ferreira dos Santos Lima
Elaine Vanessa dos Santos Lima
Marines da Silva Vargas
Cristimar Carvalho Duarte

ESTRUTURAS PSICOMOTORAS

Cleides Ferreira dos Santos Lima

Elaine Vanessa dos Santos Lima

Marines da Silva Vargas

Cristimar Carvalho Duarte

RESUMO

A escolha deste tema com o a educação psicomotora é fundamental na vida da criança, e está refletida no histórico de vida do sujeito, podendo observar-se a partir dela, o desenvolvimento da criança, o seu relacionamento com o mundo, a sua interação com as pessoas, a forma como pensa e como atua, expressando as suas sensações e sentimentos, e utilizando o corpo como instrumento rico e significativo para a comunicação. O desenvolvimento das estruturas psicomotoras permite à criança uma melhora da postura, da dissociação dos movimentos, da coordenação global dos movimentos, da motricidade fina, do ritmo discriminação táctil, visual e auditivo, da integração das estruturas espaciais e temporais, do aumento da capacidade de atenção e concentração. O trabalho se justifica - se que as contribuições da psicomotricidade na aquisição da pré-escrita estão relacionadas com o domínio do gesto, com a estruturação espacial e a orientação temporal que são os três fundamentos básicos da escrita, os quais supõem: uma direção gráfica (escrevemos horizontalmente da esquerda para a direita); noções de cima e baixo (n e u); de esquerda e direita e de oblíquas e curvas (g); e noção de antes e depois.

Palavra-chave: Psicomotora. Aprendizagem. Desenvolvimento.

Introdução

O trabalho se justifica - se que as contribuições da psicomotricidade na aquisição da pré-escrita estão relacionadas com o domínio do gesto, com a estruturação espacial e a orientação temporal que são os três fundamentos básicos da escrita, os quais supõem: uma direção gráfica (escrevemos horizontalmente da esquerda para a direita); noções de cima e baixo (n e u); de esquerda e direita e de oblíquas e curvas (g); e noção de antes e depois. Tendo como questão norteadora: Qual a importância da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil?

Objetivos

Geral

Trabalhar a relação entre corpo e mente de forma articulada por meio da psicomotricidade, buscando contribuir para o desenvolvimento global de crianças deficientes e/ou com dificuldades de aprendizagem/déficit de aprendizagem, levando a vivências significativas tanto motoras quanto cognitivas.

Específicos

- Estimular o conhecimento e vivência das estruturas psicomotoras lateralidade, espaço-temporal, ritmo, equilíbrio, esquema corporal, expressão corporal e coordenação motora.
- Desenvolver o raciocínio lógico por meio de jogos.
- Desenvolver a inteligência emocional necessária ao bom convívio social, a partir de atividades de inclusão.
- Experimentar diversas formas de movimento de forma criativa.
- Reconhecer o próprio corpo, suas partes e funções motoras.
- Explorar diversas possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se em brincadeiras e outras interações.
- Adquirir por meio de vivências psicomotoras diversas, segurança e confiança em seu próprio corpo.
- Ampliar as possibilidades de expressão do próprio movimento para utilizações em situações diversas.
- Controlar e aperfeiçoar gradativamente o próprio movimento;

Conteúdos

- Exploração utilização dos movimentos de preensão, encaixe, etc. no uso de objetos diretos.
- Fazer autorretrato do seu corpo.
- Conhecimento das potencialidades e limites do próprio corpo;
- Equilíbrio estático e dinâmico.
- Noção do corpo: conhecimento do próprio corpo e do corpo de outro, noções espaciais do próprio corpo e do de outro, interiorização da imagem corporal, coordenação, imitação.

- Lateralidade: identificação da dominância lateral, reconhecimento da direita e da esquerda, ordenação espacial, discriminação visual, noções espaciais e temporais, estruturação rítmica, percepção visual e auditiva, identificação de ruídos e sons, noções de esquerda e direita, alto e baixo, dentro e fora.

Metodologia

Será desenvolvido com turmas da Educação Infantil, do turno vespertino, atendendo em média 20 alunos. Serão desenvolvidas atividades como: cantar com as crianças variadas músicas infantis; ouvir canções de ninar na hora do descanso; incentivar o consumo de diversos alimentos nas refeições; promover brincadeiras entre as crianças (jogar bola, montar, encaixar, etc); contar historia utilizando fantoches e explorando as imagens. Na hora do banho, falar das partes que estão sendo higienizadas; mostrar com gestos, palavras, careta, expressões, as sensações, os carinhos e agradecimentos. Ex: jogar beijo, bater palma, fazer bico, dar tchau, fazer positivo e fazer carinho; brincar falando corretamente o nome dos brinquedos utilizados.

No segundo semestre (agosto-dezembro) a intenção é intensificar as atividades já realizadas fazendo com que tenham um maior grau de dificuldade em sua realização, para que as crianças possam alcançar um maior desenvolvimento.

1º PASSO

- Deixar as crianças explorarem livremente o material para que possam perceber criar, brincar, relacionar, imaginar, planejar e sentir o material da atividade proposta.

2º PASSO

- Estimular as crianças a manusear os objetos de acordo com os objetivos a serem alcançados dentro de cada atividade.

3º PASSO

- Quando a atividade envolver objetos que necessitam apenas serem guardados deve-se estimular as crianças a ajudarem na organização do ambiente.

Tempo de realização

O projeto terá a duração de 20 horas, sendo cinco dias da semana no período vespertino.

Recursos humanos e materiais

- Humanos: Professores e alunos.
- Materiais: Colchão gordo e colchonetes, bolas de borracha, piscina com bolinhas, bola grande, cobertor ou tapete, elástico, pneus, tapete de EVA, cones, tinta guache e natural, papel, rolinho de pintura, pandeiros e chocalhos artesanais, brinquedos de plástico e borracha, velocípede, animais de plástico (gato, cão, tartaruga, tigre, elefante, etc.), sacos plásticos, lixa de parede, estopa, palha de milho, papel contate, algodão, serragem fina, papel camurça, esponja, bucha vegetal, chantili, mingau a base de farinha de trigo, corante comestível, massa de modelar caseira, sal, açúcar cristal e refinado, pó de café, achocolatado, aveia em flocos, gelatina, condimentos, frutas, legumes, utensílios de cozinha, livros e gravuras plastificados, revistas, fotos, CDs e DVDs de músicas e histórias, violão, fantoches, dedoches, kombi, etc.

Avaliação

A avaliação deve ser realizada de forma contínua a partir da observação do desempenho de cada criança respeitando sua individualidade e os limites, por meio do manuseio dos brinquedos e objetos utilizados nas atividades e a atitude tomada por eles mediante a cada situação proposta. É registrada por meio do feedback e relatórios na ficha de avaliação da instituição, além de fotos e vídeos.

Diante disso, espera-se que as crianças tenham um desenvolvimento satisfatório, físico e psíquico dentro das expectativas da faixa etária de cada uma como: reconhecer partes do corpo, sons, sabores, controle postural, oralidade, gesticulação, e que demonstrem estarem seguras e felizes no ambiente que é proporcionado a elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação com uma educação mais humanizada, permeada pelas relações, afetividade, envolvimento e aconchego, expressa na maioria dos documentos, evidencia que organizar o espaço na Educação Infantil requer aspectos que transcendem a presença e posicionamento de materiais, mobília e decoração. Essa atmosfera esperada do espaço institucional de bebês e crianças pequenas exige atuação de profissionais preparados e sensíveis a

essas demandas. Consideramos que a “tomada de posse” do espaço como elemento curricular pelo professor, é essencial para que as crianças também “tomem posse” do espaço e se sintam pertencentes a ele. Os documentos orientam, norteiam, sugerem, indicam, mas a ação do professor sobre seu teor e a leitura de sua realidade de trabalho é essencial.

Dessa forma, o educador que trabalha na Educação Infantil ao entrar em sala de aula deve usar os diversos conhecimentos que adquiriu ao longo de sua carreira acadêmica utilizando os saberes docentes que contribuíram para a sua identidade profissional, bem como a sua formação continuada embasadas em didáticas de ensino inovadoras que nortearam no Estágio Curricular, garantindo o desenvolvimento da aprendizagem infantil.

REFERENCIAS

BARBOSA, A. M. Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, 2010.

BRASIL. Práticas cotidianas na educação infantil - Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil. Consultora.

BARBOSA, Maria Carmem. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BRASÍLIA, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para Educação Infantil. 1v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BONDIOLI A; MANTOVANI, S. Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BARBOSA, MC; RICHTER, S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche.

BARBOSA, MC. As especificidades da ação pedagógica com os bebês

BLOWER, H.S.; AZEVEDO, G.A.N.; VASCONCELLOS, V.M.R. O lugar do ambiente na Educação Infantil: APO na creche Paulo Niemeyer. Grupo de Pesquisa: Ambiente-Educação (GAE) p. 1-16. 2008. Disponível em:

<http://www.fau.ufrj.br/prolugar/assets/trab2_o-lugar_ambiente.pdf> Acesso em: março de 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio Escolar Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

HOFFMANN, J. M. L. Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

TOMÁS, C., & FERNANDES, N. A participação infantil: discussões teóricas e metodológicas. Em M. Mager, V. R. Müller, E. Silvestre, & A. J. Morelli, Práticas com crianças, adolescentes e jovens: pensamentos decantados(pp. 251-272). Maringá: Eduem. 2011

TUAN, Y. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

SIMMEL, G. Sociologia da Refeição. Estudos Históricos . 2004

VYGOTSKY, L. S. Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Capítulo 6
AUTISMO SOBRE O FILME UMA FAMILIA ESPECIAL
Marines da Silva Vargas
Cristimar Carvalho Duarte
Cleides Ferreira dos Santos Lima
Elaine Vanessa dos Santos Lima

AUTISMO SOBRE O FILME UMA FAMÍLIA ESPECIAL

Marines da Silva Vargas

Cristimar Carvalho Duarte

Cleides Ferreira dos Santos Lima

Elaine Vanessa dos Santos Lima

RESUMO

A escolha pelo filme Uma Família Especial deu-se no intuito de analisar o processo de aprendizagem das crianças autistas, ressaltando características, comportamentos e dificuldades, bem como seu convívio nas relações sociais. O autismo é descrito como uma síndrome do desenvolvimento que se manifesta normalmente em crianças antes dos dois anos. Atualmente vem sendo bem mais divulgado pela mídia, porém continua desconhecido de grande parte da população brasileira. Neste trabalho são analisados os procedimentos mais utilizados no processo educativo da criança autista, os níveis de autismo, a comunicação, o relacionamento com família, professores e sociedade.

Palavras-chave: Filme. Aprendizagem. Autismo.

1 DESENVOLVIMENTO

Autismo é um conceito novo. Por ainda não ter uma causa específica definida, é chamado de Síndrome (conjunto de sintomas) e como em qualquer síndrome o grau de comprometimento pode variar do mais severo ao mais brando e atinge todas as classes sociais, em todo o mundo. Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner, publicou um artigo no qual descrevia uma síndrome “rara” caracterizada por uma série de sintomas, a qual chamou autismo. Nessa época o diagnóstico se baseava no que até hoje consideramos os três pilares do autismo: deficiência no desenvolvimento da linguagem, interação social pobre e interesses e movimentos repetitivos.(NOGUEIRA,2007).

Atribui-se tanto a Kanner como a Asperger a identificação do autismo, sendo que por vezes encontramos seus estudos associados a distúrbios ligeiramente diferentes.

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. (MELLO, 2007, p. 16)

As crianças se mostram aparentemente indiferentes ou, até mesmo, avessas a demonstrações de afeto e ao contato físico, embora às vezes surja mais tarde uma ligação mais estreita com pais ou certos adultos. O desenvolvimento da fala nessas crianças é lento e anormal, senão ausente, caracterizando-se pela repetição daquilo que é dito por terceiros ou pela substituição das palavras por sons.

O autismo, intriga e angustia as famílias nas quais se impõe, pois a pessoa portadora de autismo, geralmente, tem uma aparência harmoniosa e ao mesmo tempo um perfil irregular de desenvolvimento, com bom funcionamento em algumas áreas enquanto outras se encontram bastante comprometidas. (MELLO, 2007, p. 12).

Os autistas têm dificuldades de comunicação e interação social, normalmente são agitados, não gostam de sair da rotina. Não conseguem olhar nos olhos de outras pessoas e demoram a começar a falar, isso quando falam. Segundo o neurologista José Salomão Shchwartzman, mais de 70% dos casos não são diagnosticados, pois os pediatras não sabem diagnosticar.

As famílias ao receberem o diagnóstico de autismo, devem primeiramente fazer pesquisas, com o intuito de conhecer e entender esse transtorno. Na maioria dos casos as pessoas ao descobrirem que seu familiar é autista não aceitam essa condição, porém é importante que a família admita a questão do autismo e procure ajuda através pessoas que passam pela mesma situação. Dessa forma elas poderão se sentir mais capazes e preparadas para enfrentar e conviver com o autismo.

É importante ressaltar que estes distúrbios estão frequentemente associados a várias outras condições. Os atrasos do desenvolvimento são comuns nas áreas de habilidades intelectuais e na maioria dos casos há uma associação à deficiência mental. (SUPLINO, 2005, p.17)

As crianças autistas na maioria dos casos têm uma síndrome associada. Elas podem apresentar epilepsia, síndrome de down, cegueira, surdez, esquizofrenia e até mesmo retardo mental, porém praticamente todas conseguem aprender atividades básicas do cotidiano.

Atualmente o autismo vem sendo bem mais divulgado, o número de casos diagnosticados vem crescendo e acontecendo em idades cada vez mais precoces, porém ele ainda surpreende, devido à diversidade de sintomas que pode apresentar. A criança apresenta falta de reação a sons e dor, incapacidade de reconhecer situação de perigo, dificuldade de se relacionar, problemas de linguagem e alterações de comportamento.

O estudo contou com a participação de uma criança, sexo masculino, nove anos de idade, diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista, cursando o 3º Anodo Ensino Fundamental –2º Ciclo, de uma escola da rede pública municipal da cidade de Barra do Bugres de nível sócio cultural e econômico médio-baixo. O mesmo foi encaminhado para o Atendimento Psicopedagógico, com queixa de dificuldades em relação à motricidade, leitura e escrita, e a falta de interesse em aprender, alegando a genitora, que seu filho ainda não está alfabetizado e só realiza atividades com muito estímulo.

Processo de Intervenção Psicopedagógica

Atendimento	Atendimento na clínica, orientações à família, acompanhamento e orientações à escola e parceria com os demais especialistas, percebeu-se um avanço significativo no desenvolvimento global da criança, pois a mesma já consegue estabelecer uma rotina diária, executando as atividades de casa com mais atenção, demonstra bom rendimento nas avaliações escolares, consegue através de textos curtos e aulas gravadas em áudio, assimilar com mais facilidade o conteúdo escolar e está interagindo melhor com as pessoas, estabelecendo uma conversa mais coerente.
Aluno	Intervir no ambiente clínico (trabalhando individualmente com o sujeito aprendente numa dimensão terapêutica) e no ambiente institucional (trabalhando no coletivo escolar, com os atores da escola em processos de identificação, análise e codificação dos problemas e dificuldades de aprendizagem na busca de soluções possíveis para a equipe pedagógica como um todo).
Família	Orientar e converse com os pais e responsáveis para fornecer orientações de como agir com crianças que apresentam o diagnóstico do transtorno do espectro autista, assim como de encaminhar o sujeito aprendente para um profissional adequado como psiquiatra, psicólogo,

	fonoaudiólogo, dentre outros, garantindo assim a articulação de um trabalho interdisciplinar na constituição de uma escola inclusiva, justa e solidária para todos.
Escola	Será dadas orientações para assessorar os professores no sentido de instrumentalizá-los com didáticas alternativas para o trabalho pedagógico com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem relacionadas ao transtorno do espectro autista, colaborando com a elaboração e execução dos respectivos planos de aula, assim como da identificação, diagnóstico e encaminhamentos quando se fizerem necessários.

Neste sentido, é importante pontuar as causas do desenvolvimento das condutas típicas do transtorno do espectro autista, considerando como possíveis as causas biológicas, fenomenológicas, psicológicas, comportamentais e as sociológicas/ecológicas.

1. Causas biológicas, a herança genética, as anormalidades bioquímicas, as anormalidades neurológicas, as lesões no sistema nervoso central.
2. Causas fenomenológicas, o conhecimento equivocado sobre si mesmo, o uso inadequado de mecanismos de defesa, sentimentos, pensamentos e eventos subjetivos.
3. Causas psicológicas, os processos psicológicos, o funcionamento da mente (id, ego e superego), as predisposições herdadas (processos instintivos) e experiências traumáticas na primeira infância.
4. Causas comportamentais, eventos ambientais, tais como: falha na aprendizagem de comportamentos adaptativos, aprendizagem de comportamentos não adaptativos e o desenvolvimento de comportamentos não adaptativos por circunstâncias ambientais estressantes.
5. Causas sociológicas/ecológicas, a rotulação, a transmissão cultural, a desorganização social, a comunicação distorcida, a associação diferencial, e interações negativas com outras pessoas. (HARDMAN et al., 1993, p. 148).

A partir do exposto, fica nítida a importância da atuação do psicopedagogo, seja para a realização do diagnóstico, da assessoria e das intervenções pedagógicas, no sentido de compreender a dinâmica de sua atuação com crianças autistas a fim de promover a qualidade de educação numa perspectiva inclusiva de atuação que considere o sujeito como ser integral.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, v.01, p. 23), o sentido de educar está voltado para “[...] propiciar situações de

cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito”, num clima gesticulado pela confiança em repertórios socioculturais mais amplos da realidade social e cultural do contexto educacional.

Portanto, uma perspectiva inclusiva de educação requer do profissional de Psicopedagogia habilidades e competências capazes de gesticular um trabalho cooperativo entre todos os pares e atores da escola, a fim de possibilitar a identificação, diagnóstico e assessoria psicopedagógicas em intervenções que se fizerem necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem do educando em suas dificuldades e limitações de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança autista necessita de acompanhamento familiar e especializado, pois seu desenvolvimento acontece de maneira lenta e exige paciência por parte dos pais e dos educadores. É preciso que os familiares dispensem atenção e estejam presentes em todos os momentos da vida da criança para que ela se sinta amada e valorizada. O processo de aprendizagem de uma criança com autismo leva tempo, por isso requer calma e empenho. Sendo assim, deve-se entender que o tempo da criança autista é diferente e deve ser respeitado. Tanto pais como educadores devem incentivar e mostrar as crianças que elas aprendem para que se sintam motivadas

E, por fim, é necessário reconhecer a presente atuação do psicopedagogo enquanto protagonista da instrumentalização de didáticas pedagógicas alternativas que possibilitem o trabalho educacional com crianças que possuem o transtorno do espectro autista, de forma colaborativa com todos os atores da escola, com os pais e responsáveis e com a comunidade de uma forma geral, a fim de apontar para soluções possíveis numa busca constante da educação inclusiva e de qualidade, sem perder de vista o caráter ético do trabalho psicopedagógico.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 1 e 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

HARDMAN, M. L et al. Human Exceptionality. Boston: Allyn and Bacon, 1993.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. Autismo: guia prático. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

NOGUEIRA, Tânia. Um novo olhar sobre o mundo oculto do autismo. Revista Época. São Paulo: Editora Globo, nº 473, p. 76-85. Junho, 2007.

SUPLINO, Marise. Currículo funcional natural: guia prático para educação na área do autismo e deficiência mental. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Maceió: ASSISTA, 2005.

Capítulo 7
PSICOLOGIA SOBRE O FILME MÃOS TALENTOSAS
Cristimar Carvalho Duarte
Cleides Ferreira dos Santos Lima
Elaine Vanessa dos Santos Lima
Marines da Silva Vargas

PSICOLOGIA SOBRE O FILME MÃOS TALENTOSAS

Cristimar Carvalho Duarte

Cleides Ferreira dos Santos Lima

Elaine Vanessa dos Santos Lima

Marines da Silva Vargas

RESUMO

A orientação do Psicopedagogo Institucional deve ser constante, discutindo não apenas a relação professor e aluno, mas também as que dizem respeito ao conteúdo, atuação do aluno, formas de avaliação e até mesmo a relação e receptividade com os pais. Desta forma o professor poderá rever constantemente na sua prática a relação afetiva e as dificuldades vivenciadas na relação com o aluno e saber esperar pela resposta da sua produção. A escolha pelo filme Mãos Talentosas deu-se no intuito de explorar temáticas que fomentem uma avaliação psicopedagógica deve prestar informações claras para orientar a direção da escola sobre as mudanças que deverão ser feitas para o adequado desenvolvimento dos alunos bem como a melhoria da instituição escolar. Trabalha com a inteligência emocional e demonstra o quanto os pais podem ser determinantes, no desenvolvimento das habilidades dos filhos. Sabemos que muitos educandos são rotulados e deixados de lado por apresentarem grande dificuldade no processo de aprendizagem escolar. Portanto, o objetivo principal desse estágio foi enfatizar a importância do diagnóstico e da intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem escolar, que são realizadas pelo psicopedagogo em conjunto com outros profissionais.

Palavras-chave: Psicologia. Aprendizagem. Intervenção.

1 DESENVOLVIMENTO

O indivíduo sofre, durante toda a sua vida, a influência dos agentes externos de natureza física e social. Esses agentes atuam sobre o seu organismo e sobre o seu espírito, estimulando suas capacidades e aptidões e promovendo o seu desenvolvimento físico e mental. O processo para uma aprendizagem eficaz depende de inúmeros fatores, dentre os quais, os mais prementes são: o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, perspectivas futuras de vida do aluno.

No entanto, ao iniciarmos uma investigação dos primeiros casos clínicos evidenciados ao longo da história, o que temos é que o TDAH é um dos transtornos

mais estudados e pesquisados pela medicina, com suas primeiras sintomatologias pontuadas e datadas há mais de um século. Rotta, Ohweiller e Riesgo (2016) trazem um conceito ampliado do TDAH:

[...] uma síndrome neurocomportamental com sintomas classificados em três categorias: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Portanto, o TDAH se caracteriza por um nível inadequado de atenção em relação ao esperado pela idade, o que leva a distúrbios motores, perceptivos, cognitivos e comportamentais. (ROTTA, OHWEILLER e RIESGO, 2016, p.276)

Para uma melhor compreensão: se uma criança for diagnosticada com TDAH predominantemente desatento na infância, na fase adulta ela pode superar os sintomas da desatenção, mas apresentar sintomas para a hiperatividade. Isso porque o TDAH é um transtorno único. Quando falamos de predominância estamos falando de sintomas que prejudicam naquele momento o indivíduo.

Uma criança ou adolescente pode estar inquieta ou distraída por muitos motivos, e não necessariamente devido a um transtorno. A inquietação pode ser indicativo de uma inteligência ativa, questionadora, que deve ser adequadamente estimulada nos meios familiar e escolar. Estar no “mundo da lua” pode simplesmente ser um artifício inconsciente de mobilizar a atenção para os múltiplos problemas emocionais e de aprendizagem, que merecem cuidados objetivos.

Pedro é uma criança cuja capacidade intelectual situa-se bem acima da média quando comparada à do seu grupo padrão, tanto na dimensão verbal quanto manipulativa. Esse fato contribuiu para que tenha desenvolvido necessidades especiais, assim como um nível elevado de interesse e curiosidade, com um padrão de percepção crítica da realidade – seja física ou social – um tanto diferenciado da média para sua faixa etária. Vale ressaltar que na avaliação não encontramos indícios que pudessem constatar a presença de TDA/H, nem qualquer outro tipo de distúrbio, seja cognitivo ou psicoafetivo. Até porque o bom desempenho escolar apresentado, coerente com os seus resultados nos testes, torna essa hipótese pouco provável. Com relação ao seu desenvolvimento intelectual e educacional entendemos que a abordagem pedagógica institucional atual não se acha em condições de atender adequadamente às necessidades de suas altas habilidades cognitivas, considerando o seu grau de maturidade emocional e a sua dinâmica de personalidade.

Nesse sentido, é possível que o comportamento avaliado na escola (Déficit de Atenção) esteja refletindo uma certa frustração por parte de Pedro com relação ao que lhe é disponibilizado, tanto do ponto de vista social e cultural como intelectual. Embora nenhum transtorno específico tenha sido caracterizado na avaliação, os dados projetivos e relacionais nos permitem entender que as vicissitudes da dinâmica familiar, cujo núcleo se mostra em uma posição de claro desequilíbrio – com uma figura materna em situação insatisfatória e uma imagem paterna em papel francamente esvaziado e alijado do centro de decisões – possam se constituir num importante elemento causal.

O desempenho no Bender, avaliado na Escala de Maturação Visomotora de Koppitz, Pedro situou-se na média, indicando nível de maturação da função gestáltica viso-motora normal. Como se trata de um teste que envolve percepção e coordenação neuromuscular, pressupõe-se que dependa de certas áreas intactas de integração cortical. O seu desempenho foi ainda confrontado com um quadro de desvios Koppitz (Lezak, 1995) que indicaram ausência de transtorno no desenvolvimento neuropsicológico.

Processo de Intervenção Psicopedagógica

Atendimento	Atendimento na clínica, orientações à família, acompanhamento e orientações à escola e parceria com os demais especialistas, percebeu-se um avanço significativo no desenvolvimento global da criança, pois a mesma já consegue estabelecer uma rotina diária, executando as atividades de casa com mais atenção, demonstra bom rendimento nas avaliações escolares, consegue através de textos curtos e aulas gravadas em áudio, assimilar com mais facilidade o conteúdo escolar e está interagindo melhor com as pessoas, estabelecendo uma conversa mais coerente.
Psicólogo	Conhecer o TDAH deve está atento ao contexto social da criança, para orientar de forma adequada a família, a escola e outros profissionais em relação ao aluno, para que todos consigam resultados mais efetivos. O atendimento com criança serão realizado em turno oposto

	<p>ao da escola regular e geralmente aconteciam uma ou duas vezes na semana, dependendo da disponibilidade da família e da demandas da criança, com o objetivo de colaborar com a inclusão e permanência do aluno na escola. A decisão em relatar o referido estudo de caso surgiu da grande demanda de crianças com TDAH na clínica.</p>
Aluno	<p>Serão estabelecidas sessões de atendimento semanais com 50 minutos de duração, com a realização da avaliação, da intervenção e acompanhamento da mesma.</p>
Família	<p>Para a família, será dadas orientações sobre como lidar com a pessoa com TDAH como: gravar aulas e conteúdos dados em sala de aula, procurar conversar sempre com a criança sobre como está se sentindo; reforçar o que há de melhor na criança; estabelecer regras e limites dentro de casa; utilizar linguagem clara e direta, de preferência falando de frente e olhando nos olhos; não exigir mais do que a criança pode dar, considerando suas possibilidades; não sobrecarregar a criança com excesso de atividades extracurriculares; ter contato próximo com os professores para acompanhar melhor o que está acontecendo na escola; todas as tarefas têm que ser subdivididas em tarefas menores que possam ser realizadas mais facilmente e em menor tempo; dividir o caderno das matérias com adesivos coloridos para facilitar o manuseio do mesmo; dar instruções diretas e claras, uma de cada vez, em um nível que a criança possa corresponder; ensinar a criança a não interromper as suas atividades: tentar finalizar tudo aquilo que começa; estabelecer uma rotina diária clara e consistente: hora de almoço, de jantar e dever de casa, por exemplo; colocar no quarto e em outros ambientes da casa informações sobre a rotina da criança; deixar o ambiente do quarto organizado.</p>
Escola	<p>Será dadas orientações para a escola com sugestões importantes para facilitar a aprendizagem da criança, foram</p>

	elas: posicionar a criança na frente da sala, transformar textos longos em textos mais curtos sem perder a essência do que se quer trabalhar, sempre lembrar a rotina da sala, solicitar que o aluno registre as atividades e assuntos dados em sala, colocar como lembrete na agenda as atividades de casa e não deixar o aluno perto da janela e porta para não se distrair.
--	--

Facion (2007), um dos grandes desafios dos pais é a escolha da escola que seu filho deverá frequentar. O ideal é optar por uma escola inclusiva que acolha, aceite e se preocupe com o desenvolvimento global do aluno com TDAH, o ideal é perceber seus pontos fracos e tentar superá-los. A comunicação frequente entre escola e família é muito importante.

Mattos (2005) afirma que uma vez feito o diagnóstico, é necessário o início imediato do medicamento, e não deixá-lo “para último caso”. Os benefícios do tratamento adequado são enormes em poucas semanas já bastam para se ver o resultado sobre a hiperatividade, a impulsividade e a desatenção.

Para Benczik (2000) estudos avaliam a eficácia do metilfenidato no tratamento do TDAH a inquietude sem propósito definido torna-se mais dirigida a um objetivo, e a atenção sustentada melhora assim como a impulsividade.

De acordo com Facion (2007):

A hiperatividade manifesta-se através de características bem centrais como distúrbio de atenção ou de concentração, de impulsividade e de agitação. Como consequências desses sintomas, surgem muitas vezes outros problemas graves, como distúrbios emocionais, sociais, de aprendizagem e de aproveitamento.

Essas crianças passam como perturbadas, não conseguindo acompanhar as aulas, os trabalhos são confusos e quase sempre não conseguem concluir suas tarefas. As atividades que exigem um esforço mental maior e mais constante são vivenciadas como desagradáveis. De acordo com Mattos (2005) ao escolher uma escola para uma criança ou um adolescente com TDAH, é importante levar em consideração algumas características: levar em conta as diferenças individuais de aprendizagem, adaptar metodologias diversificadas de acordo com as necessidades dos alunos, o professor deverá utilizar critérios diversificados ao avaliar e não compará-lo a media da turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem é a assimilação ativa de conhecimentos e de operações mentais, para compreendê-los e aplicá-los consciente e autonomamente, é a criação de uma forma de conhecimento humano – relação cognitiva entre aluno e matéria de estudo – desenvolvendo-se sob as condições específicas do processo de ensino. O ensino não existe por si mesmo, mas na relação com a aprendizagem.

Assim sendo, a aprendizagem tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida do indivíduo mas também a sua relação com o ambiente escolar e o estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende dos significados que eles carregam em relação à experiência social do jovem e dos adultos na família, no meio social, no trabalho.

O psicopedagogo deve atuar sobre determinadas características do paciente, especialmente em idade escolar, como as dificuldades ou falta de atenção/concentração, impulsividade, hiperatividade. Além disso, questões de ordem emocional como a baixa auto estima e a intolerância à frustração podem ser trabalhadas por meio de jogos e atividades lúdicas.

É preciso, por fim, ter um cuidado ao lidar com possíveis casos de TDAH para que se evitem generalizações e excessos medicamentosos, mas também não se deve ignorar o problema, sendo que um trabalho em conjunto, visa assegurar um diagnóstico mais preciso e um tratamento balanceado, visando com isso uma qualidade de vida melhor do portador de TDAH.

REFERÊNCIAS

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FACION, José Raimundo. **Transtornos do Desenvolvimento e do comportamento**. Curitiba: Editora IBPEX, 2007.

MATTOS, Paulo. **No mundo da Lua: perguntas e respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Lemos Editorial, 2005.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia.** São Paulo: Quatro, 1993.

ROTTA, N.T, OHLWEILWER,L.e RIESGO, R.S. (org.) **Transtornos de Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

SAMPAIO, Simaia. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico.** 2. ed. Wak, Rio de Janeiro, 2010.

Capítulo 8

JOGO ONLINE NA PANDEMIA

Elaine Vanessa dos Santos Lima

Cristimar Carvalho Duarte

Cleides Ferreira dos Santos Lima

Marines da Silva Vargas

JOGO ONLINE NA PANDEMIA

Elaine Vanessa dos Santos Lima

Cristimar Carvalho Duarte

Cleides Ferreira dos Santos Lima

Marines da Silva Vargas

RESUMO

Em tempos de pandemia e de tantas adversidades, as relações sociais têm passado por muitas mudanças, em especial, no que diz respeito ao crescimento da virtualização delas. O cenário virtual permitiu a aproximação da distância criada pelo isolamento social e criou uma forma de interação bastante inovadora. A tecnologia fez com que a comunicação de tornasse mais célere e, cada vez mais, exigisse a instantaneidade e, sem dúvida, as redes sociais cresceram ainda mais. De acordo com CEO da empresa ABC Jogos, esses problemas aconteceram por falta de transparência e cuidados na gestão da empresa. Para resolver esses problemas, novas práticas de gestão corporativa estão sendo implementadas para o desenvolvimento de ações que previnam o risco de novos incidentes como esses. Sendo assim o trabalho vem ao encontro de um desafio impor regras que ajudam a combater essa questão da influencia dos jogos online, sem procedimentos adequados.

Palavras-chave: Jogos Online. Aprendizagem. Tecnologia.

DESENVOLVIMENTO

Os jogos violentos podem influenciar os pequenos quando eles não possuem uma formação de base em casa ou vivem em um contexto agressivo. Diante do contexto narrado acima, um menor, com 16 (dezesesseis) anos e emancipado, estava utilizando de uma das salas para combinar a venda de entorpecentes. No Brasil, todo jovem que possui idade inferior a 18 anos é considerado menor. Portanto, a responsabilidade dos seus atos e da sua vida é dos pais ou do tutor legal. No entanto, há uma medida legal na justiça brasileira que oferece certa independência para quem tem menos de 16 anos.

Na justiça brasileira, a emancipação garante ao jovem alguns direitos civis. Emancipação significa o ato de tornar livre ou independente. Porém, apesar de ser independente, o jovem emancipado não tem responsabilidade penalmente até atingir

18 anos. Portanto, os pais ou tutor ainda respondem por ele na justiça em caso de atos infracionais.

“A emancipação pode ser conceituada como sendo o ato jurídico que antecipa os efeitos da aquisição da maioridade, e da consequente capacidade civil plena, para data anterior àquela em que o menor atinge a idade de 18 anos, para fins civis. Com a emancipação, o menor deixa de ser incapaz e passa a ser capaz. Deve ser esclarecido, contudo, que ele não deixa de ser menor.” (TARTUCE, Flávio, 2012, p.135)

Para que a emancipação seja feita, é preciso autorização do pai e da mãe. Só é permitido realizar o ato sem a presença de um dos pais, caso um já tenha falecido. Os pais precisam comparecer ao cartório com RG ou CNH e CPF. O menor, também precisa levar documento de identidade com foto, além da certidão de nascimento.

A emancipação, de acordo com o Código Civil, pode ser adquirida de três maneiras: voluntária, judicial e legal, sendo estas concedidas aos maiores de 16 anos.

Voluntária: é a emancipação mais fácil de ser realizada, sendo concedida pelos pais, ou, na falta de um deles, pelo outro, se o menor tiver 16 anos completos.

Judicial: concedida por decisão judicial em favor do menor com 16 anos completos submetido à tutela, sendo indispensável a oitiva do tutor.

Legal: decorre de expressa disposição legal, como casamento, exercício de emprego público efetivo, colação de grau em curso de ensino superior e estabelecimento comercial ou civil, desde que o menor, em função deles, com 16 anos completos, tenha economia própria.

Apesar do menor ter sido emancipado, tal ato apenas antecipou os atos civis praticáveis após 18 anos, ou seja, o jovem poderá realizar negócios jurídicos pessoalmente, sem a necessidade de assistência dos pais ou responsável legal. Entretanto, para se tirar habilitação é necessário que o menor tenha 18 anos completos e possa responder penalmente pelos seus atos. Em caso do menor cometer algum crime, apesar de ser emancipado, ele continua sendo inimputável, o que não lhe acarreta responsabilidades criminais. Nesse caso, responderá através das normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Contudo, tal regra não se aplica em caso de não pagamento de pensão alimentícia pelo menor. Como a prisão por alimentos se trata de uma prisão civil (a qual não visa punir mas sim coibir o agente a pagar a pensão) o jovem emancipado poderá ser preso civilmente em caso de inadimplência.

A seguir abordaremos sobre a importância do direito constitucional e

finalidade na situação geradora de problemas online.

A violação de direitos humanos tem sido bastante recorrente no ambiente escolar e jogo online, sobretudo em relação à perspectiva de diversidade sexual. São inúmeras práticas de violência que professores e demais profissionais testemunham e inúmeras vezes o silêncio tem sido um aspecto marcante que evidencia uma prática recorrente que se manifesta em diversas formas (xingamentos, piadinhas e bullying) no ambiente virtual. Pode-se entender que violência é toda ação que tem o objetivo de ferir a integridade física ou abalar psicologicamente alguém, por meio do uso da força propriamente dita ou de ameaças. Constata-se que a violência de cunho psicológico tem consequências tão gravosas quanto a violência física.

Dahlberg e Krug (2008, p. 3) nos ensinam:

Um dos aspectos mais complexos da definição é a questão da intencionalidade. Devem-se observar dois pontos importantes em relação a isto. Primeiro, mesmo que se distinga a violência de atos não intencionais que produzem ferimentos, a intenção de usar força em determinado ato não significa necessariamente que houve intenção de causar dano. Na verdade, pode haver enorme disparidade entre comportamento intencional e consequência intencional. O agressor pode cometer um ato intencional que, sob critério objetivo, pode ser considerado perigoso e, possivelmente, ter resultados adversos para a saúde, mas não percebê-lo assim.

Evidentemente, para que a violência seja caracterizada, é fundamental que se verifique o dolo do agente, da mesma forma que se analisa a intenção do autor em casos de excludentes de ilicitude, onde a livre vontade e consciência do agente é essencial para configurar o dolo, caso contrário, a conduta do agente passa a ser legítima, em outras palavras, não há crime sem que haja a intenção, exceto nos casos onde o autor pode responder na forma culposa.

Os silenciamentos sobre os conflitos de gênero levam a uma situação em que os sujeitos sociais que compõem o cenário da diversidade sexual sejam apenas o homem versus a mulher. Nesse contexto, no jogo online acaba por ressaltar o binarismo e transforma em desigualdades substanciais os modelos socialmente aceitos e recomendados para meninos e meninas, sem que os atores se deem conta que a invisibilidade dessas moralidades afeta diretamente os modos de gerenciar as políticas educacionais no que se refere à promoção da igualdade a partir do respeito às diferenças.

O homem sempre foi o paradigma dos direitos humanos de toda humanidade, como se não existissem outros paradigmas ou setores sociais mais

vulneráveis, como as mulheres, crianças, idosos, negros, índios, migrantes, homossexuais, trans-gêneros, transexuais, deficientes físicos e mentais.

Constituição Federal de 1988 dispõe em seu art. 5º, caput, sobre o princípio constitucional da igualdade, perante a lei, nos seguintes termos:

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes.

O princípio da igualdade prevê a igualdade de aptidões e de possibilidades virtuais dos cidadãos de gozar de tratamento isonômico pela lei. Através desse princípio são vedadas as diferenciações arbitrárias e absurdas, não justificáveis pelos valores da Constituição Federal, e tem por finalidade limitar a atuação do legislador, do intérprete ou autoridade pública e do particular.

O princípio da igualdade consagrado pela constituição opera em dois planos distintos. De uma parte, frente ao legislador ou ao próprio Poder Executivo, na edição, respectivamente, de leis, atos normativos e medidas provisórias, impedindo que possam criar tratamentos abusivamente diferenciados a pessoas que se encontram em situação idêntica. Em outro plano, na obrigatoriedade ao intérprete, basicamente, a autoridade pública, de aplicar a lei e atos normativos de maneira igualitária, sem estabelecimento de diferenciações em razão de sexo, religião, convicções filosóficas ou políticas, raça e classe social. (MORAES, 2002, p. 65).

Em atenção ao princípio da isonomia, que visa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida e na proporção de suas desigualdades, a Constituição previu uma série de normas que visam conferir tratamento diferenciado às mulheres, a fim de reafirmar, positivamente, sua condição de igualdade material com os homens.

Além disso os Direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre e muitos outros, conforme apresentado acima, o Brasil não atende a todos os seus cidadãos no que diz respeito aos direitos humano. Existem inúmeras situações que assolam a população, fome, violência, falta de saneamento básico, acesso a saúde, educação, acesso a informação enfim inúmeros problemas, e ainda mais agravados com uma nítida segregação social.

Portanto pode-se afirmar que a consolidação do exercício dos Direitos Humanos e das Garantias Fundamentais Constitucionais para todos navega dentro

das políticas públicas voltadas ao exercício da cidadania em todos os aspectos, promovendo ações igualitárias e de amplitude nacional fomentando com isso um sentimento de igualdade ante aos Direitos Humanos no Brasil.

No contexto em que a vida social, no limite, passa ser operacionalizada a partir de formas de sociabilidades distintas das quais os sujeitos sociais estavam acostumados a desenvolver, é necessário lançar mão de instrumentos capazes de orientar a análise, entendimento e, por conseguinte, a explicação deste fenômeno social. É sabido que o mundo da internet, principalmente diante da importância do distanciamento social e outras medidas de proteção contra a disseminação e contágio, transformou-se em um dos poucos canais de comunicação e troca entre os seres humanos. A era atual se caracteriza pelo surgimento de uma sociedade pós-industrial, uma sociedade que valoriza a informação e a tecnologia tanto quanto o desejo pelo consumo, na chamada Era da informação as transformações acontecem em ritmo acelerado, a corrida tecnológica que torna os produtos descartáveis e obsoletos também movimentam rapidamente as engrenagens sociais, responsáveis pelas mudanças significativas na sociedade.

Nesse contexto, atenta-se para a presença das mídias e para o mercado de cultura construído com base nelas. No caso a sociedade vem convivendo com a realidade dos meios de comunicação de massa de maneira intensa e profunda. Pouco letrada e urbanizada, em algumas décadas, a população brasileira viu-se imersa em uma terceira cultura – a cultura da comunicação de massa, que se alimenta à custa das culturas de caráter humanista, nacional, religiosa e escolar (MORIN, 1984).

A relação entre indivíduo e sociedade, mesmo que tradicional no campo da sociologia, vem recebendo há um tempo uma atenção maior, sobretudo no sentido de empreender uma leitura mais dialética desse fenômeno. A sociologia atual deve representar a vida social como um quebra-cabeça, incerto e fragmentado, o que antigamente era visto como construído pelas instituições e formas sociais é agora pensado como produto de uma reflexividade os indivíduos são levados a tornarem-se indivíduos por eles mesmos.

Martuccelli afirma (2002, p.30):

Por razões indissociavelmente teóricas e históricas, o processo de constituição dos indivíduos está se tornando, verdadeiramente, um elemento de base da análise sociológica. No contexto atual, e principalmente a partir das considerações do que chamamos

frequentemente de maneira confusa globalização, o indivíduo é cada vez mais descrito como estando submetido a um conjunto de fenômenos abertos e contraditórios, onde se misturam, ainda uma vez, antigas certezas. a tarefa da sociologia será de dar conta dos laços ambivalentes entre esta situação global e a injunção de tornar-se um indivíduo.

Nesse sentido, o referido autor torna--se uma inspiração para pensar a participação singular dos indivíduos na construção de uma nova perspectiva sociológica, bem como as condições atuais do processo de socialização; ou seja, a multiplicidade de referências identitárias que circundam os sujeitos e a possibilidade de construção de habitus com híbridas disposições de cultura.

A proposta do processo socializador desta reflexão exige ainda o conceito de hibridação. Ele parece ser o mais adequado para as investigações que buscam observar o processo de construção de estruturas mentais e práticas promovidas nas difusas, diversas e heterogêneas experiências de socialização da contemporaneidade. Entender o sentido da cidadania na contemporaneidade e as fortes implicações causadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, se apresentam como objetivos difíceis, mas importantes. Como uma condição em constante transformação, a cidadania é apropriada por diversos atores sociais, cada qual com suas próprias expectativas e modus operandi. Na atualidade são as minorias que se apresentam como principais porta-vozes da cidadania e de sua possibilidade de mudança, uma vez que são esses determinados grupos os mais atingidos pela violência, intolerância e falta de políticas públicas adequadas.

A evolução das sociedades empresariais levou a separação da propriedade e da gestão. A partir de então começaram a surgir conflitos de interesse entre os “donos”

A evolução da internet associada à sua acentuada utilização voltada para as redes e aplicativos sociais virtuais provocou grande popularização de seu uso. Para se ter uma boa noção da importância de se entabular uma discussão dessa natureza é interessante, em primeiro lugar, notar que a ciência jurídica já não mais comporta a inflexibilidade de outrora, tampouco se faz mais importante por seus exagerados formalismos. Faz-se, em verdade, necessário e urgente buscar novos meios de reinventar o Direito, transformando a sua relação com os destinatários de suas normas.

Por fim, é necessário mostrar a importância da solução pacífica dos conflitos na vida moderna, analisando seus aspectos históricos e atuais, ressaltando as consequências jurídicas e administrativas que tais condutas trariam para a

prestação do serviço judiciário e, principalmente, para a pacificação social.

A atividade notarial e de registro são um importante instrumento da fé pública instituído pelo Estado para desempenhar uma função eminentemente pública. A atividade notarial está associada à evolução dos negócios e dos contratos e seu desempenho ocorre na esfera da realização voluntária do direito. O notário, em caráter preventivo, molda juridicamente os negócios privados a fim de adequá-los ao sistema jurídico em vigor. Por sua vez, a atividade de registro complementa a notarial ao fundamentar-se na publicidade dada a terceiros e ao Estado dos fatos e atos da vida social, geradores de direitos e obrigações.

Logo, a atividade notarial e de registro representa atualmente um importante instrumento para a plena, rápida e eficaz realização do direito e da justiça, tornando assim um braço forte do Estado, investido na sua função jurisdicional, com capacidade real de evitar a lide e oferecer solução segura e confiante para o cidadão. Estes profissionais deverão desenvolver capacidades de absorver o mundo digital (QI digital), precisam desenvolver habilidades como Gestão inovadora que mescle estratégias, criatividade e velocidade. Precisam demonstrar conhecimento multidisciplinar em razão da velocidade de diálogo com as diversas áreas como administração, marketing, gestão, empreendedorismo, inteligência emocional. Por isso é essencial que estes profissionais sejam inquietos, curiosos e dispostos a inovar para que se mantenham no jogo.

CONCLUSÃO

Embora a Internet seja hoje um dos principais meios de comunicação social, no qual deve prevalecer a ampla liberdade de acesso, referido meio necessita de regulações pelo Poder Público e de uma atuação constante do Judiciário, a fim de que sejam salvaguardados os direitos dos cidadãos.

Nesse sentido, é importante garantir estratégias apropriadas para minimizar os abusos por pessoas mal intencionadas ou ilegalidades que podem acontecer nestas novas formas de relação. Tudo que usamos com equilíbrio e responsabilidade nos traz frutos duradouros. Uma sociedade mais conectada contribui em muitos aspectos para seu desenvolvimento, e torcemos muito para que isso aconteça de forma segura e saudável. No entanto, sabemos que tudo pode ser utilizado para o

bem ou para o mal; e com a internet não seria diferente. Com os riscos iminentes, a prevenção e a sensibilização de pais para uma navegação mais segura e consciente da internet são a melhor forma de evitar grandes problemas.

REFERÊNCIAS

CURY, Munir. Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado – Comentários jurídicos e sociais. 11ª ed. São Paulo: Malheiros, 2010.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 11, p. 1163 – 1178, 2008.

FERNANDES, Agnaldo Aragon; ABREU, Vladimir Ferraz de. *Implantando a governança de TI*. Rio de Janeiro: Brasport, 2012.

LIMA, Miguel Moacyr Alves. ECA comentado: artigo 116/livro 2 - tema: ato infracional. Promenino Fundação Telefônica. Elaborado em: 14/05/2013 – Ministério Público - Santa Catarina. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/Ferramentas/DireitosdasCriancaseAdolescentes/tabid/77/Conteudold/c1ec1b94-22ee-4bea-92fe-1fae896e339d/Default.aspx> - Acesso em 21/04/2021.

MARTUCCELLI, Danilo. *Grammaires de l'índividual*. Paris: Gallimard, 2002.

MIRABETE, Julio Fabbrini. *Manual de Direito Penal, Parte Geral*. 29 ed. São Paulo: 1997.

MORAES, Alexandre de. *Direito Constitucional*. São Paulo: Atlas, 2002.

MORIN, Edgar. A integração cultural. In: _____. *Cultura de massas no século XXI: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

SILVA, Edson Cordeiro da. *Governança corporativa nas empresas: guia prático de orientação para acionistas, investidores, conselheiros de administração e fiscal, auditores, executivos, gestores, analistas de mercado e pesquisadores*. São Paulo: Atlas, 2012.

TARTUCE, Flávio. *Direito Civil, 1. Lei de Introdução e Parte Geral / Flávio Tartuce – 8ª. Edição*. São Paulo: Método, 2012.

Capítulo 9
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR-PEDAGOGO NA
ORIENTAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Vera Lucia Pinheiro
Ivanice Ellvanger Chalito
Alexandrina Maria Pereira de Farias
Rosângela Aparecida Veronezi

A ATUAÇÃO DO PROFESSOR-PEDAGOGO NA ORIENTAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Vera Lucia Pinheiro

Ivanice Ellvanger Chalito

Alexandrina Maria Pereira de Farias

Rosângela Aparecida Veronezi

RESUMO

O presente trabalho tem como temática a atuação do professor-pedagogo na orientação para a produção de conhecimento científico. Objetivo do trabalho é produzir um texto dissertativo-argumentativo que discorra sobre estratégias e fundamentos para a prática de produção de conhecimento científico. Para desenvolver este trabalho foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica apoiada em trabalhos e, nos artigos propostos nas orientações e nos materiais disponibilizados no ambiente virtual deste semestre, bem como os livros das disciplinas estudados.

Palavras-chave: Atuação. Pedagogo. Tecnologia.

DESENVOLVIMENTO

É fato que vivenciar um determinado ambiente faz com que incorporem novos vocábulos, tornando-nos aptos a compreender textos que até então considerávamos difíceis de entender. O desenvolvimento dessa habilidade pode vir tanto da leitura quanto da escrita. O conhecimento científico é, de fato, o resultado de um complexo processo de transposição do conhecimento científico, incorporado em manuais universitários, para o contexto do ensino médio e fundamental de Ciências. Neste sentido, não há uma exata correspondência entre o conhecimento produzido pelos cientistas e o conhecimento científico que é ensinado em nossas escolas (VILLANI; NASCIMENTO, 2003).

O conhecimento científico é composto por elementos, tais como leis, teorias, conceitos e princípios científicos, na forma de uma grande estrutura. Assim, a ciência não requer apenas palavras com significados específicos, mas sim uma linguagem própria capaz de tornar possível o seu aprendizado e principalmente seu

desenvolvimento.

Para que o conhecimento seja considerado científico, é necessário analisar as particularidades do objeto ou fenômeno em estudo. A partir desse pressuposto, Lakatos e Marconi (2007) apresentam dois aspectos importantes:

- a) a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade;
- b) um mesmo objeto ou fenômeno pode ser observado tanto pelo cientista quanto pelo homem comum; o que leva ao conhecimento científico é a forma de observação do fenômeno.

Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação (GIL, 2008). Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento. Podemos definir método como caminho para chegarmos a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingirmos o conhecimento.

A escrita de textos informativos como forma de ensinar e aprender ciências é constantemente considerado um desafio pelos professores, principalmente os da área científica. Embora inseridos em um mundo repleto de informações, muitas vezes pode ser notável o distanciamento entre os indivíduos e essas formas de comunicação devido a fatores de diversas naturezas como, por exemplo, a falta de acesso ou de estímulo dessas pessoas ou até mesmo, cabe-nos fazer uma hipótese, de entendimento dos recursos que estão à sua volta.

Almeida (1998) e Silva e Almeida (1998) propõem a utilização de textos diversificados no ensino de ciências, com ênfase em textos de divulgação científica. Dentre as vantagens resultantes da utilização de tais textos está a possibilidade mais efetiva de constituição de um vínculo entre os estudantes e o conhecimento científico trabalhado nestes textos. Os diversos espaços e materiais de divulgação científica são comumente associados à educação não-formal, a qual pode ser entendida como “qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes” (MARANDINO, 2008, p.13).

Segundo Bertoldo et al. (2015),

a escola deve considerar todos os gêneros discursivos e, nesse sentido, também o gênero da divulgação da ciência; [...] a educação informal deve fazer parte da educação formal no sentido de uma interação constante, pois

o ser humano se educa no seu meio sociocultural (BERTOLDO et al., 2015, p.327).

Os textos de divulgação científica e também os literários como uma possibilidade de acesso a ocorrências e controvérsias da ciência e da tecnologia; um meio para obter informações sobre inovações científico-tecnológicas, de desenvolver no estudante o gosto e o interesse pela leitura e pela ciência e, conseqüentemente, sua compreensão, contribuindo para a formação de hábitos e atitudes que permanecerão após o término das atividades estudantis.

São necessárias algumas normas e regras para tentarmos compreender e explicar o mundo a realidade a nossa volta sem estarmos a recorrer seguidamente à reprodução acrítica da mesmice senso comum ou dos lugares comuns que nos são impingidos, cotidianamente, por indivíduos, grupos e instituições sociais de todos os naipes e calibres. As normas da ABNT, por sua vez, são legislações reconhecidas que permitem o padrão na publicação de textos e, ainda, assegurar os direitos aos autores de obras citadas e referenciadas.

Respeitar, citando o autor primeiro de uma dada descoberta científica ou de uma análise ou crítica discursiva é princípio fundante do campo da ciência e também em outros tantos campos. Pode-se a este, complementar, discordar, concordar, mencionando a autoria da fonte, mas jamais plagiar, 'copiar e colar'. Inclusive, possui uma grande importância pois tende a evitar o plágio, crime contra os direitos de publicação. Por esse motivo, garantir a padronização aumenta a possibilidade de publicar dentro das normas legais da sociedade brasileira e respeitar os direitos autorais de terceiros. Tornando, assim, a divulgação de informações mais coerente e socialmente aceita.

Pithan e Vidal (2017), dando enorme ênfase à seriedade da questão em relação aos direitos autorais, detalham do seguinte modo o tratamento dado ao plágio no meio jurídico brasileiro:

[...]. Na Lei de Direitos Autorais, 15 cabe enfatizar a regra de citação, afirmando a obrigatoriedade da indicação de autoria e local da publicação das obras citadas, da seguinte forma: Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais: III – a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra [...].

(PITHON e VIDAL, p. 3, 2017).

Portanto, para além da ética, ou por violação desta via plágio acadêmico, está à jurisprudência em relação aos direitos autorais. Para evitar que se cometa plágio o pesquisador deve seguir as normas contidas na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) quando se utilizar de uma passagem de um texto, inserir uma imagem ou um vídeo em trabalhos acadêmicos. Pode e deve-se se utilizar dos recursos de outros autores, desde quando seja dada a devida credibilidade através da indicação a fonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Normas são leis que regulamentam determinada matéria. Quando não existe uma norma única para regulamentar um determinado procedimento, a chance de haver algum tipo de conflito por falta de uma padronização é praticamente uma certeza. Além da padronização de critérios, o que confere justiça em caso de comparação, as normas são importantes como indicadoras de padrão de qualidade. No Brasil, o órgão responsável e competente para normalizar é a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT é essencial para a produção de texto científicos.

Podemos perceber que os diversos meios de divulgação científica podem servir como complemento ao livro didático, uma vez que a presença desse recurso em sala de aula é imprescindível. Aliar artigos científicos ao livro seria uma forma de atualização e concretização da Ciência para o aluno, já que teria em mãos não apenas uma teoria, mas sim sua aplicação no dia-a-dia.

Portanto, o plágio retira toda autenticidade e validade científica de uma publicação, parcial ou em sua totalidade. Ser íntegro e ético na pesquisa científica são valores caros a um pesquisador. Neste ponto, a humildade em reconhecer que determinada afirmação ou descoberta tem autoria, e elencar esta autoria, deve sempre sobrepor à possibilidade ou mesmo tentação de usurpação científica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.J.P.M.; SILVA, H.C. **Condições de produção da leitura em aulas de física no ensino médio: um estudo de caso**. In: ALMEIDA, M.J.P.M.; SILVA, H.C.

(Org.). Linguagens, leituras e ensino da ciência. Campinas: Mercado de Letras, p. 131-162, 1998.

ABNT. NBR 6023: **informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

BERTOLDO, R. R.; CUNHA, M. B.; STRIEDER, D. M.; SILVA, A. S. Momentos de leitura na escola: tem ciência? In: GIORDAN, M.; CUNHA, M. B. (orgs). **Divulgação científica na sala de aula: perspectivas e possibilidades**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARANDINO, M. **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Greenf/FEUSP, 2008.

PITHAN, Livia Haygert & VIDAL, Tatiane Regina Amando .O plágio acadêmico como um problema ético, jurídico e pedagógico. **Revista Direito & Justiça** v. 39, n. 1, p. 77-82, jan./jun. 2017. Disponível em: < <http://observa.pucpr.br>.> Acesso em 01 de abril de 2020.

VILLANI, C.E.P.; NASCIMENTO, S.S. **A argumentação e o ensino de Ciências: uma atividade experimental no laboratório didático de física do ensino médio**. Investigações em Ensino de Ciências, vol. 8, n. 3, p. 187-209, 2003.

Capítulo 10
O PAPEL DO PEDAGOGO NA EFETIVAÇÃO DA
GESTÃO DEMOCRÁTICA

Ivanice Ellvanger Chalito
Alexandrina Maria Pereira de Farias
Rosângela Aparecida Veronezi
Vera Lucia Pinheiro

O PAPEL DO PEDAGOGO NA EFETIVAÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Ivanice Ellvanger Chalito

Alexandrina Maria Pereira de Farias

Rosângela Aparecida Veronezi

Vera Lucia Pinheiro

RESUMO

O presente trabalho tem como eixo O papel do pedagogo na efetivação da Gestão Democrática. Sendo assim o objetivo de possibilitar a aprendizagem interdisciplinar dos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas desse semestre e, também, para consolidar a reflexão sobre a prática na escola tendo uma reflexões sobre situações reais do contexto escolar e construção de uma proposta de trabalho de ensino, refletindo sobre a atuação do professor-pedagogo; ler e analisar criticamente os textos e os vídeos sugeridos. A busca pela oferta de um ensino de qualidade está fundamentada no princípio da democratização da educação. Contudo, promover a gestão participativa/democrática pressupõe ainda que o pedagogo atuando na gestão, estabeleça boas práticas de relacionamento interpessoal, pois estas determinam as tomadas de decisões e são elas que fazem a diferença pelas atitudes que assumem, pelo uso dos recursos disponíveis, pelo empenho que dedicam na obtenção e criação de novos resultados e pelas estratégias quais implicam na resolução e enfrentamento de problemas para que haja a efetivação do desenvolvimento.

Palavras-chave: Gestão. Pedagogo. Contexto Escolar.

DESENVOLVIMENTO

Ao fazer a leitura deste material, pode-se compreender que o processo de gestão escolar tem como função primordial a descentralização do desenvolvimento pedagógico e administrativo no sistema de ensino. O resultado desse gerenciamento é a crescente autonomia da escola diante do compromisso e envolvimento de todos os atores que participam dessa construção democrática.

Quando falamos, em Gestão Escolar para a melhoria da qualidade na educação há de se ter bem claro a que qualidade nos referimos, pois há uma grande exigência das Agências Internacionais, tais como Banco Mundial e Unesco e, principalmente uma educação voltada para atender as demandas do

mercado de trabalho, com características cada vez mais flexíveis e, a educação por vezes acaba integrando ao seu modelo educacional o modelo empresarial, onde qualidade acaba se tornando referência da qualidade de gerenciamento encerrada nas salas dos administradores, onde basta gerenciar as finanças, as relações interpessoais, o prédio, os recursos e as pessoas para que haja uma educação de qualidade.

Diferentemente para Libâneo (2001, p. 54),

A educação de qualidade é aquela que promove para todos o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais necessários ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, a constituição da cidadania, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Compreendemos que é necessário construir uma escola verdadeiramente democrática, ou seja, que efetivamente assegure aos alunos a aprendizagem, e que possua condições organizacionais e pedagógicas que possibilitem isso. Nesse sentido, consideramos que os gestores são profissionais que desempenham um papel de extrema importância na determinação do clima e cultura organizacional da escola e na efetividade da aprendizagem de seus alunos.

Cury (2005, p.17) discorrendo sobre gestão democrática afirma:

A gestão democrática como princípio da educação nacional, presença obrigatória em instituições escolares, é a forma não-violenta que faz com que a comunidade educacional se capacite para levar a termo um projeto pedagógico de qualidade e possa também gerar „cidadãos ativos“ que participem da sociedade como profissionais comprometidos e não ausentes de ações organizadas que questionam a invisibilidade do poder.

No que concerne à participação, muitas instituições escolares instituem instâncias colegiadas como: os conselhos, associações de pais e grêmios estudantis. Estas, por vezes, podem se tornar esferas burocratizantes e pouco democráticas, assim:

[...] O seu potencial só se confirma quando as pessoas do universo escolar tomam a democracia e o diálogo como princípio não apenas das suas relações na escola, mas como um fundamento da vida, em todas as esferas da sociedade, e conseguem transpor a esfera do desejado, implementando o princípio, transformando-o em método ou, pelo menos, em agenda, tanto na organização da educação/escola quanto na pesquisa [...]. (SOUZA, 2009, p. 137).

Portanto, o processo de gestão evoca também vários indicadores a serem trabalhados, tais como a gestão participativa, relações interpessoais, desempenho e auto-avaliação. A gestão democrática requer autonomia da escola e ambas fazem parte da própria natureza do ato pedagógico. Por conta disso, a LDB, no art. 15, assegura que:

os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos grau de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público. (LDB, art. 15, 1996)

LDB instituiu e proporcionou a gestão democrática nos estabelecimentos de ensino para que possam ter a responsabilidade de elaborar e executar, coletivamente, sua proposta pedagógica, administrar os recursos humanos e financeiros, além de articular-se com a comunidade e famílias dos alunos, fazendo emergir processos de interação entre a sociedade e a escola.

Cabe também ressaltar que gestão democrática e participativa não pode ser entendida como sinônimo de espaço desorganizado, sem objetivo e sem direção, pelo contrário, requer planejamento, organização e direção do trabalho escolar, de forma a alcançar objetivos comuns. Ao diretor cabe, portanto, conduzir coletivamente a formulação do projeto pedagógico, agindo na coordenação, acompanhamento e cumprimento das responsabilidades compartilhadas. Assim, o gestor escolar:

[...] coordena, mobiliza, motiva, lidera, delega aos membros da equipe escolar, conforme suas atribuições específicas, as responsabilidades decorrentes das decisões, acompanha o desenvolvimento das ações, presta contas e submete à avaliação da equipe o desenvolvimento das decisões tomadas coletivamente (LIBÂNEO 2004, p. 335).

Nesse sentido, na gestão democrática os processos de decisão são compartilhados, o que supõe metas e objetivos coletivos, mas também há de se ter bem definidas as responsabilidades individuais, cabendo ao gestor articular responsabilidades individuais e coletivas de modo que todos tenham consciência de seu papel dentro da instituição de ensino.

Para que ocorra a gestão participativa na escola, necessário se faz aprimorar as inter-relações pessoais vinculadas ao planejamento e organização pedagógica e administrativa da escola, principalmente dos objetivos educacionais e dos planos

estratégicos da escola como o PPP, o regimento escolar, o plano de ação anual e os planos de aula elaborados pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim para a construção do projeto pedagógico é fundamental a participação de toda a comunidade escolar, sua elaboração deverá refletir a realidade da escola, direcionando todas as ações e buscando compreender o significado e o processo do projeto pedagógico. Desta forma, o projeto vai além de agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas, o projeto não é algo construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas.

O PPP é um instrumento que descreve e revela a escola, para além de suas intenções e concepções, é uma forma de organizar o trabalho pedagógico da escola. A responsabilidade da construção deste projeto de sociedade e de educação é de toda comunidade escolar, sendo um “processo democrático de decisões, preocupa-se em ministrar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mundo impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola.

Segundo Vasconcellos (1995), o projeto pedagógico:

É um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os agentes da instituição (p.143).

Diante desta citação, entende-se que o projeto pedagógico é uma sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, dinâmico e flexível, que se aperfeiçoa e concretiza na caminhada, define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar.

Libâneo (2004) caracteriza algumas das funções da Direção na gestão democrática escolar:

- dirigir e coordenar o andamento do trabalho pedagógico da escolar, de acordo com sua função social
- assegurar o processo participativo na tomada de decisão na sua implementação;
- assegurar a implementação de todas as ações planejadas coletivamente;

-articular e criar momentos para relações entre escola e comunidade escolar
-dar suporte às atividades de planejamento e discussão do currículo, juntamente com a equipe pedagógica, bem como fazer o acompanhamento e avaliação da prática pedagógica.

Diante destes apontamentos, fica clara a relação intrínseca do papel do diretor e do pedagogo na gestão escolar, pois, o pedagogo responde pela mediação, organização, integração e articulação do trabalho pedagógico.

O pedagogo exerce um papel central com articulador do processo educativo, mas, sozinho não tem poder para estimular a participação da comunidade na gestão da escola. Esse é um desafio político e social, engendrado em bases complexas da organização da sociedade, extrapolando as ações pelas quais o pedagogo responde. Em organizar a escola com a participação da comunidade nas instâncias decisórias é importante e está legalmente regulamentado no Brasil. Contudo, na prática, esbarra em condicionantes materiais e imateriais para acontecer. Esses condicionantes são engendrados no seio da sociedade capitalista que tem no individualismo, na exclusão social, na perspectiva de transformação de direitos em serviços, a expressão de suas características.

Assim, como a escola é a mediadora entre o conhecimento e a comunidade, o professor é o mediador entre o conhecimento e o aluno, sendo o pedagogo o mediador entre o método, as formas de condução do conhecimento e a prática docente. É do pedagogo a responsabilidade de transformar o conhecimento difuso em sistematizado e assimilável, ou saber escolar (SAVIANI, 1985).

Cabe ao pedagogo dar suporte ao trabalho docente, utilizando-se do conhecimento, próprio da sua função, dos componentes técnico-práticos, psicológicos, sociopolíticos, decorrentes das ciências auxiliares da educação, no ato educativo, levando o aluno a apropriar-se da matéria (conteúdo), objeto do processo de ensino e aprendizagem. (LIBÂNEO, 2004)

O reconhecimento e efetivação do papel do pedagogo depende do reconhecimento da intencionalidade e especificidade do trabalho pedagógico junto a toda comunidade escolar. Portanto, o envolvimento do pedagogo com questões do dia-a-dia escolar não deve extrapolar seu tempo e espaço do fazer pedagógico, já que problemas de disciplina, acompanhamento de entrada e saída de alunos, etc são problemas da escola e o seu coletivo deve planejar ações para enfrentamento destas questões.

Na busca da qualidade da educação, consideramos que o gestor escolar e o coordenador pedagógico é mais que um cargo administrativo, a ele caberá a efetivação de uma escola democrática, com vistas à qualidade da educação, além de ser um líder que envolverá a todos no trabalho, onde cada sujeito, independente do papel social que desempenhe dentro da escola, acreditem no seu próprio valor quer pessoal e profissional. Sendo assim deve promover e incentivar a formação continuada da comunidade escolar e, estratégias de ação para que todos se beneficiem desta, já que a busca pela qualidade da educação deve ser considerada como uma busca incessante por parte da comunidade escolar, um tema que não se esgota em si mesmo e, sim, uma problematização a ser questionada a cada reunião pedagógica, a cada conselho de classe, a cada reunião de pais, mestres e professores e, por fim a cada formação, pois a formação continuada dos professores só se efetiva quando promove a busca da qualidade da educação.

Proposta de Ação

Tema: O Papel da Equipe Gestora no Processo de (Re)Elaboração Coletiva do Projeto Político-Pedagógico

Objetivos:

- Perceber sua importância como mediador e articulador da reelaboração do Projeto Político-Pedagógico de forma coletiva;
- Identificar os principais passos para a escrita e reelaboração do Projeto Político-Pedagógico;
- Mediar as fragilidades e dificuldades durante a elaboração do Projeto Político-Pedagógico

Atividades a serem devolvidas com os professores:

- Discussões, reuniões e debates sobre o trabalho realizado na escola.
- Criação de mecanismos para a participação dos segmentos nas discussões do PPP, organizando um cronograma de reuniões.
- Realização de entrevistas em pequenos grupos ou individuais.
- Observações sistemáticas sobre o cotidiano da escola.
- Apropriação e análise das avaliações externas.
- Debates envolvendo toda comunidade escolar, levantando as fragilidades e

potencialidades da escola.

- Criação de horários e espaços educativos diferenciados, visando a estabelecer momentos de discussão coletiva.
- Concentração em dia(s) e/ou turno(s) semanais das atividades dos professores, de acordo com cada componente curricular e a carga horária mínima definida por lei, visando à formação de segmentos de estudo e à reflexão coletiva do projeto político-pedagógico.
- Disponibilização de textos para subsidiar a discussão das questões teórico-metodológicas sobre a organização do trabalho da escola, com os vários segmentos.
- Organização – no caso de escolas maiores e com um grande número de professores, outros funcionários, estudantes e pais – de discussões por blocos, juntando alguns segmentos de cada vez.
- Realização de reuniões entre os pais representantes de turmas e/ou séries e os membros do Conselho Escolar para avaliação do trabalho da escola.
- Sensibilização dos pais mais participantes e com bom relacionamento com os demais para que sejam um elo eficiente entre os vários segmentos da escola e a comunidade local.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das disciplinas e do contexto abordado observamos que o o pedagogo, à luz de uma concepção progressista de educação, tem sua função de mediador do trabalho pedagógico, agindo em todos os espaços de contradição para a transformação da prática escolar. Porém, baseado nesta concepção, sua atuação se faz para a garantia de uma educação pública e de qualidade visando a emancipação das classes populares.

Portanto, considerarmos que o desafio maior do ato de ensinar, é fazer com que o aluno se aproprie dos conhecimentos, e que a gestão democrática é um dos mecanismos para que a educação escolar alcance esse propósito, esta precisa ser repensada para que a “tomada de decisões” coletivas realmente atinja a alma da escola, ou seja, o acesso ao saber elaborado.

REFERÊNCIAS

BOSCHETTI, Vania Regina; MOTA, Assislene Barros; ABREU, Dayse. Gestão Escolar Democrática: Desafios e Perspectivas. Revista de Gestão e Avaliação Educacional. Santa Maria, v. 5, n. 10, p. 103-111, jul/dez, 2016.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional: nova LDB (lei n. 9.394/96). Rio de Janeiro: Qualiltymark, 1996.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Gestão democrática dos sistemas públicos de ensino. In: OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (Org.). Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens. Petrópolis : Vozes, 2005.

LIBÂNEO. José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5a edição. Revista ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

_____. Organização e Gestão da Escola. Goiânia: Alternativa, 2001.

PARO, Vitor. A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola. Revista educação & pesquisa. São Paulo: v. 36, n. 3, p. 768-778, set/dez, 2010.

SAVIANI, Demerval. Sentido da pedagogia e o papel do pedagogo. In: Revista ANDE, São Paulo, nº 9, 1985.

SOUZA, Â. R. Explorando e construindo um processo de gestão democrática. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.25, n.03. p.123-140 .dez. 2009.

VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: Plano de ensino-aprendizagem e Projeto Educativo. São Paulo: Libertat, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político Pedagógico: Uma construção coletiva. Brasília: Sindicato dos Professores do Distrito Federal, 2014.

Capítulo 11
**“ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL I”**

Iracema Luzia de Sales Souza
Fatima Vieira Domiciano Forturnato

“ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL I”

Iracema Luzia de Sales Souza
Fatima Vieira Domiciano Forturnato

RESUMO

O presente trabalho tem como eixo principal refletir sobre o processo de descobrimento da criança dentro do meio ambiente. Nesse sentido, procurará compreender como as vivências realizadas nesse ambiente oportunizam aprendizagens relacionadas às dimensões expressivo-motoras, afetivas, cognitivas, linguísticas, éticas, estéticas e socioculturais, almejando, assim, o desenvolvimento integral da criança. A organização deste espaço deve ser pensada tendo como princípio oferecer um lugar acolhedor e prazeroso para a criança, isto é, um lugar onde as crianças possam brincar, criar e recriar suas brincadeiras sentindo-se assim estimuladas e independentes. Os espaços construídos para criança e com a criança devem ser explorados pela mesma, em uma relação de interação total, de aprendizagem, de troca de saberes entre os pares, de liberdade de ir e vir, de prazer, de individualidades, de partilhas, enfim, de se divertir aprendendo. Neste trabalho através da construção do referencial teórico e a elaboração da proposta, tarefas que compõem esta produção textual, é importante que possamos refletir a respeito da construção de projetos interdisciplinares, analisando as potencialidades deste tipo de estratégia para o desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Espaço. Estratégia.

DESENVOLVIMENTO

Sabe-se que o reconhecimento do mundo está inteiramente ligado aos valores que são atribuídos pelas crianças e principalmente aos julgamentos que fazemos o tempo inteiro. Em se tratando de crianças, isto ocorre de maneira um pouco diferente. A organização desse espaço de convívio também passa a ter muita importância, conforme seja estimulante e provocador de situações de movimento, diálogo e gestualidade.

O ambiente físico onde a criança vive, exerce grande influência sobre seu desenvolvimento, isso observa-se principalmente nas realidades mais precárias. Geralmente, nas regiões periféricas, os espaços físicos são precários e pouco

favoráveis ao bom crescimento das crianças. Casas pequenas, sem infra-estrutura, famílias grandes, muitas vezes desarmoniosas, formam o ambiente físico de muitas crianças brasileiras.

Juntamente com o ambiente familiar, o espaço físico, quando acolhedor e propício, contribui para o bom desenvolvimento infantil, e é preciso que os professores estejam atentos a esses aspectos diariamente, no momento de avaliar a evolução da criança. É necessário conhecer o aluno não somente no ambiente-escola, mas sim em todos os ambientes em que vive, na sua totalidade, para então entender suas lacunas e suprir suas necessidades.

Assim, dar maior atenção aos diversos ambientes de que a criança faz parte, tanto no espaço externo quanto no interno da escola, torna-se primordial para garantir e proporcionar o pleno desenvolvimento desta em todos os aspectos. Isso porque, valores sociais, culturais e familiares são elementos que colaboram para delinear os objetivos, atividades e estratégias de ensino adequadas aos níveis de desenvolvimento das crianças atendidas e às exigências sociais que se apresentam para elas.

O ambiente cultural em que a criança se situa, deve ser respeitado pela escola na medida em que venha a contribuir com o seu crescimento e que não venha a comprometer o seu desenvolvimento. Muitos comportamentos e ações realizadas pelas crianças e até mesmo pelos pais, são frutos desse ambiente cultural em que vivem.

É importante dizer que a qualidade do ambiente não diz respeito apenas a suas características psicofísicas ou higiênicas, pois todo contexto ambiental é um sistema de interrelações dos vários componentes físicos e humanos que dele participam. Indivíduos que habitam o mesmo ambiente diferem em suas idéias, assumindo comportamentos que também são diferentes. Segundo CRAIDY E KAERCHER,

Organizar o cotidiano das crianças na educação infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma seqüência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momento do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere a proposta pedagógica da instituição, que deverá lhe dar suporte. (CRAIDY E KAERCHER, 2001, p.67)

Contudo, a maneira com que se trabalha essa questão, encaminha a exclusão de se conhecer e trabalhar os diferentes fatores ambientais, tais como: historicidade individual, da família, social, cultural, da educação; as relações humanas; o tempo e o espaço disponível à criança. O que, infelizmente, para muitos educadores são considerados naturais e normais às condições e vivências dessas crianças.

Apresentação:

Justificativa: Nos primeiros anos de vida, as crianças estão imersas no universo das imagens. Surge a necessidade da criança explorar e descobrir o mundo ao seu redor através de objetos diferentes. No dia-a-dia em seu ambiente acolhedor a criança está constantemente recebendo estímulos, estes devem ser passados a ela com segurança, fazendo com que cada vez mais busque experiências novas e desafiadoras para a criança.

O desenvolvimento das crianças na Educação Infantil depende das oportunidades de aprendizagem oferecidas pelo mundo que as cerca. Oferecer diferentes materiais às crianças é uma maneira de ampliar a capacidade de expressão delas e contemplar as inúmeras possibilidades que se apresentam diante das atividades que envolvem os sentidos. Sendo assim, pensamos num projeto que proporcionasse um mundo de possibilidades e experimentação.

Objetivos: Proporcionar o desenvolvimento das expressões e dos sentidos através de atividades lúdicas e da experimentação de diversos materiais.

Explorar diferentes materiais, manuseando objetos com vários tipos de texturas e sons;

Aprimorar os sentidos: paladar, olfato, audição, tato e visão;

Estimulação para desenvolver a capacidade motora;

Praticar movimentos de preensão para segurar objetos;

Criar situações de comunicação oral, para que possam expressar desejos, necessidades e sentimentos;

Desenvolver a imaginação;

Metodologia e estratégias:

Autorretrato desenhado em folha de A4 em frente ao espelho;

Atividade de medir a criança com um barbante, marcar a altura de cada um, identificar com foto, e utilizar o barbante num desenho geométrico em folha de A 4;

Ficha de pesquisa da origem do meu nome;

Atividade de exploração da cor dos olhos, cabelo e cor preferida;

Histórias diversas que envolvam o EU o OUTRO, o mundo;

Músicas que envolvam nomes das crianças;

Recursos:

- * Livros de literatura infantil.
- * Sulfite, bloco canson.
- * Tinta guache.
- * Pincel.
- * Lápis de cor, giz de cera.
- * Cola.
- * Revistas.
- * Tesoura.
- * Roda de conversas
- * Histórias relacionadas com o tema
- * Vídeos educativos
- * Atividades Educativas

Desenvolvimento:

a) Atividades para os alunos “Cada pessoa tem um nome”.

- Com as crianças sentadas em círculo, a professora vai contar uma história de recém nascido (inventada por ela mesma), que fala sobre os cuidados necessários de um bebê e todas as fases até a idade da turma. Em seguida vamos construir juntos, uma boneca para representar a todos e escolher um nome para ela. Após pronta a boneca cada criança levará para casa, uma de cada vez, juntamente com o questionário da pesquisa. Os pais devem ajudar as crianças nos cuidados com a boneca contando para elas a sua história e assim respondendo o questionário para a professora confeccionar um mural com os mesmos e as fotos que os pais vão tirar.

- Atividade escrita: Pintura de uma boneca utilizando lápis de pintar.

b) Atividades árvore do conhecimento:



Primeiro a professora vai confeccionar uma árvore e colocar fichas com os nomes dos alunos. Depois a mesma vai entregar uma ficha com a inicial do nome das crianças e elas vão até a árvore do conhecimento procurar a mesma letra que tem na mão, ou seja, a primeira letra do seu nome. Mural das mãos dos alunos

c) Atividades sobre Letramento e Alfabetização:

Montar na sala de aula um fichário com cartões que apresentem diferentes formas de escrita do nome próprio: Com letra de imprensa maiúscula, letra de imprensa minúscula, letra cursiva. Deixando claro à criança que existem diferentes maneiras para escrever o seu nome, mas todas querem dizer a mesma coisa.

Combinar com a turma o momento e o modo como deverão utilizar as fichas. (De acordo com o professor) – Pode ter em cada ficha uma foto 3x4 da criança.

d) Atividades de Matemática:

Pegue a caixa de papelão e faça dois buracos na tampa. Se desejar, você pode embalar a caixa ou pintá-la de forma que fique mais atrativa para as crianças.

Corte retângulos de cartolina e com as canetinhas componha diversos cartões com problemas envolvendo soma de números, sem dar resposta. Para brincar, mostre um cartão por vez aos alunos para que eles identifiquem os números.

A seguir peça para um voluntário colocar em um dos orifícios da tampa a quantidade de feijões correspondente ao primeiro número da operação, e outro voluntário deve colocar a quantidade de feijões relativa ao segundo número. No caso do exemplo citado, serão depositados cinco grãos num buraco e três no outro.

Colocados os feijões, a caixa deve ser aberta para que as crianças contem o total dos feijões que estão nela, obtendo a resposta do problema.

O exercício pode ser feito coletivamente ou em duplas (ou trios), exigindo neste caso que se faça várias caixinhas (calculadoras) para que haja o suficiente

para a turma toda. Se for o caso, peça que os próprios alunos montem suas calculadoras antes de realizar a atividade. Isso pode aumentar o interesse deles em participar das somas.

Avaliação: A avaliação dar-se-á mediante a observação permanente e perceptível possibilitando maior e melhor entendimento das crianças, a fim de subsidiar respostas para o momento e lugar de cada situação e para incluí-las no processo educativo, garantindo-lhes o sucesso nesta etapa.

Resultados esperados: A compreensão da temática e o processo de aprendizagem

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol. 1. Brasília, 1998.

MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança que vive em um ambiente construído para ela e por ela vivência emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, bem como a maneira como vivem e sua relação com o mundo.

Diante disso, percebe-se a grande importância do ambiente para o desenvolvimento infantil, pois é nele que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas e é ele que vai garantir a sua formação e a sua qualidade de vida social, moral, psicológica e cultural. Nesse viés, o papel do ambiente no desenvolvimento infantil, é uma questão fundamental para o desenvolvimento humano.

Portanto além disso, torna-se essencial pensar também no ambiente da escola. O ambiente escolar precisa de muitos cuidados. Um ambiente acolhedor, atrativo, prazeroso com muito espaço e materiais pedagógicos de qualidade, faz muita diferença no processo de desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

CRAIDY, Maria Kaercher; SILVA, Gládis Elise P. da (org.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas.** A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Capítulo 12
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
Iracema Luzia de Sales Souza
Fatima Vieira Domiciano Forturnato

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Iracema Luzia de Sales Souza

Fatima Vieira Domiciano Forturnato

RESUMO

Seguindo essa abordagem tem como temática “A Base Nacional Comum Curricular e as práticas pedagógicas”. É nesse contexto que observamos o papel da Base Nacional Comum Curricular que se refere a um documento de caráter normativo que apresenta as aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica para que tenham seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento garantidos. Essas aprendizagens contribuirão ainda com o desenvolvimento de competências gerais que se articulam na construção de habilidades e na formação de atitudes e valores. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. A escola é um espaço que oportuniza aos sujeitos acesso ao conhecimento científico construído historicamente. A sistematização do trabalho educativo é subsidiada pelo processo de desenvolvimento e aprendizagem dos educandos, por isso encontra-se uma sequência diádica, estruturada por meio do currículo que está alinhada às etapas de ensino da educação básica.

Palavras-chave: BNCC. Aprendizagem. Processo.

DESENVOLVIMENTO

No Brasil o desenvolvimento das tendências pedagógicas condensam cinco séculos de história, lutas e transformações no âmbito educacional. As tendências pedagógicas influenciam os docentes na construção do processo educativo, seja qual for a tendência seguida pelo educador, elas contemplam o enriquecimento do ensino e da aprendizagem, além de objetivarem a articulação entre teoria e prática.

Compreender as diferentes concepções pedagógicas não significa apenas ler o que diferentes teóricos e pensadores falam ou escrevem sobre elas, significa compreender a prática educativa próxima ao contexto vivido de forma que a

reflexão possibilite discutir e agir para a transformação. As tendências pedagógicas orientam a atuação do educador, possibilitam respostas sobre as questões de estruturação do processo de ensino, visam refletir e compreender o que, para quem, para quê e porquê ensinar.

“Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 8). Percebemos, nesta competência, a valorização dos conhecimentos historicamente constituídos, a continuidade da aprendizagem a partir desses conhecimentos e a sua repercussão para uma sociedade democrática.

As diversas tendências pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem constroem a prática educativa, visto que todas contribuem de forma enriquecedora para o processo educacional. As tendências pedagógicas são de fundamental importância para o processo educativo e consolidam, nas escolas, a prática dos professores.

A Tendência Liberal Tradicional prepara os alunos para assumirem seu papel na sociedade e valoriza os conhecimentos acumulados como verdade absoluta. Nessa tendência, a autoridade do professor exige atitude receptiva do aluno – uma aprendizagem mecânica. Não considera a singularidade do aluno. Tem presença nas escolas religiosas ou leigas que adotam filosofias humanistas clássicas ou científicas.

Na Tendência Liberal Renovada, a escola deve adequar-se às necessidades individuais ao meio social. Os conteúdos são estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos diante das situações-problemas, exploradas por meio de experiências, pesquisas e método de solução de problemas. O professor é auxiliador no desenvolvimento livre da criança, fundamentado na motivação e estimulação.

A Tendência Liberal Renovadora Não diretiva valoriza a busca dos conhecimentos pelos próprios alunos, é facilitadora da aprendizagem. A educação é centralizada no aluno, e o professor é quem garantirá um relacionamento de respeito. Aprender é modificar as percepções da realidade.

A Tendência Liberal Tecnicista é modeladora do comportamento humano a partir de metodologias específicas. As informações são ordenadas numa

sequência lógica e psicológica com procedimentos realizados para a transmissão e recepção de informações. Essa tendência objetiva a transmissão de informações por parte do professor e a memorização como aprendizagem.

A Tendência Progressista Libertadora anseia levar professores e alunos a atingir um nível de consciência da realidade, na busca pela transformação social, a partir de temas geradores e grupos de discussão.

Já a Tendência Progressista Libertária visa à transformação da personalidade num sentido libertário e autogestivo, a escola dá ênfase na participação grupal como mecanismos institucionais de transformação.

A Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos visa à difusão dos conteúdos culturais universais incorporados pela humanidade frente à realidade social

A inserção da BNCC-Base Nacional Comum Curricular trouxe inquietações que se mostram como aconteceram com chegada das Diretrizes Nacionais Curriculares e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas tudo isso foi uma trajetória de evoluções de tendências que o Ministério da Educação Brasileira idealizou com os grandes pensadores como Paulo Freire e infelizmente, alguns profissionais de educação resistem aos rompimentos filosóficos, sociológicos e políticos que engendram a educação em nosso país.

Libâneo (1992) em sua obra mostra a importância de se perceber as tendências pedagógicas acompanhadas na prática escolar dos professores ao longo da história, por meio da Pedagogia Liberal e a Pedagogia Progressista. E apesar do termo liberal, essa educação não é libertária, nem proporciona a efetivação do protagonismo do sujeito social, mas ainda traz muitos falsos entendimentos aos professores, que segundo o autor, ela está dividida em quatro tendências: Tradicional, Tecnicista, Renovada Progressista e Renovada Não-diretiva.

A pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais.[...].Historicamente, a educação liberal iniciou-se com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia renovada (também denominada escola nova ou ativa), o que não significou a substituição de uma pela outra, pois ambas conviveram e convivem na prática escolar. LIBÂNEO(1992, p.02).

Nessa perspectiva, as tendências tradicional e tecnicista, andam lado a lado por proporcionar um ensino de expositivo de regras sociais, onde o interesse

está na replicação em prol de uma sociedade meramente capitalista, mas que para muitos mesmo no século XXI a didática tradicional supera a tecnicista, por ampliar a condição da cultura no conhecimento, deixando de perceber a uniformidade de ambas tendências que não consideram o sujeito crítico e criativo e a própria diversidade cultural que evidencia o pertencimento e o protagonismo humano.

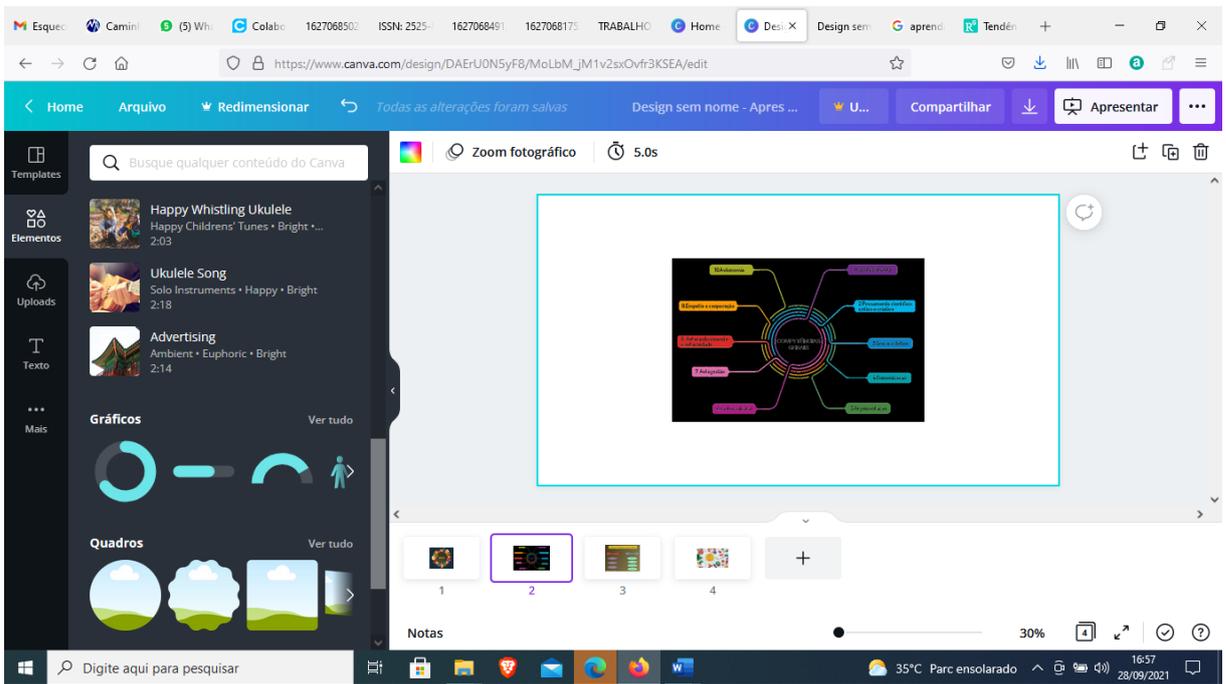
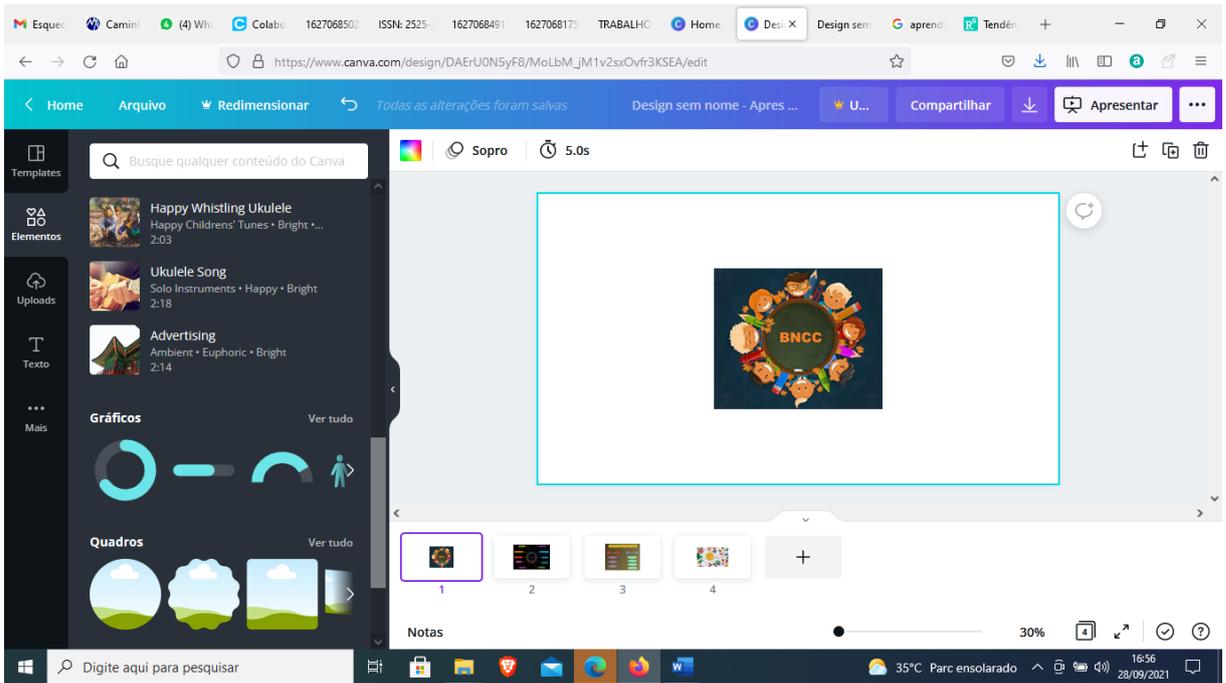
A inserção das dez competências na BNCC tem como uma de suas premissas assegurar ao estudante o seu desenvolvimento, o direito de exercer a cidadania e o seu ingresso no mundo do trabalho. Nesse contexto, as novas competências são consideradas um novo estímulo em busca de uma transformação da sociedade contemporânea. Já com a Base, pretende-se “[...] garantir o conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros, seu desenvolvimento integral por meio das dez competências gerais para a Educação Básica [...]” (BRASIL, 2017, p. 5), tendo em vista o apoio às decisões para que se concretizem os projetos de vida e de continuidade dos estudos.

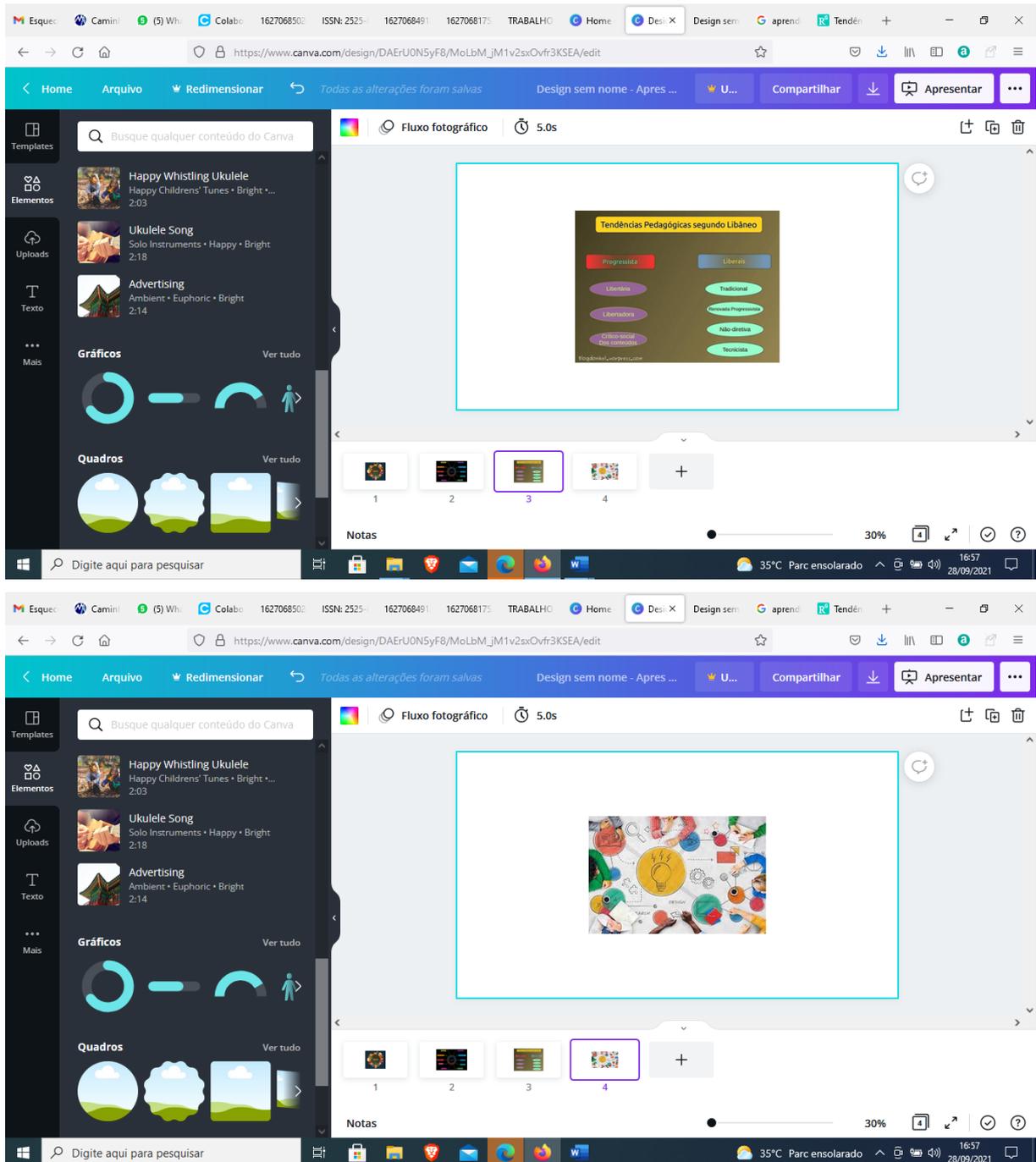
As tendências pedagógicas são de grande relevância, pois permitem ao educador a articulação e autodefinição teórica sobre escolhas filosóficas e educacionais, visando sustentar as práticas docentes.

As tendências pedagógicas se constituíram ao longo da história com base nas teorias de diversos autores e intelectuais e visam uma educação com qualidade e equidade. Consideram os diferentes movimentos históricos e sociais, com seus ideais, interesses e utopias, para construir o sistema educacional brasileiro.

As tendências pedagógicas surgiram para melhor direcionar a prática educativa e essa prática não se reduz ao pedagógico apenas, mas aos movimentos sócio-políticos e filosóficos que são fortes norteadores dessas concepções. Cada concepção formulou-se na tentativa de interpretar o processo educativo e buscar soluções que serão refletidas no ato de educar, ação e intenção para aprendizagens significativas. Em suma, as concepções pedagógicas ainda permanecem intrínsecas mesmo com as novas competências da BNCC.

A seguir apresentamos no canva uma apresentação sobre abordagem da Bncc e as tendências pedagógicas.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

As competências precisam se evidenciar como possibilidades de repensar o currículo e ampliar conhecimentos, de modo a fortalecer os estudantes para o desenvolvimento de pesquisas, valorizando suas hipóteses, seus saberes e suas descobertas.

Nesse debate, percebemos a importância de uma pedagogia que amplie as

possibilidades de aprendizagem através das experiências, tendo estudantes e docentes como protagonistas, além da participação da comunidade escolar, sendo imprescindível traçar novos caminhos para um currículo como política cultural, em que o ensino não esteja restrito à transmissão de conhecimentos, mas que se constitua como um processo formativo de pesquisa, descobertas, inovação.

Nesse sentido, o conhecimento histórico sobre as tendências pedagógicas pode ajudar a compreender as questões pertinentes à prática educacional, sua relação com a vida e os movimentos sociais da época respectiva. Por fim, é importante definir na prática educativa os posicionamentos que merecem destaque, o que convém conservar e o que precisa mudar como reflexão necessária para que a educação possa contribuir para a transformação social, cultural e histórica do ser humano.

REFERÊNCIA

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____ . Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

Capítulo 13
PROPOSTAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ariana Patricia da Silva
Sueli Carvalho Ricci da Cruz
Marcia Batista de Souza da Silva
Evania de Oliveira Souza

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ariana Patricia da Silva

Sueli Carvalho Ricci da Cruz

Marcia Batista de Souza da Silva

Evania de Oliveira Souza

RESUMO

O presente trabalho tem como eixo principal possibilitar ao aluno reflexões sobre situações reais do contexto escolar e construção de uma proposta de trabalho de ensino, refletindo sobre a atuação do professor-pedagogo; ler e analisar criticamente os textos e os vídeos sugeridos de acordo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que se refere aos pressupostos teóricos que fundamentam o processo de ensinar e de aprender nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A partir das reflexões realizadas neste semestre, nas diferentes disciplinas, vocês irão perceber a importância das pessoas terem acesso à escola para aquisição do conhecimento científico, visto que é por meio dele que o sujeito poderá compreender o contexto social em que vive, para nele intervir, se necessário. Justifica-se a partir reflexões realizadas neste semestre, nas diferentes disciplinas, onde o mesmo tem Elaborar um Plano de Trabalho Docente, cuja metodologia seja um diferencial em sala de aula e que contemple conteúdos de no mínimo duas disciplinas do semestre de modo interdisciplinar de forma a contemplar as mudanças e as propostas veiculadas pela Base Nacional Comum Curricular. Como percebido por ela, as propostas de todas as áreas de conhecimento apontam para uma prática interdisciplinar e baseada nas práticas sociais reais, visando a proximidade entre a realidade do aluno e os conhecimentos científicos/escolares. A partir d leitura do documento os professores adquiriram conhecimentos sobre o que é a BNCC, sua finalidade, os fundamentos legais e pedagógicos que a embasam e ainda, acerca do que está proposto para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Aprendizagem. BNCC.

DESENVOLVIMENTO

A BNCC é um documento plural, contemporâneo, e estabelece com clareza o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito. Com ela, redes de ensino e instituições

escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas.

Na BNCC, o Ensino Fundamental está organizado em cinco áreas do conhecimento. Essas áreas, como bem aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/201025, “favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares” (BRASIL, 2010). Elas se intersectam na formação dos alunos, embora se preservem as especificidades e os saberes próprios construídos e sistematizados nos diversos componentes.

Em sua estrutura a BNCC, apresenta a Educação Básica subdividida em etapas sendo a segunda e mais longa a etapa do Ensino Fundamental. Para esse estudo nos atentaremos a disciplina Matemática especificamente, nos cinco primeiros anos dessa fase. No texto de abertura o documento da Base aponta explicitando de que nessa etapa:

Ampliam-se também as experiências para o desenvolvimento da oralidade e dos processos de percepção, compreensão e representação, elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética e de outros sistemas de representação, como os signos matemáticos, os registros artísticos, midiáticos e científicos e as formas de representação do tempo e do espaço (BRASIL, 2017 p. 58)

Dessa forma os professores que lecionam nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, têm um papel importantíssimo na mediação da construção dos conhecimentos considerados “básicos” para os saberes mais profundos que serão desenvolvidos nas séries subsequentes do Ensino Fundamental, como também posteriormente esta exigência também reaparece para os alunos no Ensino Médio (contudo não é nosso interesse para este estudo), nesse sentido os educadores estão sendo cada vez mais provocados a buscar metodologias diferenciadas para alcançar tal objetivo em suas aulas.

A BNCC determina objetivos de aprendizagem dos componentes curriculares que visam justamente a aprendizagem e o desenvolvimento global do aluno. Diante destas considerações iniciais, apesar de a elaboração da Base Nacional Curricular Comum estar prevista no Plano Nacional de Educação e ter como meta a definição de conteúdo mínimos para todos os alunos do País, não é viável que as universidades abdicuem de problematizar o discurso preconizado de que, desta forma, será possível a redução das desigualdades de aprendizagem. Entende-se que este discurso não

considera as diferenças existentes entre os sujeitos a partir de uma análise crítica das condições de vida e de acesso aos bens materiais e culturais. No entanto a Base Nacional Comum Curricular vê a união das diversas áreas de conhecimento no trabalho pedagógico como uma junção de conhecimentos que leva a interdisciplinaridade de docentes e discentes. Assim sendo, por meio da interdisciplinaridade pode - se fazer com que os alunos tenham uma visão geral sobre os assuntos vistos. Nesse sentido, além de aprender o assunto, os alunos podem estar em contato com problemas práticos do cotidiano.

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente.

O Trabalho Interdisciplinar, com a troca de conhecimentos disciplinares, contribui para a aquisição de saberes, como afirma Fourez (2002, p. 52):

O paradigma da interdisciplinaridade baseia-se no pressuposto de que certas situações não podem ser dominadas no quadro de um paradigma disciplinar particular e exigem a articulação de diferentes contribuições disciplinares. Este olhar integrador, que liga as disciplinas, constitui verdadeiramente uma grelha de leitura específica, determinando uma forma de investigar o real e de construir saberes.

A construção do Trabalho Docente Interdisciplinar possibilitará que os educadores desenvolvam um conhecimento mais aprofundado com seus alunos, sobre determinado assunto ou tema. Essa construção coletiva reforça a fixação dos conteúdos pelos alunos, enriquece o conteúdo abordado, abrindo a possibilidade de interação do cotidiano dos alunos e seu conteúdo empírico com o conhecimento científico das disciplinas.

A prática pedagógica da interdisciplinaridade não visa a eliminação dos componentes curriculares, pois o conhecimento é um fenômeno com várias dimensões inacabadas, necessitando ser compreendido de forma ampla. O imprescindível é que se criem práticas de ensino, visando o estabelecimento de

relações entre os componentes curriculares e que se aliem aos problemas da sociedade. Isso ocorrerá na escola por intermédio de uma construção lenta e gradual. Além disso, estabelece o papel de processo contínuo e interminável na formação do conhecimento, permitindo o diálogo entre conhecimentos dispersos, entendendo-os de uma forma mais abrangente.

Proposta de trabalho de ensino

Escola: SOS Criança

Docente: Helenice Dos Santos Alves, Jackeline Aparecida De Arruda Brilhadori, Marciana Vicente Da Silva, Maria Lourença Davina Da Costa , Roseli De Lima Nascimento, Sandra Ribeiro De Souza

Ano: 5º ANO

Disciplinas: Língua Portuguesa , Matemática, História, Geografia e Educação Física

Conteúdos:

- Língua Portuguesa: exposição de idéias de forma sequencial e com coerência;
- Matemática: realização de cálculos aproximados (estimativas); operar números naturais utilizando as suas estratégias e operações convencionais e noção de direção.
- Geografia: Leitura de mapas, realização das noções básicas de representação e orientação espacial e localização espacial.
- História: Conhecer os monumentos histórico da cidade de Barra do Bugres
- Educação física: coordenação motora, limitações, socialização

Objetivos:

- Expressar o conhecimento sobre a cidades de Mato Grosso;
- Eleger cinco cidades para o foco da pesquisa;
- Localizar por meio de mapa, as cinco cidades elencada para pesquisa.
- Conhecer os monumentos históricos das cinco cidade;
- Desenvolver a coordenação motora;
- Conhecer a si mesmo, suas potencialidades e limitações;

- Saber se localizar nas noções geográficas;
- Desenvolver a noção de direção;
- Interagir com o próximo de maneira pacífica.

Procedimentos metodológicos

A aula pode ser iniciada com a professora indagando aos alunos se já viajaram para outra cidade. Conforme os alunos irão dando a sua contribuição, citando as cidades que já haviam visitado, a professora faz as anotações no quadro.

Na sequência, entrega-se aos alunos uma lista contendo todas as cidades do Estado de Mato Grosso e cada discente deve destacar as cidades elencadas por eles, baseando-se nas anotações feitas no quadro negro. Questiona-se junto aos alunos se sabem informar quais das cidades por eles destacadas, tem maior extensão territorial e seus monumentos históricos .

Para sair da dúvida a professora poderá apresentar o mapa político do Estado de Mato Grosso, no qual podem observar melhor e responder com mais certeza a pergunta feita pela professora. Pode-se questionar sobre quais as cidades de maior importância econômica para o Mato Grosso, ou seja, quais das cidades elencadas tem maior número de indústria, um comércio influente, um número considerável de universidades ou faculdades. Feito o comentário, a professora poderá sugerir à turma, destacar dentre todas as cidades, com base nas respostas das perguntas supracitadas, cinco principais, as quais tornam-se o foco de pesquisa para as aulas posteriores. Feita a escolha das cidades, cada aluno recebe uma folha contendo o mapa político do Mato Grosso e pintará as cidades escolhidas e, Ao término da aula, a turma será dividida em cinco grupos, sendo cada grupo responsável pelas pesquisas relacionadas a cidade a ele delegada.

No segundo momento a professora explica aos alunos que o terceiro encontro será desenvolvido na quadra de esportes, na qual os alunos terão que identificar os pontos cardeais para participar de uma brincadeira. Faz-se a explicação da atividade, adaptada da brincadeira infantil “os quatro cantos”, sendo que cada canto indicará um ponto cardinal.

Na sequência da atividade, as regras são explanadas aos alunos, sendo :

- escolhe-se um aluno para ser o “mau tempo”, como será chamado, os outros alunos , divididos em quatro grupos, serão todos “ aviões” que viajarão de um ponto cardinal para outro;

- quando a professora falar: “Linha aberta para Sul e Norte! “ os alunos que estão no ponto cardeal Sul e Norte terão que sair correndo dos seus pontos e trocar de lugar, tomando o cuidado de não ser pego pelo “mau tempo”;

- caso o “avião” seja capturado pelo “mau tempo”, está fora da brincadeira;

- a brincadeira acaba quando sobrar somente um “avião” que será o campeão;

- esta brincadeira admite também adaptações, caso o espaço onde os alunos farão a delimitação dos pontos cardiais seja distante, a brincadeira pode adaptar-se no sentido de que o aluno “avião” capturado pelo aluno “ mau tempo” torna-se também um “ mau tempo” que ajudará o colega a capturar os outros. No final da brincadeira sobra um “avião” e os outros tornar-se-ão “mau tempo”.

Após feita a explicação das regras e ter tirado as dúvidas que os alunos possam ter, a professora conduzirá os alunos até a quadra de esportes para iniciar a brincadeira. Para marcar os quatro cantos, os alunos deverão identificar os pontos cardiais através do nascer do Sol. Então, será retomada a atividade de localização utilizando o corpo, a qual foi desenvolvida no encontro anterior. Os alunos posicionam-se estendendo o braço direito em direção ao nascente e a professora marca um canto. Neste momento é importante que os alunos indiquem qual ponto cardeal é o que foi marcado, a professora apenas contribui com a estimulação e a demarcação no chão para a brincadeira.

Desta mesma forma marca-se os outros pontos cardiais. Alguns alunos podem confundir o Norte com o Sul, o Leste com o Oeste. Neste caso, a professora deixa que os próprios alunos cheguem a uma conclusão, por meio de explicações de outros colegas de classe. Esta interação aluno/aluno enriquece as aulas. Demarcados os quatro cantos, a professora escolhe aleatoriamente um aluno para ser o “mau tempo”. É importante observar o tamanho da quadra ou do espaço onde está sendo realizada a atividade. Pois a brincadeira admite variações, neste caso, a professora pode escolher mais alunos para serem o “mau tempo” se o espaço for grande.

Recursos didáticos:

Mapa político de Mato Grosso, lápis de cor, giz, caneta hidrográfica, lista das cidades de Mato Grosso.

Avaliação:

A avaliação será contínua buscando verificar o processo de aprendizagem durante a realização das atividades e interação entre os mesmos.

Referências:

GARRUTI, Érica Aparecida; SANTOS, Simone Regina dos. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. Revista de Iniciação Científica da FFC, , 2004.

MORIN, Edgar. (Articular os saberes. In.: Alves, Nilda; Garcia, Regina Leite (Orgs), O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999

REIS, Martha dos. A construção da cidadania nas séries iniciais do Ensino Fundamental. 2010

SOBRAL, Fernanda A. da Fonseca. Educação para a competitividade ou para a cidadania social? São Paulo em Perspectiva, 2000.

VASCONCELOS, Maria Betânia Fernandes de; RÊGO, Rogéria Gaudêncio do. A contextualização como recurso para o ensino e aprendizagem da Matemática. Anais do VI Encontro Paraibano de Educação Matemática. João Pessoa, 09 a 11 de novembro de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se o quão necessário se faz a interdisciplinaridade nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como meio de uma melhor aprendizagem e construção do conhecimento, além de, mostrar como as diferentes áreas do saber se unem para mover a interdisciplinaridade. Nesta união das diferentes áreas do saber, a interdisciplinaridade é entendida como atitude e tem a potencialidade de auxiliar os educadores e as escolas na ressignificação do trabalho pedagógico em termos de currículo, de métodos, de conteúdos, de avaliação e inclusive nas formas de organização dos ambientes para a aprendizagem.

Desta forma, compreende-se que uma prática pedagógica interdisciplinar só

se torna significativa quando se constrói o senso crítico em sala de aula através da socialização e interação, fazendo o educando se perceber como ser atuante e capaz de interagir no seu próprio contexto. Para que isto aconteça, é fundamental que haja um planejamento coletivo na escola, pois é através do diálogo e interação entre os educadores que a prática interdisciplinar se torna um meio de aprendizagem.

É neste sentido que pode se dizer que o educador há de ser um instigador de sua própria prática e isto só é possível quando o mesmo compreende cada área do saber, numa perspectiva de ampliar seus conhecimentos e se tornar um educador interdisciplinar, entendendo que a integração entre os componentes curriculares move a interdisciplinaridade. É desta forma que pode-se dizer que a interdisciplinaridade é movida pela integração, pela atitude de ousadia e mudança. A mesma contribui para que educandos e educadores criem uma relação de confiança e laços de afetividade entre si, além de ampliar e construir novos conhecimentos através da pesquisa e do respeito dos educadores em relação ao conhecimento que o educando chega à sala de aula.

Assim, é preciso tirar a interdisciplinaridade do papel e praticá-la, ou seja, vivenciá-la, pois o que não pode acontecer é perder a esperança e se deixar levar pelo cansaço e pensar que tudo já foi feito.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de julho de 2010.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Brasília: MEC/CNE, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc> acesso dia 10/04/2019

FOUREZ, Gérard. Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade: novas disciplinas? Capítulo III, p. 52 In MAINGAIN. Alain; DUFOUR, Barbara. Abordagens didáticas da interdisciplinaridade. Lisboa, Instituto Piaget, 2008.

Capítulo 14

A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR QUE VIABILIZE A REALIZAÇÃO DE UMA SEMANA CULTURAL

Ariana Patricia da Silva

Sueli Carvalho Ricci da Cruz

Marcia Batista de Souza da Silva

Evania de Oliveira Souza

A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR QUE VIABILIZE A REALIZAÇÃO DE UMA SEMANA CULTURAL

Ariana Patricia da Silva

Sueli Carvalho Ricci da Cruz

Marcia Batista de Souza da Silva

Evania de Oliveira Souza

RESUMO

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) apresenta um conjunto de competências e habilidades que auxiliam na organização curricular e, por conseguinte, nas aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica. No ensino fundamental, as aprendizagens sistematizadas devem se articular com as experiências vivenciadas pelos alunos em seu contexto domiciliar, haja vista que o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais podem contribuir para o pleno desenvolvimento do aluno. O planejamento do professor deve contribuir com a formação de um sujeito criativo, proativo, que saiba partilhar, respeitar a convivência no contexto da diversidade e desenvolver autonomia para resolver problemas de modo responsável e produtivo. Segundo a BNCC (2018) a Arte contribui com a interação crítica dos alunos frente à complexidade do mundo, favorece o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, articula saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolve as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. O componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Considerando a relevância das práticas culturais desenvolvidas no ambiente escolar e a necessidade de criar estratégias de ensino para oportunizar a aprendizagem significativa dos alunos, torna-se necessário refletir sobre a importância da interdisciplinaridade nos processos de ensino.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Arte. BNCC.

DESENVOLVIMENTO

Na atuação docente, há uma exigência cotidiana: unir o conhecimento teórico como conhecimento operacional. Essa junção é indispensável para melhor escolher os meios didáticos necessários e colocar os conhecimentos em ação através do ensino. “Saber” algo é muito diferente de saber “como” e “por que” ensiná-lo a alguém.

E essa relação muda em função do que vai ser ensinado, do contexto e das condições sociais e culturais de quem vai aprender.

O ensino de Arte abrange diferentes linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, conforme determina o artigo segundo da Lei Federal 13.278/16, que legisla sobre o tema (BRASIL, 2016). Como sabemos, essa é uma atividade complexa e costuma gerar dificuldades práticas mesmo para os pedagogos docentes mais experientes. Nesse contexto, este estudo pretende sistematizar uma contribuição teórico-prática para o ensino de Arte, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo como foco a atuação do pedagogo docente nesses níveis de ensino. O estudo pretende contribuir com uma possível fundamentação para o melhor aproveitamento, em sala de aula, do rico potencial pedagógico e formativo do ensino de Arte nos níveis iniciais da Educação Básica.

Cada pedagogo docente sabe que ensinar Arte é uma oportunidade e uma obrigatoriedade. Ao gerar inúmeras possibilidades formativas, diretas e indiretas, revela-se como uma oportunidade. Ao ser proposta como um componente curricular que deve ser trabalhado de forma regular, ao menos uma vez por semana, conforme previsão legal, a Arte se constitui como uma obrigatoriedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados em 1997, no volume direcionado ao ensino de Arte, destacam como finalidade conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio cultural. O documento propõe utilizar as diferentes linguagens da Arte com ênfase para o caso brasileiro, que é híbrido e múltiplo. A Arte, nos PCN's, é descrita como um modo próprio de ordenar e de dar sentido à existência humana (BRASIL, 1997).

O trabalho com Arte costuma ter o desenvolvimento da criatividade como um de seus objetivos mais citados. No entanto, não se pode confundir criatividade com a mera espontaneidade ou livre expressão das crianças. Aula de Arte requer planejamento, pois toda proposta didática requer uma intencionalidade pedagógica. A criatividade terá como partida o conhecer, o embasar-se, o compreender o processo artístico. Serve de base e repertório para a ação posterior, o “fazer criativo”, assim como também deve levar em conta a vivência das crianças em seu contexto cotidiano.

Neste sentido, a interdisciplinaridade surge como um meio de possibilitar essa melhoria, vinculando as diversas disciplinas em torno de uma única temática. O foco está em provocar os alunos por meio de temáticas interdisciplinares ou apresentar problemas que levam a necessidade de diálogo entre diferentes componentes

curriculares, como enfatizado por Fazenda (2016, p. 92). Segundo a autora, “um projeto interdisciplinar parte da dúvida, da pergunta, das indagações, do diálogo, da troca, da reciprocidade”. Tudo isso pode ser favorecido no momento em que buscamos realizar uma atividade que permita vincular diferentes áreas do conhecimento entorno do estudo de um tema instigante e que levasse os alunos a buscar conhecimentos. E foi por meio da participação dos professores que os estudantes puderam perceber a inter-relação que existe nas disciplinas curriculares, pois muitas vezes para responder a um questionamento havia necessidade de buscar conhecimento em mais de uma disciplina.

PLANO PARA O PROJETO

Tema: A importância da dança
Público – Alvo: 4º Ano
Justificativa: Como sabemos que o conhecimento passa pelo corpo, é preciso sempre reforçar que a Dança - seja a Dança na escola regular ou em academias - no ensino tem, entre outras funções, o papel de acabar com o distanciamento entre aprendizado intelectual e aprendizado motor. Em suma, se desenvolvemos nosso vocabulário corporal, estaremos, recíproca e simultaneamente, desenvolvendo nosso vocabulário intelectual. A Dança deve atuar na interface entre dança-arte e dança-educação. Por vezes dança-arte e dança-educação atuam em gradações diferentes e outras concomitantemente.
Objetivo geral: criar a sua própria dança, por meio de improvisações e a concretização e/ou fixação delas em sequências coreográficas.
Objetivos específicos:
- criar, improvisar e produzir movimentos e danças;
- experienciar, experimentar alguns estilos de danças;
- analisar e apreciar o exercício dos colegas ou um espetáculo de dança.
Metodologia
Atividade 1 - Estação das Ações Corporais

Estabeleça uma espécie de jogo de fazer o que seu mestre mandar e introduza

outras ações. Peça agora que seus alunos formem trios ou quartetos e criem uma sequência com quatro ou cinco ações (por exemplo, correr, parar, tremer, girar, pular e cair). Os alunos devem escolher as que quiserem. Ajude-os com ideias, caso seja necessário. Auxilie cada grupo e faça-o registrar a sequência (memória é fundamental, não devemos apenas improvisar aleatoriamente). Todos podem fazer todas as ações, ou cada um uma ação, ou então três alunos

Atividade 2 - Ações Corporais

Agora os alunos vão dançar com uma parte do próprio corpo, encontrando a outra, dizendo oi para a outra. Por exemplo: a mão encosta no pé, o nariz dá oi para o cotovelo e assim por diante. Estimule-os a usar partes inusitadas: o dedinho da mão encontra o dedinho do pé, o nariz encontra o ombro, por exemplo. Incentive-os a dar o oi em lugares inusitados do corpo e do espaço: os cotovelos tentam se tocar atrás das costas, com o tronco inclinado para frente, por exemplo. Forme duplas, trios, etc. e uns dançam com os outros, com partes dos corpos se encontrando, se separando ou permanecendo em contato (este é um modo de contato corporal entre as crianças bastante prazeroso, divertido, não causa constrangimento e de variadas possibilidades de análise e fruição estéticas).

Recursos: Para direcionar a aplicação do projeto na escola, utilizaremos de recursos didático-pedagógicos como: Relatório em gráficos da pesquisa, exibição de danças, e reflexões sobre textos sobre danças

Avaliação: Os Critérios serão construídos e definidos no grupo. Ao mesmo tempo, seguindo a linha da gestão democrática, a mesma terá seu momento de auto avaliação e co-avaliação.

Bibliografia:

DUSCHENES, M. – Arte do movimento. Londres, 1970. Monografia para Obtenção de Certificado. Laban Art of Movement Centre. – Apostilas e anotações de aula. São Paulo, 1977 – 1999.

DUARTE-JÚNIOR, João Francisco. Fundamentos estéticos da educação. São Paulo: Cortez, 1981.

GUERRA, Maria Terezinha T.; Martins, Mírian Celeste; Picosque, Gisa. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Arte na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental revela-se uma excelente oportunidade formativa, seja através de um trabalho conduzido por um professor que tenha formação em Arte, seja conduzido pelo pedagogo docente, conforme faculta a legislação e como ocorre em muitas escolas brasileiras. Como em toda prática educativa, ressalta-se a importância da intencionalidade desse fazer pedagógico, para que se evite o ensino de Arte como trabalho incidental, recreativo ou decorativo.

Portanto, podemos concluir que o uso de projetos interdisciplinares como metodologia de ensino, colaboram para a aprendizagem dos alunos, bem como os motiva na construção de seus conhecimentos. No entanto, sabemos que apesar da importância dessa metodologia, muitas são as dificuldades para sua implementação, conforme mencionado na introdução.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais; Matemática / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

FAZENDA, Ivani C. A. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 2016.

Capítulo 15
GAMIFICAÇÃO INFANTIL
Rosa Aparecida Celso Silva Gatto
Marisane Ehle
Luzia da Silva Paulino Nascimento
Maria Cristina de Andrade Silva

GAMIFICAÇÃO INFANTIL

Rosa Aparecida Celso Silva Gatto

Marisane Ehle

Luzia da Silva Paulino Nascimento

Maria Cristina de Andrade Silva

RESUMO

A criança inicia sua vida educacional formal na Educação Infantil e, muitas vezes já chega na escola familiarizada com dispositivos computacionais, devido a fazer uso destes em casa como forma de distração, afinal, é comum encontrar crianças usando celulares de seus pais para jogar e se divertir, fazendo uso do aparelho como forma de entretenimento e, com facilidade de manuseio. Neste sentido, ao ingressar na Educação Infantil, é importante que a criança tenha contato com as TIC, propiciando o desenvolvimento cognitivo, a coordenação motora fina, colaboração, a cooperação, entre outros benefícios, buscando tirar proveito da vontade e motivação na sua utilização. É importante que haja alguma forma de poder orientar e permitir que as crianças já entendam as tecnologias não só como diversão ou distração, mas já possam entender, nesta fase inicial da vida, onde estão descobrindo o mundo ao seu redor, que os recursos computacionais podem ser aliados no seu desenvolvimento pedagógico e cognitivo. A gamificação em propostas de Educação Infantil. Essas propostas também asseguram a ludicidade, com o desenvolvimento de características como a cooperação, espontaneidade, autonomia, capacidade de abstração e atenção por serem intrigantes e estimulantes. Entre as estratégias que podem ser utilizadas no trabalho pedagógico está a gamificação, que se refere ao processo de inserir princípios e elementos dos jogos no processo educativo. Não é necessário obrigatoriamente utilizar e manipular um game (jogo), mas é preciso criar situações de aprendizagem mediadas pelo desafio, prazer e entretenimento.

Palavras-chave: Gamificação. Ludicidade. Educação Infantil.

DESENVOLVIMENTO

Os jogos estão presentes na educação Infantil há um bom tempo, brincadeiras de montar, jogos de tabuleiro, brinquedos, brincadeiras coletivas, entre outras formas de brincar são inseridas diariamente. São inseridos nos processos pedagógicos para crianças, na busca pela motivação e criação de conhecimento, além da própria preparação da criança como um indivíduo. Entretanto, com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação, as TIC e com a familiaridade e facilidade que as

crianças possuem em usar os dispositivos computacionais, os jogos eletrônicos passaram a ter uma grande inserção e relevância nos processos pedagógicos e psicopedagógicos no âmbito da Educação Infantil, aproveitando a motivação e entusiasmo que as crianças têm de usar os recursos computacionais tais como: tablets, celulares, computadores, etc.

Ajudando no entendimento da Gamificação, Fardo (2013, p. 11) aponta que parte para a adoção de um linguajar mais próximo dos jovens e das crianças, com atividades similares aos jogos com entretenimento, apresentação de conceitos da cultura digital facilmente compreendidos pelas gerações mais novas, possibilitando um alcance dos objetivos traçados para a aprendizagem de forma mais eficiente e agradável.

Gamificação é a utilização de elementos de jogos e game design fora do contexto de jogos (GRIFFIN, 2014). A gamificação tem como princípio a apropriação dos elementos dos jogos, aplicando-os em contextos, produtos e serviços que não são necessariamente focados em jogos, mas que possuam a intenção de promover a motivação e o comportamento do indivíduo (BUSARELLO et al., 2014). Não é necessariamente a participação em um jogo, mas sim a utilização dos seus elementos mais eficientes, como estética, dinâmicas, mecânicas, para obter os mesmos benefícios que se atinge com o ato de jogar.

A Gamificação faz uso da lógica presente nos games para tornar atividades de sala de aula em situações que simulem situações de jogos (ALVES, 2014, p. 101). Diante de uma sociedade cada vez mais conectada, a Gamificação com apoio de recursos computacionais, softwares destinados à aprendizagem ou utilizados com finalidade de construção do conhecimento, também contribuem para que a criança passe a fazer uso dos recursos e dispositivos tecnológicos com mais utilidade, preparando-a e capacitando-a para uso das TIC ao longo da vida, afinal, o seu uso desde cedo precede a facilidade de entendimento de novas tecnologias que irão encontrar ao longo do seu crescimento. Auxiliando no entendimento sobre os Softwares de jogos eletrônicos, Barros et al. (2020, p. 73) corroboram com:

Os softwares são recursos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e apresentam-se cada vez mais dinâmicos e interativos, sendo de fácil aceitação pelos alunos e ocasionando, assim, a utilização das ferramentas que relacionam os conteúdos escolares e a criação de novas formas de aprendizagens. (BARROS et al., 2020, p. 73)

Alves (2012, p. 6) aborda a Gamificação e suas possibilidades ao afirmar:

Os games podem se constituir em espaços de aprendizagem nos quais os seus usuários/jogadores podem juntos construir sentidos, significados para aprender novos conceitos de forma dinâmica e inovadora, sendo desafiados a resolver e solucionar problemas que muitas vezes exigem que atuem colaborativamente, que reutilizem os territórios e mapas dos jogos para explorar outros universos simbólicos. Os games podem se constituir na porta de entrada para professores e alunos entrarem no universo da cultura digital e se apropriarem de uma nova forma de letramento que vai além dos processos de codificação e decodificação. (ALVES, 2012, p. 6)

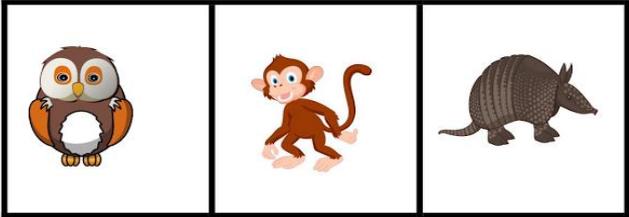
A utilização dos jogos eletrônicos dentro dos processos educacionais, principalmente no que tange a Educação Infantil traz benefícios para o próprio desenvolvimento motor da criança, entre outros como ampliação das capacidades de raciocínio lógico. Uma criança ao usar um dispositivo computacional com um Software de jogo que possa ter uma utilidade pedagógica irá fazê-lo com prazer, se divertindo e tendo uma motivação que é natural da própria criança em usar o recurso computacional, que o faz com extrema facilidade, tornando a aprendizagem algo prazeroso para ela, fazendo com que a busca, aquisição e consolidação do conhecimento aconteça de forma natural, porém é preciso que o docente atue na mediação da utilização da Gamificação, orientando a criança para que esta consiga ter uma plenitude do real objetivo ao se utilizar um jogo eletrônico para aprender algo ou alguma coisa, mas sem tornar o jogo um recurso que perca a motivação com ações única e exclusivamente de cunho pedagógicos. É preciso que a criança aprenda brincando e visualize o entretenimento que o jogo proporciona para que se mantenha motivada e envolvida.

Desde uma simples tarefa repetida a transferência de conhecimento, deve identificar o objetivo final, garantindo que a gamificação irá ajudar neste objetivos. Uma das maneiras mais efetivas de utilizar objetivos em gamificação é incorporar objetivos simples e curtos, como um quiz, assistir um vídeo, entrar no sistema consecutivos dias, e incorporar objetivos desafiadores, como terminar todos os módulos, ser o primeiro do ranking.

A seguir apresentaremos uma proposta de plano de aula que envolve gamificação.

Plano de Aula		
Identificação	Escola	SOS CRIANÇA
	Turma	1º ano Ensino Fundamental
	Período	Vespertino

<p>Conteúdo</p>	<ul style="list-style-type: none"> Esta proposta de trabalho tem duas estratégias de jogos bem simples como forma de trazer a gamificação para o ensino de conteúdo escolares, tornando suas aulas mais dinâmicas e atraentes para os alunos. 												
<p>Objetivos</p>	<p>Objetivo geral</p> <ul style="list-style-type: none"> Visa trazer uma proposta lúdica pedagógica para a etapa da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. <p>Objetivos específicos</p> <ul style="list-style-type: none"> Avançar no processo de alfabetização e letramento dos alunos com atividades inovadoras de gamificação, para contribuir no desenvolvimento da leitura e da escrita. Exercitar a autonomia dos estudantes quanto ao uso do <i>Ipad</i> para a construção de habilidades relacionadas à leitura e a escrita. Desenvolver competências relativas a funcionalidades dos aplicativos utilizados a fim de dinamizar o processo de ensino aprendizagem <p>(EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos (EF12LP02) Buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulam em meios impressos ou digitais, de acordo com as necessidades e interesses.</p>												
<p>Metodologia</p>	<p>Usando as estratégias de jogos, os alunos vão fazendo a interpretação sobre a história. Antes de começar o jogo o professor poderá explicar sobre a função de um detetive que é desvendar mistérios através da investigação. O detetive das histórias tem uma imagem caricata se veste de forma peculiar nas histórias, exemplos: com casacos compridos, chapéu e sempre tem uma lupa.</p> <p>O Avatar será construído pelos alunos usando alguns acessórios que figuram um detetive. Poderá ser oferecido aos participantes toda vez que conseguir concluir uma etapa. O professor poderá oferecer fichas, por exemplo, com as figuras de uma lupa, óculos, chapéu, binóculo, casaco de detetive. As crianças amam colecionar cartinhas e outros objetos. A cada tarefa completada será dado uma ficha com um acessório, no final será dado o personagem a escolha dos participantes. O professor poderá reproduzir a, (de preferência colorida), a cartela abaixo de acordo com o número de participante e colar no papelão para ficar firme.</p> <div data-bbox="695 1469 1254 1845" style="text-align: center;"> <table border="1"> <tr> <td> LUPA</td> <td> CHAPÉU</td> <td> LANTERNA</td> </tr> <tr> <td> BINÓCULO</td> <td> RELÓGIO</td> <td> CÂMERA</td> </tr> <tr> <td> CADERNO</td> <td> JAQUETA</td> <td> AVATAR 1</td> </tr> <tr> <td> AVATAR 2</td> <td> AVATAR 3</td> <td> AVATAR 4</td> </tr> </table> <p><small>BLOG PROFESSÃO PROFESSOR https://escoladossenhosclaudia.blogspot.com/</small></p> </div> <p>Jogo Detetive do Parque Material para participar do jogo: lápis e papel Números de participantes: de um, dupla ou grupo de 4.</p> <p>ETAPA 1 Encontre a figura do animal</p>	 LUPA	 CHAPÉU	 LANTERNA	 BINÓCULO	 RELÓGIO	 CÂMERA	 CADERNO	 JAQUETA	 AVATAR 1	 AVATAR 2	 AVATAR 3	 AVATAR 4
 LUPA	 CHAPÉU	 LANTERNA											
 BINÓCULO	 RELÓGIO	 CÂMERA											
 CADERNO	 JAQUETA	 AVATAR 1											
 AVATAR 2	 AVATAR 3	 AVATAR 4											

	<p>QUAL O ANIMAL SEQUESTRADO POR MALVINA? R: TATU O professor esconderá a imagem para que os alunos procurem. A missão é encontrar a imagem do animal. Quando o primeiro participante achar deverá escrever o nome do animal. Se o participante errar, a escrita do nome, terá uma nova chance de olhar três fichas contendo 3 três nomes de animais TATU - PORCO - MACACO. Novamente ele tentará escrever o nome do animal corretamente. Se o participante ainda não conseguir e lhe dado uma nova ajuda. Poderá ser indicado pelo professor um colega para ajuda-lo ou o próprio professor poderá ajudá-lo até que o aluno complete a missão.</p> <p>TAREFA 1</p> 
Recursos	cartinhas com os acessórios para construir o avatar, lápis e papel,
Avaliação	A avaliação acontecerá de forma contínua iniciada nas perguntas orais diagnosticadas no início da aula. Posteriormente, as realizações das atividades e interesse pelo tema da aula. Registro e reflexão sobre as atividades realizadas sobre o aprendizado da turma com a experiência vivenciada.
Referências	ANTUNES, C. O jogo e a educação infantil: falar e dizer/ olhar e ver/ escutar e ouvir. Petrópolis: Vozes, 2004. HTTPS://www.guiaqd.com.br/listing-category/isoestearato-de-glicerila/ HTTPS://sae.digital/gamificacao-na-educacao/

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ludicidade infantil remete-se a materiais que possam ser manuseados. Nesse caso específico, não há como manusear os jogos eletrônicos digitais de maneira concreta e sim com recursos como “mouse” ou “touchpad” para desenvolver estímulos e habilidades. Gamificação com utilização de recursos das tecnologias digitais é um processo positivo onde os alunos se desenvolvem e também uma metodologia interessante para os professores, que a cada momento vai se modificando e propiciando novas abordagens.

A gamificação é um processo emergente, que se mostra cada vez mais presente nos ambientes de aprendizagem. Porém sua mera aplicação não garante os resultados pressupostos do processo. Um estudo aprofundado deve se realizar antes de considerar sua aplicação. O conhecimento da base de usuários, assim como os objetivos do processo, atuam como elementos fundamentais para a construção de um processo sólido.

As possibilidades tecnológicas hoje existentes, as quais viabilizam essas diferentes alternativas e concepções pedagógicas, para além de meras ferramentas ou suportes para a realização de tarefas, se constituem elas mesmas em realidades que configuram novos ambientes de construção e produção de conhecimentos, que geram e ampliam os contornos de uma lógica diferenciada nas relações do homem com os saberes e com os processos de aprendizagem. Ao criar novas técnicas a fim de alcançar o desenvolvimento de habilidades e aprendizagem do aluno em sua totalidade, estará proporcionando a ele sua autonomia, rompendo barreiras práticas e intelectuais para a construção da sua autoconfiança, da certeza de que ele é capaz de ir além.

Diante do exposto, concluo que o curso possibilitou um olhar diferenciado em relação do uso das novas tecnologias, além de uma mudança contínua da prática pedagógica, da vida acadêmica em uma experiência singular em uma plataforma digital, que levou a uma reflexão crítica das disciplinas cursadas, despertando para o novo e para os desafios da educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. (2012). Games, colaboração e aprendizagem. In: Okada, A. (Ed.) Open Educational Resources and Social Networks: Co-Learning and Professional Development. London: Scholio Educational Research & Publishing, 2012. Disponível em: http://oer.kmi.open.ac.uk/wp-content/uploads/cap09_virtuais.pdf. Acesso em: 09/04/2022.

ALVES, Lynn Rosalina Gama. A cultura lúdica e cultura digital: interfaces possíveis. Revista entreideias. Salvador, v. 3, v.2, p. 101-112. Jul/dez. 2014.

BARROS, Álvaro G.; TEIXEIRA, Ariana M.; CHAGAS, Carmen H.; OLIVEIRA, Fábio M.; TEIXEIRA, Risiberg. Memórias Complexas: um jogo como recurso pedagógico para o ensino de matemática. Revista InterSciencePlace, 2020. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/973/541>. Acesso em: 11/03/2022.

BUSARELLO, R. I., Ulbricht, V. R. & Fadel, L. M.. A gamificação e a sistemática de jogo: conceitos sobre a gamificação como recurso motivacional. In: Gamificação na Educação. Pimenta Cultural: São Paulo, 2014.

FARDO, Marcelo Luis. A gamificação como método: estudo de elementos dos games aplicados em Processos de ensino e aprendizagem. 2013.

GRIFFIN, Daniel. Gamification in E-Learning. Ashridge Business School, 2014. Disponível em: . Acesso em: 18 jun. 2014.

VIANNA, M. et al. Gamification, Inc. - Como reinventar empresas a partir de jogos. Edição: 1a ed. Rio de Janeiro: MJV Press, 2013.

Capítulo 16
A UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIGITAIS PARA
USO EDUCACIONAL NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Rosa Aparecida Celso Silva Gatto

Marisane Ehle

Luzia da Silva Paulino Nascimento

Maria Cristina de Andrade Silva

A UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIGITAIS PARA USO EDUCACIONAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rosa Aparecida Celso Silva Gatto

Marisane Ehle

Luzia da Silva Paulino Nascimento

Maria Cristina de Andrade Silva

RESUMO

A alfabetização é um processo que requer tranquilidade e práticas que possuam significado para a criança, sendo assim a leitura e a escrita devem ser trabalhadas com atividades familiares do cotidiano infantil. Outro fator relevante é o fato de percebermos que no ambiente escolar há crianças desmotivadas e com uma inquietude constante, ansiosos por práticas que os aproximem de suas aptidões e interesses. É notório que o nosso sistema de ensino necessita de uma reestruturação fazendo com que a criança se sinta apta em realizar novos desafios, motivando-a sempre a superar-se e integrar-se ao conhecimento e nada melhor que uma vivência que já é bastante familiar como uso do tablet para superarmos desafios. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o desafio é a conciliação dos processos de alfabetização e letramento para que os alunos, além da apropriação do sistema alfabético, adquiram também condições de usar a leitura e a escrita em seus cotidianos. O uso dos tablets e aplicativos de consciência fonêmica neste processo vêm a acrescentar na prática pedagógica de maneira incisiva, atraente e eficaz. Considerando que a BNCC valoriza as situações lúdicas de aprendizagem e procura contemplar a cultura digital no contexto da sala de aula, observa-se a importância de refletir sobre o trabalho a ser desenvolvido nos anos iniciais do Ensino Fundamental e pesquisar ferramentas tecnológicas que podem contribuir com o interesse e aprendizagem dos alunos. Que traga a autonomia do aprender, o que é fundamental neste processo, pois o aluno através desta dinâmica impõe o seu ritmo, por isso diz-se de uma prática democrática, onde cada aluno formula suas hipóteses e consolida as aprendizagens no seu tempo, passando assim a dianteem novos desafios.

Palavras-chave: BNCC. Ludicidade. Prática Pedagógica.

DESENVOLVIMENTO

Atualmente vivencia uma decorrente transformação tecnológica na sociedade, presenciando alterações constantes no processo de aprendizagem que já fazem parte da adequação da escola com a realidade em que está inserida. Aprende

se constantemente, todos os dias, em diversos aspectos da nossa vida.

O compromisso da escola atual é essencialmente com os valores definidos a partir do desenvolvimento científico e tecnológico presente, os quais questionam a validade de formulações menos práticas, ainda que mais comprometidas com a natureza essencial do homem. O que se requer nesta sociedade é basicamente o indivíduo apto a enfrentar situações as mais variadas, imprevisíveis, para as quais deve dispor de uma flexibilidade tal que lhe permita efetuar respostas rápidas já que é impossível tê-las prontas. A fim de se encaminhar para um objetivo dessa ordem, a escola atual precisa rever toda a sua estrutura, todo o seu sistema de trabalho e mesmo os papéis definidos tradicionalmente. (ALONSO, 1983, p. 146).

Com isso, faz pertinente a percepção de fatos e fatores que interligaram as causas decorrentes do cotidiano com o aprendizado de tais situações e fatos. Fatores que contribuíram a evolução humana trouxe consigo a ligação da percepção de processos que interferem diretamente na relação que o homem exerce sobre seu cotidiano e sociedade.

De acordo com Soares (1998): “Alfabetizar é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo - criança ou adulto - tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler, mas de escrever, enquanto habilidades de decodificação, mas fazer uso adequado da escrita com suas funções na sociedade”.

Então, o papel atual do professor em sala de aula é de um mediador atuante que norteia o conhecimento em suas aulas, direcionando por meio de metodologias sejam elas tradicionais, mas que se associem a novas metodologias com a utilização de ferramentas digitais e on-line, a fim de promover a construção do conhecimento em sala de aula, utilizando essa atual linguagem que já é vivenciada pela clientela escolar. Portanto, estabelecer conexões entre o tradicional e o atual, faz com que se perceba uma necessidade constante de conquista de indivíduos, para que se produza novos conhecimentos com base nesses conhecimentos que já se tornaram indispensáveis, inserindo dentro desse modelo de ensino tradicional para o ensino híbrido hoje nas escolas. Tendo para isso a necessidade que o professor esteja engajado em formações e atualizações constantes em suas metodologias e além da sala de aula.

Os processos de alfabetização e de letramento devem ser realizados por meio do contato da criança com uma variedade de textos, que com o crescente desenvolvimento das tecnologias digitais, passaram a ser disponibilizados pela internet, facilitando o acesso e conseqüentemente a leitura. “A alfabetização decorre

como consequência imediata da visão da realidade, associando-se a imagem da palavra à imagem de uma situação concreta”. (PINTO, 2000, p. 99).

Letramento digital refere-se aos contextos social e cultural para discurso e comunicação, bem como aos produtos e práticas linguísticos e sociais de comunicação, e os modos pelos quais os ambientes de comunicação têm se tornado partes essenciais de nosso entendimento cultural do que significa ser letrado. (FREITAS, 2010, p. 338).

Privilegiando em seu planejamento metodologias que sejam aprazíveis e possibilitem a ação reflexiva da criança sobre sua própria aprendizagem, tendo possibilidade assim de realizar a metacognição, fazendo com que a escola seja um lugar de novas e incríveis descobertas a partir de práticas sociais de leitura e escrita.

Com o uso de aplicativos off-line nos tablets utilizados pelos alunos duas vezes por semana, pois burocraticamente, é o período disponível das máquinas para cada turma dentro da escola e pedagogicamente é o tempo em que o aluno teve para realizar as experiências didáticas construindo significados de forma multimodais, dentro da semana escolar. Sendo que, o ensino híbrido se configura na percepção da atuação do professor em sala de aula e fora dela, estendendo sua autonomia para fora do espaço escolar, tendo como objetivo a melhora da qualidade de ensino empregada em sala de aula.

As novas ferramentas oferecem um grande auxílio ao professor no processo de ensino aprendizado, tornando as aulas mais atrativas, prazerosas e motivadoras.

O jogo foi escolhido por trabalharem principalmente a consciência fonológica nas crianças, a fim de desenvolver a capacidade de refletir sobre os sons da nossa língua, pois este desenvolvimento é determinante para a aquisição da alfabetização, da consolidação, automatização do processo fonológico inerente às tarefas de leitura e escrita e ampliação do vocabulário.

A seguir apresentaremos um plano de aula que envolve a tecnologia:

Plano de Aula		
Identificação	Turma	1º ano do ensino fundamental
	Duração	3 horas
	Tema da aula	Trabalhando consciência fonêmica
Componente	<ul style="list-style-type: none"> Língua Portuguesa 	

Curricular	
Práticas de Linguagem	<ul style="list-style-type: none"> • Análise linguística/semiótica (Alfabetização)
Objetos de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Segmentação de palavras/Classificação de palavras por número de sílabas
Habilidades	<ul style="list-style-type: none"> • (EF01LP13) Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais.
Metodologia	<p>1º Passo abaixar no tablet o aplicativo Jogo rimas e sons iniciais</p> <p>2º Passo Formar palavras - o jogo auxilia na construção da consciência fonêmica e, portanto, no processo de alfabetização das crianças. As imagens são apresentadas e as sílabas também, porém de forma desordenada e cabe à criança colocá-las na ordem correta para formar a palavra.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 20px;">    </div> <p>Apresenta quatro categorias de fases diferentes: natureza, comida, objetos e animais. Para se tornar ainda mais atrativo as imagens do jogo são baseadas nos emojis que tanto as crianças</p>

	gostam.
Recursos	Tablet e aplicativo Jogo de formar palavras
Avaliação	A avaliação continua do rendimento, da utilização destes jogos é o retorno instantâneo sobre o que o aluno escreve ou lê e que, ao mesmo tempo, em que o aluno está se divertindo está aprendendo.
Referências	FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. SILVA, A.R.; Petry, A.S.; Jogos digitais no Ciclo de Alfabetização: um caminho para o Letramento na Alfabetização- 2017-UFRGN. GOMES, V.D.; Luz, M.O.; Tecnologias da Informação e Comunicação no Processo de Alfabetização. 2018-CEFET-MG.

CONsiderações finais

Com esses novos meios pode ser introduzida novas formas de aplicar o ensino na sala de aula, dinamizando e reconduzindo antigas técnicas de ensinar com as atuais. Esse processo leva a uma nova adequação ao longo desses últimos anos – um tempo que perdurou uma certa resistência na introdução dessas metodologias atuais. Com isso, a atual percepção dos novos professores e a adequação de todo o ensino, se faz precisa e importante para que haja uma evolução no ensino no país, para que se possa atingir de forma precisa e satisfatória a construção do processo de ensino-aprendizagem, para que se torne mais singular e similar a convivência da clientela escolar com a sua realidade social e diária.

Portanto, se o educador hoje não for capaz de tornar sua aula atrativa, estimulada por meio de novas formas audiovisuais, ele não conseguirá interagir com a sua clientela, tornando muitas vezes ineficaz suas aulas e distante cada vez mais da realidade do seu aluno. E, para que isso não ocorra, inserir novas ferramentas que ampliem o processo de aprendizado, levará o aluno em sua aquisição de aprendizagem para além da sala de aula, conquistando com autonomia novos repertórios acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ALONSO, M. O papel do diretor na administração escolar. 5ª ed. São Paulo: Difel, 1983.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010.

PINTO, A. V. Sete lições sobre a educação de adultos. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. São Paulo. SP. Ed. Autêntica. 1998.

Capítulo 17
RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO COTIDIANO DA
SALA

Angela Romão Sobrinho Nunes

Antônio Veras Nunes

Edilene Maria da Silva Nascimento

Maria das Dores Romão Sobrinho dos Santos

RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO COTIDIANO DA SALA

Angela Romão Sobrinho Nunes

Antônio Veras Nunes

Edilene Maria da Silva Nascimento

Maria das Dores Romão Sobrinho dos Santos

RESUMO

A abordagem do trabalho tem a proposta de Produção Textual Interdisciplinar terá como temática Relação teoria e prática no cotidiano da sala de aula, analisando a concepção teórica que embasa as ações de ensinar, aprender e avaliar em sala de aula, visto que tais fundamentos interferem na formação do sujeito. A teoria é construída para responder as questões problematizadoras da realidade, sendo a prática uma ação que precisa estar sustentada intencionalmente por uma teoria. Do ponto de vista teórico, currículo e avaliação possuem relações estreitas, contudo na perspectiva das práticas também estão implicados com um olhar que se tem do papel social da escola. “O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico” Tem por finalidade também chamar sua atenção, futuro professor, para as práticas observadas no cotidiano da escola no momento do estágio curricular, quando se dá o contato com o espaço de atuação profissional ainda na graduação. Ressaltamos que a observação e análise das práticas dos professores regentes, no campo do estágio, tem importância porque neste instante cada um de nós se posiciona a partir da própria concepção, acerca das ações de ensinar, aprender e avaliar, sendo este momento relevante por evidenciar os fundamentos que tendem a embasar nossas atividades junto aos alunos.

Palavras-chave: Sala de aula. Prática Pedagógica. Teoria.

DESENVOLVIMENTO

A prática pedagógica de todo professor é analisada frequentemente. No sucesso ou no fracasso do processo de aprendizagem, a prática educacional é sempre o foco dos questionamentos. Diante desta pressão, a conscientização de alguns fatores é o principal indicador do que deve ser, de fato, repensado.

Não existe receita pronta, plano infalível ou milagre que resolva todos os problemas educacionais. Há ótimas ideias que são divulgadas na internet, revistas e no café dos professores. São trocas de ideias e vivências. Afinal, é importante que

haja uma ação coletiva para a discussão do conhecimento e a troca de pontos de vista. Isso é, realmente, enriquecedor. Ricas, porém, quando as sugestões incitam o pensamento crítico e levam o docente a repensar sobre sua prática, questionando quais ações são ideais para si e para sua turma, dentro do ambiente escolar.

Na comparação da situação problema, onde Pedro e Carolina são os alunos, futuros professores, e na observação de cada um deles em relação a atitude de cada professora na sala de aula, vemos que a educadora Lourdes utiliza-se a tendência tradicionalista nesta tendência o professor é a figura central e o aluno é um receptor passivo dos conhecimentos considerados como verdades absolutas. Há repetição de exercícios com exigência de memorização, pois para ela a educação deve seguir um modelo mais rígido, nesse sentido, o Ensino Tradicional tem como estilo cultivar e desenvolver a prática de alimentar a inteligência, através da transmissão do conhecimento existentes nos livros, do professor para o aluno, para a sua memória.

A didática clássica é conhecida por um educador transmitir a lição aos alunos, os mesmo em um relacionamento frio copiam e transcrevem o que lhe é passado. O Professor é comunicador e o aluno é ouvinte, á repetição nos exercícios, recapitulação e aplicação. A aprendizagem é receptiva e mecânica, ocorre com coação. Considera a capacidade de assimilação da criança a mesma do adulto.

E Melissa utiliza-se do método escola na vista pois ela busca ser uma facilitadora do conhecimento. ajudando o aluno, sua maneira de abordagem é algo inovador.

É importante ressaltar que inovação não significa mudança, ou seja, frequentemente os professores, visando à mudança de suas concepções, apenas inovam sala de aula, alternando, por exemplo, a colocação das carteiras. A aula, deste modo, não deixar de ser tradicional. Para que o professor consiga realmente mudar suas concepções sobre o ensino não há roteiros prédeterminados, é necessário que ele pratique a nova teoria de modo único, imediato e exclusivo, observar e refletir.

A prática pedagógica se constitui num espaço, tempo em que diferentes histórias formam relações de conflitos encontros e desencontros. Nesse espaço, acontece a possibilidade de construir a capacidade humana mediada por relações dialógicas.

A educação de qualidade privilegia o aprender a aprender e a capacidade de intervenção alternativa, baseada numa cultura educacional que prioriza a atitude de pesquisa, de autonomia crítica, a busca criativa.

Durante sua formação profissional, o pedagogo tem acesso a saberes específicos de sua área de atuação, tendo as teorias educacionais como norteadoras da sua prática pedagógica, e por isso, durante todo o curso ele tem acesso a diversas delas. Entretanto, para realizar sua prática efetiva baseada nas teorias, o pedagogo precisa construir suas fundamentações de acordo com o dia a dia que proporciona a ele uma reflexão de todo seu conhecimento, o que lhe assegura uma combinação entre seu conhecimento, adquirido ao decorrer da sua formação, e sua experiência.

Muitas vezes, em se tratando de avaliação da aprendizagem, pode-se observar o quanto esta prática é realizada, em sala de aula, sem que os professores se utilizem de fundamentos teóricos consistentes capazes de subsidiar um trabalho docente que vise à plena aprendizagem de seus alunos. Nesse sentido, os instrumentos avaliativos são aplicados para mensurar a quantidade de conteúdos aprendidos, na maioria das vezes pela via da memorização, ao invés de serem aproveitados para a compreensão e aprimoramento do processo da aprendizagem dos alunos.

Segundo Moraes (2011) há diversos instrumentos avaliativos capazes de coletar informações fundamentais à realização da avaliação da aprendizagem, ficando em maior destaque maior a prova, utilizada por inúmeros professores. Este instrumento avaliativo, assim como outros, possui aspectos positivos e negativos que são definidos a partir do que o professor faz com o seu resultado.

Lourdes utiliza na avaliação classificatória estes são prioritários a fins burocráticos, muito mais do que relevantes para a compreensão do mundo. Muitos alunos não obtêm “rendimentos satisfatórios” por não compreenderem estes conteúdos, visto que estes talvez não façam parte da cultura do educando, ou seja, estão distantes da sua realidade. Os programas de ensino não atendem à diversidade de alunos existentes em uma sala de aula, nesta estabelecendo um padrão a ser alcançado, caso não seja, os alunos são classificados como fracassados. Portanto, segundo Perrenoud (1999) o êxito e o fracasso escolar são medidos por meio dos julgamentos realizados pela comunidade escolar, a partir de critérios próprios com procedimentos avaliativos que lhes convém.

E Melissa utilizou a avaliação formativa significa não se ater ao diagnóstico dos problemas de aprendizagem, facilmente verificáveis valendo-se de instrumental avaliativo pertinente. É fundamental ir além, é essencial, ao professor, planejar e

implementar intervenções pertinentes e oportunas à superação, à aprendizagem. Sendo assim, o professor que se apoia na concepção formativa, para além de aplicar um instrumento avaliativo, a fim de analisar a aprendizagem dos alunos e seus problemas, tem por função elaborar estratégias que auxiliem os educandos que estão com dificuldade a ultrapassarem seus obstáculos, atribuindo um feedback para que possam ter clareza de seus ganhos, quanto à construção de sua aprendizagem e de seus impasses, que com a cooperação do professor, poderão ser superados.

Além destes aspectos, a avaliação formativa pressupõe um exercício de transparência entre alunos e professores, sendo que estes devem ter claros os critérios e os objetivos, visto que a função da avaliação é auxiliar o aluno a progredir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar, portanto, deve exigir dos educadores uma postura de aprender a inquietar-se e a indignar-se com o fracasso do alunado, sem deixar destruir-se por ele. O pedagogo, ao se formar e ingressar na carreira acadêmica como educador, será um professor polivalente. E sendo polivalente, ensinará diversos conteúdos e matérias dos quais não tem domínio, que a instituição de formação de licenciados não os ensinou com total maestria, e aí está, a importância e a responsabilidade de o pedagogo nunca deixar de se aperfeiçoar.

O profissional de responsabilidade, que entende que a todo o momento, há modificações na forma de ensinar e novos conteúdos a serem aplicados, deve adotar uma postura sóbria de que a formação continuada de professores é de suma importância e uma realidade firmada nos tempos atuais.

A formação de professores é uma das que menos se leva em conta, as observações sobre as práticas, trabalho real do professor e o dia a dia da escola e seus ambientes, enquanto outros cursos de formação inicial, já estão mais ligados a uma análise mais precisa da realidade que o profissional irá encontrar ao se formar. Portanto, é um engano focar apenas na reprodução de conteúdo, já que é por meio das experiências adquiridas, condições e limitações do trabalho real dos professores que compreendemos e aplicamos as relações de teoria e prática pedagógica.

Todavia, faz-se necessário que os docentes tenham consciência da importância de se adotar práticas avaliativas a favorecerem a melhoria do processo

ensino-aprendizagem. Para isso, deve deixar de efetivar o processo avaliativo apenas a partir de suas vivências, buscando fundamentos teóricos que favoreçam a ressignificação da sua prática, tendo em vista a ampliação do conhecimento dos educandos.

REFERÊNCIAS

MORAES, Dirce Aparecida Foletto. Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 233-258, 2011.

PERRENOUD, Philippe. A avaliação entre duas lógicas. In: _____. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Capítulo 18

LUDICIDADE

Angela Romão Sobrinho Nunes

Antônio Veras Nunes

Edilene Maria da Silva Nascimento

Maria das Dores Romão Sobrinho dos Santos

LUDICIDADE

Angela Romão Sobrinho Nunes

Antônio Veras Nunes

Edilene Maria da Silva Nascimento

Maria das Dores Romão Sobrinho dos Santos

RESUMO

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, “[...] A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções” (BRASIL, 2018, p. 33. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: A Educação é a Base. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018). O modo como o professor aborda determinada temática, as estratégias que utiliza ao longo das aulas, a proposição de um jogo, seja ele tradicional ou virtual ou as relações estabelecidas com os campos de experiência e objetivos de aprendizagem, estão diretamente ligadas à ludicidade. A abordagem do trabalho tem a importância da ludicidade na Educação Infantil. Dentre essas técnicas temos o lúdico, um recurso didático dinâmico que garante resultados eficazes na educação, apesar de exigir extremo planejamento e cuidado na execução da atividade elaborada. No entanto o jogo é a atividade lúdica mais trabalhada pelos professores atualmente, pois ele estimula as várias inteligências, permitindo que o aluno se envolva em tudo que esteja realizando de forma significativa. A importância de reconhecer o lúdico possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a importância do lúdico na formação da personalidade. Realizando através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona idéias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, o que é mais importante, vai se socializando. **Palavras-chave:** Ludicidade. Prática Pedagógica. Educação Infantil.

DESENVOLVIMENTO

Ao analisar os campos de experiência apresentados na BNCC (BRASIL, 2018), é possível identificar diferentes formas de explorar a ludicidade. Entre os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do campo de experiência “O Eu, o outro e o nós”, por exemplo, identificamos o respeito a regras básicas de convívio social nas

interações e brincadeiras, no campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos”, observamos a experimentação de diferentes possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes, entre outros objetivos de aprendizagem que evidenciam esse viés com a ludicidade.

A prática da ludicidade para ensinar os conteúdos do currículo escolar pode propiciar o sucesso da aprendizagem dos alunos. Os recursos lúdicos são capazes de contextualizar os conteúdos e assim o aluno passa a ver sentido naquilo que está aprendendo. Freire acredita que:

“A criança que brinca em liberdade, podendo decidir sobre o uso de seus recursos cognitivos para resolver os problemas que surgem no brincar, sem dúvida alguma chegará ao pensamento lógico de que necessita para aprender a ler, escrever e contar”. (Freire 1991)

A importância do brincar é uma atividade culturalmente definida e representa uma necessidade para o desenvolvimento infantil. Historicamente, o homem sempre brincou, por meio dos diversos povos e culturas e no decorrer da história, mas ao longo do tempo, as formas de brincar, os espaços e os tempos de brincar, os objetos foram se transformando.

Segundo Santos (1995).

“A ludicidade está intrínseca no ser humano desde a pré- história. O ato de brincar é a mais pura forma da criança se expressar, é brincando que ela expressa o que está sentindo e também interioriza o mundo ao seu redor[...]”.

Dessa forma entende-se que a escola tem o dever social de ampliar e favorecer esse aprendizado com os jogos infantis e atividades lúdicas no processo do desenvolvimento infantil, onde o jogo torna-se elemento estimulador e motivador das habilidades motoras, afetivas e cognitivas da criança , sendo também instrumento para o desenvolvimento integral da criança, pois segundo Vygotsky (1987)

“O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos”.

A importância do educador compreender a atividade infantil para que possa vir a intervir como facilitador no desenvolvimento da criança, uma vez que a escola, na primeira infância, deve considerar as estruturas corporais e intelectuais de que dispõem as crianças, utilizando o jogo simbólico e as demais atividades motoras próprias da criança nesse período.

O lúdico é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura, por meio do qual podem permear suas vivências internas com a realidade externa. É um facilitador para a interação com o meio, embora seja muito pouco explorado. O brincar é uma atividade culturalmente definida e representa uma necessidade para o desenvolvimento infantil. Historicamente, o homem sempre brincou, por meio dos diversos povos e culturas e no decorrer da história, mas ao longo do tempo, as formas de brincar, os espaços e os tempos de brincar, os objetos foram se transformando. (ALMEIDA, 1990)

Com o brincar, se faz o processo de humanização ética da criança, por isso, deve ser utilizado para o desenvolvimento das crianças, tanto em casa, como na escola, principalmente por isso deve haver parceria entre pais e escola. A criança não se desenvolverá, se um não tiver o auxílio do outro, se um jogar a responsabilidade para outro. Todos são responsáveis pela educação, pelo desenvolvimento da criança.

Uma escola lúdica tem como finalidade desenvolver habilidades físicas e intelectuais, formar alunos críticos, criativos, conscientes e promover a interação social e, acima de tudo, despertar em seus alunos o gosto pela escola, pelo estudo, pela busca por novos conhecimentos, criando assim um elo muito forte entre o aluno e a escola. Uma escola lúdica é onde o aluno sente prazer em estudar, em aprender coisas novas nas diferentes áreas do conhecimento: matemática, português e ciências entre muitas outras. Para que isto ocorra o ambiente deve ser bastante acolhedor não só para os alunos, mas também para os professores, pais e familiares dos alunos. (ALMEIDA, 1990)

Atividades lúdicas garantem uma aprendizagem significativa para a criança com dificuldades de aprendizagem, bem como o prazer, a socialização, o respeito, a individualidade. Pois, a criança estará aprendendo no seu ritmo, criando hipótese, chegando à conclusão e elaborando suas regras. Acertando e errando com seus próprios erros e retomando para acertar novamente. Assim, sua aprendizagem será significativa e levará consigo um aprendizado que nunca se esquecerá. Com isso, a criança será, também, um construtor do saber, privilegiando a criatividade, imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras preestabelecidas, nem velhos caminhos trilhados, abre novos caminhos, vislumbrando outros possíveis.

Conforme Santos diz que:

Considerar o ensino-aprendizagem escolar como algo que está

necessariamente imbricado no processo interativo professor aluno supõe admiti-lo também como movimento contínuo e dinâmico. É importante ressaltar que não estamos partindo do pressuposto de que são dois processos se contrapondo, mas que o ensino-aprendizagem escolar é encarado, em última instância, como inerente a grande parte do processo interativo entre professor e aluno.(SANTOS 1995, p. 2)

O lúdico como fator facilitador da aprendizagem e o professor como mediador. Fala-se muito em ludicidade nos dias de hoje, mas ainda não há aquela preocupação por parte de alguns educadores pela utilização do lúdico que é um recurso metodológico capaz de propiciar a aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade e a socialização da criança. Quanto mais se amplia à realidade externa da criança mais ela tem uma organização interna ágil e coerente. O educador precisa ser sensível às contingências em sala de aula e as criatividades que serão realizadas para que possam ser criadas condições de ensino e saber.

O lúdico para ser utilizado como recurso didático-pedagógico é preciso que seja de certa forma, elaborado pelo professor. Cabe a este fazer aplicação dos jogos de modo correto e eficaz, buscando as melhores técnicas e para isso é necessário que o mesmo já tenha em mãos esse material e compreendido de que forma ele melhor possa trabalhar os conteúdos de matemática.

Assim, o lúdico possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a importância do lúdico na formação da personalidade. Através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona ideias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, por meio dele vai se socializando com as demais crianças. Com isso, pode-se ressaltar que a educação lúdica esteve presente várias épocas, povos e contextos e forma hoje uma vasta rede de conhecimento no campo da Educação.

De acordo com Vygotsky ,

É na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva. Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.(VYGOTSKY 1984, p. 27),

Como podemos ver a criança aprende matemática enquanto imagina uma situação-problema baseada na sua realidade e no seu cotidiano, desafiando assim, a sua inteligência em busca de soluções, e isso, pode se dar em outros conteúdos escolares.

Sendo assim o lúdico é de grande importância para as crianças, pois sem distinção de idade ou classe social, estas atividades lúdicas devem constar no contexto político pedagógico da escola. O lúdico compreende os jogos as brincadeiras e os próprios brinquedos, tanto as brincadeiras de antigamente, bem como as atuais, pois são de cunho educativo e auxiliam na aprendizagem dos alunos, assim como no convívio social. É com a interação que as crianças vão desenvolvendo suas criatividade e liberdades. (VYGOTSKY 1984)

O professor da Educação Infantil precisa está atento às crianças quando estão no seu momento de distração para que possa observar atenciosamente a evolução ou não de cada criança. Saber do que gostam e do que não gostam é indispensável para um bom diagnóstico do processo socioeducativo delas, possibilitando ao professor analisar cuidadosamente sua prática em sala de aula.

A atividade lúdica é importante no desenvolvimento da criança, favorece a interação social, a formação da linguagem, facilita o processo de ensino aprendizagem. Perceber e utilizar o lúdico nos entremeios das atividades diárias, servindo como metodologia de aula, pode ser um grande aliado na luta contra o desinteresse e fracasso escolar. De acordo com Rodrigues:

[...] A atividade lúdica infantil fornece informações elementares a respeito da criança, compreendendo suas emoções, a forma como interage com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico, sua formação moral. (RODRIGUES, 2000, p. 46)

Sabendo da importância do lúdico para o desenvolvimento da criança, não se pode deixar de defender seu valor dentro do contexto escolar, uma vez que a escola acolhe crianças em fase de crescimento, ativas e dispostas a aprender.

As atividades lúdicas utilizadas em sala de aula são consideradas um meio pelo qual a criança desenvolve sua criatividade, seu espírito de liderança e a capacidade de atuar em grupo, sua capacidade de socialização, pois através dos jogos em grupo a crianças aprende a repartir, a ouvir e até mesmo a ter um espírito de liderança. Sabendo da importância do lúdico para o desenvolvimento da criança, não se pode deixar de defender seu valor dentro do contexto escolar, uma vez que a escola acolhe crianças em fase de crescimento, ativas e dispostas a aprender.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Tema: : A importância da ludicidade na Educação Infantil				
Tempo previsto: 4 aulas				
Agrupamento etário ou turma: 4 anos de idade				
<p>Apresentação da sequência: A atividade lúdica é importante no desenvolvimento da criança, favorece a interação social, a formação da linguagem, facilita o processo de ensino aprendizagem.</p> <p>O trabalho se justifica - se que o lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano. Através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona ideias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, por meio dele vai se socializando com as demais crianças.</p> <p>Tendo como grande relevância acadêmica para o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.</p>				
Desenvolvimento da sequência:				
Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	Campos de experiência	Desenvolvimento	Recursos	Avaliação
<p>- Aprender a prática de equilíbrio corporal, executando alguns movimentos circenses.</p> <p>- Trabalhar em grupo e aprender regras de convivência, como esperar a vez, ganhar e perder.</p> <p>- Desenvolver habilidades corporais (pular, virar cambalhota etc.).</p>	<p>Corpo, gestos e movimentos (EI01CG01)</p> <p>Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos. (EI02CG01)</p> <p>Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras. (EI03CG01)</p> <p>Criar com o corpo formas</p>	<p>1º movimento. Os alunos irão formar duplas ambos ficarão em pé, braços estendido a frente e vão dar as mãos, um dos alunos vai colocar um dos pés na altura da coxa do colega e depois o outro pé e se esquivar para trás e tentar se equilibrar. Depois eles trocam de lugar.</p>	<p>Colchonete, corda e obstáculos para as crianças pularem, como argolas e bambolês</p>	<p>O processo de avaliação deverá ser contínua, através da observação e registros do professor em fichas e diários de classe, a fim de documentar os progressos de desenvolvimento das crianças,</p>

	<p>diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música. (EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.</p>	<p>2º movimento, um da dupla deita-se no colchonete, com pernas elevadas e levemente flexionadas, braços elevados, o colega vai apoiar o abdome nos pés do colega deitado e segurar suas mãos e manter o corpo estendido, apoiando apenas nos pés e mãos do colega. Depois inverte a posição.</p> <p>3º movimento, um dos alunos vai se abaixar apoiar os joelhos e mãos no chão e ficar de quatro apoios, o outro colega vai saltá-lo sem se apoiar. Em seguida o colega que está abaixado vai erguer o corpo tirando as mãos do chão e ficando com o corpo curvado em um ângulo de 90º, o colega irá saltá-lo apoiando as mãos nas costas do que está curvado. Depois todos os alunos vão formar um círculo e ficarem na posição lateral, um atrás do outro, e farão sequência de saltos, um saltando sob as costas</p>	<p>suas habilidades e competências.</p>
--	---	---	---

		<p>do outro, usando as mãos para apoiar-se.</p> <p>4º movimento, os alunos terão que passar por cima de uma corda numa altura de 80 cm, fazendo estrelinha.</p> <p>5º movimento eles vão fazer uma pirâmide. Formar grupo com três participantes, formar uma base com dois alunos, um ao lado do outro, deixando um pequeno espaço entre eles, o terceiro aluno vai apoiar um pé na coxa de um dos colegas e o outro pé na coxa do outro colega, usar as mãos apenas para equilibrar, depois tentará soltar as mãos. Os três alunos vão revezar para que todos façam o topo da pirâmide.</p> <p>6º movimento, andar sobre a corda, lançando uma bola para alto e segurando, sem desequilibrar, simulando a corda bamba.</p>		
--	--	---	--	--

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, promover a educação lúdica na formação profissional, tomando como base uma graduação que alicerça a constituição da identidade lúdica do futuro

pedagogo, implica não apenas atender às demandas pedagógicas dos professores da Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental, mas, igualmente, estabelecer uma formação que reformule as condições da profissão docente e que visualiza em todo o percurso de sua formação um ideal a ser atingido, ou seja, a ludicidade dentro de sua profissionalização docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. Educação Lúdica: Técnica e Jogos Pedagógicos.SP: Loyola,1990

BRASIL, Ministério da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais; Matemática / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

FERREIRA, Gláucia. Palavra de professor(a). São Paulo: Mercado das Letras 2003.

FREIRE, P. Educação e Mudança. Rio de Janeiro, ed Paz e Terra, 1983.

FREIRE, J.B. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia . Saberes necessários À prática educativa. Coleção leitura. Editora Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Carmen Sevilha Gonçalves dos. Interação professor-aluno e aprendizagem de leitura e escrita numa primeira série do primeiro grau. Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, 1995.

RODRIGUES, Rejane Pena. Brincalhão. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____ A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WADSWORTH, Barry. Jean Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau. São Paulo, Pioneira, 1984.

Capítulo 19
AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elizabeth Soares dos Santos Miranda
Ligiane Oliveira dos Santos Souza

AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elizabeth Soares dos Santos Miranda

Ligiane Oliveira dos Santos Souza

RESUMO

A abordagem do trabalho tem a proposta tem como temática: “As manifestações culturais/artísticas na Educação Infantil. Escolhemos este assunto para possibilitar a aprendizagem interdisciplinar dos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas desse semestre e, também, para consolidar a reflexão sobre a prática em sala de aula. O trabalho tem como objetivo de trabalhar a interdisciplinaridade da arte e educação como princípio pedagógico, tem sido pronunciada como aquela capaz de realizar uma nova forma de educar, a de educar para a dúvida. Entretanto, sua concretização é marcada por muitas contradições, principalmente na questão conceitual e efetivação na escola. A importância da atitude interdisciplinar pode ser constatada pela ousadia na busca de novas soluções, da transformação das práticas docentes, da pesquisa e da construção dos projetos fundamentados na participação de todos, que levem o grupo a rever suas crenças a respeito da educação, da escola, do papel do professor e do papel dos alunos.

Palavras-chave: Culturais. Prática Pedagógica. Educação Infantil.

DESENVOLVIMENTO

A educação infantil é ministrada normalmente no período compreendido entre o zero e os cinco anos de idade. Neste período as crianças são estimuladas através de atividades lúdicas e jogos a exercitar as suas capacidades motoras e cognitivas, iniciando o processo de alfabetização, leitura e letramento.

Aprender por meio da brincadeira é uma premissa da Educação Infantil. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.27).

“Na brincadeira, os sinais, os gestos, os objetos, os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparenta ser, através do brincar, a criança tem em suas mãos a possibilidade de lidar estabelecer relações com os outros e com ela mesma”.

Sabemos que a Interdisciplinaridade se apresenta como a articulação dos saberes da humanidade visando à superação de uma visão fragmentada do mundo.

Para Morin (1987), pela interdisciplinaridade:

[...] procura-se estabelecer um método, o menos mutilante possível, que permita estabelecer o diálogo entre conhecimentos dispersos, fazendo-os desembocar numa compreensão da realidade o mais globalizadora possível. Para tanto, o operador do conhecimento deve tornar-se, ao mesmo tempo, o objeto e o agente do conhecimento. (MORIN 1987, p. 30)

No entanto a Literatura Infantil pode ser trabalhada pelo educador, mediador, como operadora desse conhecimento Interdisciplinar, de modo que a criança possa ter compreensão de sua realidade através do diálogo de saberes permitindo à ela a compreensão do homem, do mundo e de si mesma através da construção de uma ótica global.

A prática interdisciplinar através de um trabalho coletivo exige uma autonomia do sujeito, pois envolve competências docentes para contextualizar os conteúdos; valorizar o trabalho; desenvolver atitude de pesquisa; valorizar e dinamizar a comunicação; resgatar o sentido de humano e trabalhar com a pedagogia de projetos.

O professor deve mediar para que desperte na criança o interesse pela história que está sendo contada dialogando com ela novos saberes, provocando a curiosidade, promovendo novos questionamentos e o pensamento crítico-reflexivo.

Segundo Silva (2011) o questionamento gera a dúvida; a dúvida pede resposta; a resposta gera a reflexão. Desta inquietação forjam-se leitores assíduos, sujeitos pensantes, protagonistas de sua própria história em busca de novas descobertas, de novos conhecimentos, em uma procura contínua da saciedade de suas curiosidades e de novas aventuras motivados pela Literatura infantil.

Ao utilizar-se da Literatura Infantil o professor tem que conhecer a história, de forma que prenda a atenção das crianças e que provoque as diversas emoções. Neste momento a ludicidade, parte integrante dos livros infantis, provoca o imaginário das crianças despertando a curiosidade, o interesse e a criatividade delas. Cabe, portanto, ao educador fazer a entonação das palavras, fazer uso das possibilidades da voz para a fala de cada personagem, contar a história através de fantoches e utilizar outros recursos pedagógicos.

O desenvolvimento integral das crianças por estar inserido em um ambiente de dispõe de proposta lúdicas ao mesmo tempo em que contempla o educativo, pois a cultura de um povo é um bem mais precioso o qual devemos cultivar, por revelar sua identidade. Como os meses de julho, agosto e setembro são contemplados com

atividades culturais a exemplo do folclore brasileiro, dia do soldado, dia dos pais.

Expressar tradições culturais, conhecimentos, contos e cantigas de roda nos faz viajar no tempo, lembrar como podemos resgatar essa infância que desenvolve os eixos temáticos da educação infantil, contemplando de forma interdisciplinar: A linguagem oral e escrita, a matemática, natureza e sociedade, artes, movimentos e músicas.

Segundo o Currículo em Movimento da Educação Básica do GDF (2014) é necessário o desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos, da leitura, escrita e oralidade proficiente do estudante pelo contato com diversos gêneros textuais por meio da literatura, mas é importante que o mediador desse processo saiba articular os eixos integradores dos Anos 14 Iniciais que são: Alfabetização, Letramentos e Ludicidade e os conteúdos curriculares de forma equilibrada, como é relatado no trecho a seguir:

[...] sabe-se que o texto literário é um texto para emocionar, divertir e dar prazer, mas é também repleto de informações acerca do mundo e das relações humanas. Nesse sentido, é proveitoso que o trabalho com a literatura se dê de forma equilibrada, sem conduzir a um mero desencadeador temático de conteúdos curriculares, mas aproveitando a consistência e a riqueza do acervo literário para somar novos conhecimentos e olhares do que está sendo estudado (PNAIC, unidade IV, 2012).

Os conteúdos irão priorizar, de forma interdisciplinar, o desenvolvimento das capacidades de leitura, escrita, expressivas e estéticas, matemática, natureza e sociedade, música e movimento e artes visuais, possibilitando a apropriação do conhecimento em diversas situações de aprendizagem, de forma gradual e espontânea com a participação em diferentes atividades pedagógicas e lúdicas, envolvendo a percepção de pontos de vista e experiências vividas. Neste contexto, dramatizar a realidade é apropriar-se dela para poder entender a vida, os diferentes papéis sociais e as relações entre eles.

Sendo assim, o trabalho com a literatura, ludicidade e arte nos traz a possibilidade de explorar várias habilidades e competências desta faixa etária da educação infantil, transformando a aprendizagem num lindo faz de conta.

2 PROPOSTA DE TRABALHO DE ENSINO

Identificação do local: Educação Infantil

Período de realização: Vespertino

Turma: Pré III

Professores: ADRIANA APARECIDA GONÇALVES

Tema: Arte e Educação

Objetivo geral: Resgatar e envolver a cultura popular brasileira e regional, através da arte e da música numa perspectiva interdisciplinar.

Objetivos específicos:

- Despertar o interesse e o gosto pelas diversas formas de expressões artísticas (pinturas, desenhos, modelagem, colagem etc;)
- Apreciar as imagens artísticas nos diversos meios, como livros, revistas, contatos com artistas etc;
- Conhecer e vivenciar os costumes da região nordestina;
- Participar de jogos e brincadeiras que envolvam artes e música;
- Valorizar a ação artística e o respeito pelas produções individuais e coletivas

Percurso metodológico:

A partir das histórias infantis desenvolverem a criatividade em forma de artes.

- Interação das crianças no ano cultural com exposição de cartazes e dramatização.
- Danças regionais folclóricas com apresentação das crianças na “ Estação Cabo Branco”
- Jogo dos artistas criado pela educadora para explorar o universo cultural;
- Com a ajuda da educadora as crianças expressará seu lado artístico estimulado pelos diversos artistas já mencionado nas aulas anteriores.

Será desenvolvido contemplando, de forma interdisciplinar, os eixos temáticos norteadores da educação infantil, em consonância com o Referencial Curricular da Educação Infantil. A partir dessa perspectiva, faremos um apanhado do que pode ser trabalhado em meio ao universo com o qual a arte e a cultura estão inseridos:

A hora do Conto: Atividades desenvolvidas dentro do componente curricular linguagem oral e escrita através de diálogos com adultos e/ou seus próprios pares

nas diversas situações de interação social e no faz de conta em que estas crianças se expressão via imitação, observação, familiarização com a escrita e leitura através do manuseio e audição de livros, revistas, escuta e encenação de diversos tipos de textos.

Artes Cênicas: As atividades desenvolvidas dentro deste componente curricular, o fazer artístico/ teatro, tem como um dos objetivos a exploração e reconhecimento de diferentes movimentos gestuais, visando a produção de marcas gráficas e complementando com os trabalhos o objetos produzidos individualmente ou em grupo (RECNEI, Vol. 3, p. 97).

Desenvolvimento da Identidade e Autonomia: Na construção deste conceito a criança gradualmente, permite-se enquanto ser social a compreender-se e comunicar-se através de múltiplas formas tendo em vista a aquisição de seus próprios limites corporais e isso ocorre de forma efetiva na oportunidade do trabalho com o teatro via histórias infantis entre como a história “Menina Bonita do Laço de Fita”, entre outros diversos contos de fadas da nossa literatura.

Avaliação:

O processo de avaliação deverá ser contínua, através da observação e registros do professor em fichas e diários de classe, a fim de documentar os progressos de desenvolvimento das crianças, suas habilidades e competências.

Bibliografia:

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, vol. 3 Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- FONTANA, R; CRUZ, M. N. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.
- STABILE, Rosa Maria. A expressão artística na pré-escola. São Paulo: FTD, 1998.158p.
- VYGOSTSKY, L.S. A Formação social da mente. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Identificação do local: Educação Infantil

Período de realização: Vespertino

Turma: Pré III

Professores: ADRIANA APARECIDA GONÇALVES

Tema: Literatura e Ludicidade

Objetivo geral: Resgatar e envolver a cultura, através da literatura e ludicidade numa perspectiva interdisciplinar.

Objetivos específicos:

Incentivar participação em atividades lúdicas, individuais ou em grupo com o objetivo de viverem o “ser criança”.

Promover valorização histórica cultural e étnica com jogos e brincadeiras, livros infantis, teatro, textos informativos e outros recursos.

Percurso metodológico:

O eixo norteador do Sítio do Pica Pau Amarelo, pontua algumas atividades que serão realizadas durante o ano, dentre elas a narração de histórias aparece em atividades individuais e também coletivas, além da “sacolinha da leitura” onde toda sexta feira uma criança leva uma sacola contendo: fantoche, revista, texto leitura para a família e livro infantil. A organização do dia-dia está pautada em cima de algumas atividades, como a roda, onde as crianças têm como conteúdo: música, literatura, temas especiais, chamada, escolha dos ajudantes, estabelecimento de regras, discussão de problemas na sala e dilemas sociais e morais. Os cantinhos, que são divididos entre “mesa de atividades” que consiste em desenhos, pintura, recorte, colagem, jogos de regras; faz de conta, que engloba a casinha, ferramentas e o cantinho da leitura; e área de movimento (tapete) jogos de construção e roda. Hora da arrumação que consiste no momento de se trabalhar o desenvolvimento dos sentimentos de necessidade moral e a responsabilidade das crianças. Parque e/ou atividades externas, acontecem fora da sala, onde são apresentadas diferentes atividades para que as crianças possam brincar, imitar, imaginar e criar livremente, junto com a professora e com as outras crianças

Avaliação:

A avaliação se dá no dia-a-dia com a turma, também através do caderno de registro diário, fotos, vídeo, livro da vida (, observação e registro dos trabalhos e atitudes das crianças, além da ficha descritiva que contempla os objetivos do trabalho da Educação Infantil.

Bibliografia:

AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. Presença Pedagógica - Belo Horizonte - Editora Dimensão - Nº 27 - mai/jun 1999.

DEBUS, Eliane. Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

Identificação do local: Educação Infantil

Período de realização: Vespertino

Turma: Pré III

Professores: ADRIANA APARECIDA GONÇALVES

Tema: Alfabetização e Letramento

Objetivo geral: Buscar condições aos alunos para aprender o seu nome próprio, através de uma prática que visa contribuir para o desenvolvimento integral da criança no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo os aspectos físicos mental, afetivo-emocional e sócio- cultural, buscando estar sempre condizendo com a realidade dos educandos.

Objetivos específicos:

Conhecer a história de seu nome e seu significado;

Compreender a história de seus colegas a partir de sua;

Conhecer e respeitar os diferentes costumes das famílias, grupos e povos;

Desenvolver habilidades sociais;

Identificar fontes históricas sobre sua vida;

Integrar dados pessoais relacionados a sua pessoa;

Reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano;

Ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão;

Desenvolver e explorar a produção da arte através do desenho, música e brincadeiras;

Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura;

Percurso metodológico:

1ª Oficina: “retratando a imagem”

.Roda de conversa: momento de apresentar o projeto para os alunos;

. Momento de deixar os alunos argumentar sobre o mesmo;

. Contagem dos alunos;

. Atividade: levar os alunos no estúdio fotográfico para tirar foto, a mesma é para confeccionar um boneco com o nome das crianças.

. Modelagem: modelar o nome de cada um com massinha.

Atividade “Caixa de nomes”:

Preparar as fichas com o nome da professora, da monitora e das crianças da turma com foto.

Os nomes devem ser escritos em fichas brancas, coladas em papel colorido e padronizadas (tamanho, cor de caneta, foto e tipo de letra). Devem ter alinhamento à esquerda para que possibilite o trabalho com as noções de tamanho (nome) e quantidade (letras).

Colocar as fichas dentro de uma caixa surpresa.

Como trabalhar:

Crianças assentadas em roda;

Retire de dentro da caixa surpresa uma ficha com o nome de uma das crianças;

Leia-o e peça às crianças que repitam;

Coloque a ficha no centro da roda, para que possa ser visualizado por todos.

Depois cante a música “A canoa virou” com o nome sorteado;

A criança cuja ficha (crachá) está no meio da roda deve pegá-la e afixá-la no cartaz de prega.

Repetir a música para cada nome.

Argumentar sobre a mistura de raças e cultura de cada um:

Você se parece com alguma das crianças da cena?

E seus colegas de turma?

- Quais são as semelhanças? E as diferenças?

. História “O menino e o espelho”:

1º contar a história;

2º questionar sobre a mesma e deixar os alunos argumentar suas opiniões e desejos;

3º Momento de levar os alunos para se olhar no espelho:

- nessa atividade é importante destacar que cada criança é única apesar de apresentar semelhanças com outras pessoas.

Avaliação:

O processo de avaliação deverá ser contínua, através da observação e registros do professor em fichas e diários de classe, a fim de documentar os progressos de desenvolvimento das crianças, suas habilidades e competências.

Bibliografia:

Cantando e Aprendendo. Kelly Cláudia Gonçalves. São Paulo: Rideel, 2008. (Coleção Cantando e Aprendendo).

Crescer Sabendo Ser: Maternal. Vânia Moraes Ramos, Maria José H. Ferreira. Belo Horizonte: FAPI, 2002.

Fofurinha: 3 e 4 anos: volume 1. Solange Valadares, Érika Valadares, 1.ed. Belo Horizonte: Editora FAPI, 2010.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que, a partir das interações que o aluno tem através de atividade podem proporcionar ricas experiências de aprendizagem.

Devemos proporcionar aos nossos alunos na Educação Infantil, uma prática pedagógica que vise o desenvolvimento integral das crianças com o trabalho voltado às atividades lúdicas, aprendizagens significativas capazes de promover o aprimoramento das habilidades necessárias à construção do conhecimento a fim de que possamos garantir que nossas crianças se desenvolvam, construam e adquiram conhecimento e se tornem autônomas e cooperativas.

Sendo assim, o ensino da leitura por meio do lúdico é uma forma de promover as informações a serem passadas e a liberdade dos alunos se expressarem. O aprendizado da leitura é um processo que cada indivíduo tem em si, o que possibilita que ele desenvolva as capacidades essenciais para a sua formação e seu convívio em sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Unidade IV. Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

DISTRITO FEDERAL Currículo em Movimento para Educação Básica-Ensino Fundamental Anos Iniciais. Brasília, 2014.

MORIN, E. O método III: o conhecimento do conhecimento. Lisboa, Europa-América, 1987.

SILVA, E. T. Ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 11. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.



ISBN 978-658488510-3



9 786584 885103